

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

REDATORES -- Majores: J. B. Magalhães, (Presidente) e Renato Nunes, e Capitães Alexandre Chaves e Decio Escobar

SECRETARIO -- Major José Faustino Filho

GERENTE -- Cap. J. Batista de Matos

ANNO XX

BRASIL — Rio de Janeiro, Novembro de 1933

NUM. 234

SUMARIO

EDITORIAL	Paga.
A futura Constituição e a Defesa Nacional.....	571
COLABORAÇÃO	
Um batalhão na defensiva — Cap. Segadas Vianna.....	576
Hitlerismo, Fascismo, Bolchevismo — Major J. B. Magalhães.....	583
Dicionarios Balisticos — Cap. Ari L. M. Silveira.....	587
Manobras com tropa pelo corpo de alunos sargentos de Infantaria — Major Tristão Araripe.....	588
Projeto de transformação e utilização pratica das linhas de tiro Ten. Cel. Torres Guimarães.....	595
Dos meus apontamentos de tenente — Cap. Nilo Guerreiro Lima	598
C. P. O. R. — Cap. José Alves de Magalhães.....	609
Serviços de Fundos e de Intendencia — Ten. José Sales.....	611
Identificação dos animais da tropa — Ten. Ari de Menezes Gil..	615
Melhoremos o nosso cavalo segundo os preceitos da equinotecnica 1.º Ten. Armando R. de Oliveira.....	625
Alguns apontamentos sobre tração animal — Ten. Cavalcante Proença.....	631
Folha impressa para organização das lições de educação fisica — 1.º Ten. Léo Borges Fortes.....	638
O problema da Instrução na Cia. de Infantaria — Cap. J. B. Mattos.....	635
DA REDAÇÃO	
A Constituinte e a Defesa Nacional.....	624
Atos officiais.....	630
Bibliografia.....	637

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Batista de Magalhães, Renato Nunes, Alexandre Chaves e Decio Escobar (Diretores); José Faustino (Secretario); Paes de Andrade, Gervasio Duncan, Anôr dos Santos, Sâio Cardoso, Batista de Matos, Artur Carnaúba, Macedo Soares, Bandeira de Melo, Emilio Ribas, Otavio Paranhos, Armando Ancora, Augusto Sevilha, Lima Camara, José Sales, Raul Tavares, Ismar Brasil, Muniz Barreto e Batista Pereira.

CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Major José Faustino Filho. — Redatores das armas: Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Capitão Olívio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Tenente-Coronel Ajalmar Vieira Mascarenhas; Serviços: Saúde — Capitão A. Gentil Basilio Alves; Intendência — Major Raul Dias Sant'Ana; Veterinaria — 1º Tenente Armando Rabelo de Oliveira.

AUXILIARES

Infantaria — Capitão J. B. Matos, B. Rangel J. Segadas Viana, H. Castelo Branco, Alexandre Chaves e Nilo Guerreiro; Int.º — Ten. José Sales; Cavalaria — Capitão Ladário P. Telles; Eng. — Capitão J. L. Figueiredo.

CORPO DE REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. —	E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro e Tenente Basilio Magno
E. M. E. — Cap. Peri Bevilacqua	E. A. — Ten. Baptista Pereira
D. P. G. — 1º Ten. Toscano de Brito	E. C. — Cap. Armando Ancora
D. C. — 1º Ten. Toscano de Brito	E. E. — Cap. Luiz Betamio
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis	E. Eng. Militar — Cap. Jandir Galvão
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro	E. Av. — Ten. Hello Brugman
Dir. Av. —	E. M. — Ten. Almeida de Moraes
Dir. Remonta — Cap. Diogenes Anacleto Dias dos Santos	E. M. P. — Ten. Leandro J. Costa
Dir. I. G. — Ten. José Sales	E. V. E. — Ten. Armando Oliveira
Dir. S. G. —	E. S. I. — Ten. Hugo de Faria
Dir. Geogr. do Ex. — Cap. Castelo Branco.	C. M. R. J. — Ten. Milton de Souza
Dir. G. E. — 1ª Divisão — Cap. Roberto Pedro Michelena	C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva
Radio — Ten. Juracey Campêlo	C. M. C. — Cap. Djalma Baina
A. Costa — Cap. Ari Silveira	A. G. R. J. —
1ª R. M. — Ten. Romão LLeal	A. G. P. A. —
2ª R. M. — Cap. Moacir Marroig	F. C. A. G. — Ten. Brito Junior
3ª R. M. — Cap. Carlos Analio	F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
4ª R. M. — Cap. Oscar Costa	E. P. E. —
5ª R. M. —	E. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
6ª R. M. — Major Lopes da Costa	Coudelaria de Saican
7ª R. M. — Major Inácio Verissimo	Idem de Rincão
8ª R. M. —	Dep. Rem. — Monte Belo — Cap. Oromar Osorio
Dir. Militar — Ten. Cel. Mario Xavier	Dep. Rem. — Campo Grande
Dep. Rem. — Cap. Newton O'Reilly	Dep. Rem. — Valença.
Cap. Osvaldo Lopes	

T R O P A INFANTARIA

Combata — Ten. Augusto Presgrave	6º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento
Escola — Ten. Nilo Santiago	7º B. C. — Ten. Riograndino C. e Silva
Manual I. — Cap. Fernandes Guedes	8º B. C. — Ten. Gelci Brun
Manual R. I. — Ten. Roberto de Pessoa	9º B. C. — Ten. Domingos Jorge Filho
O Tiro I. — Ten. Leal Ribeiro	10º B. C. — Ten. Afonso Ferreira
Notas R. I. — Ten. Paulo A. Miranda	13º B. C. — Ten. Eduardo Regis
R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães	14º B. C. — Ten. Germano Donner
Defesa I. —	15º B. C. — Cap. Archimedes Doria
Manual X. — Ten. Castro e Silva	16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo
Combate C. — Ten. Luiz G. V. de Mesquita	17º B. C. — Ten. Miguel Mozzili
I. — Cap. Gilberto Virgilio de Carvalho	18º B. C. — Ten. Osvaldo Matoso Maia
I. — Ten. Jacinto Godoy	19º B. C. — Ten. Murilo Borges Moreira
I. — Ten. Ari Ruch	20º B. C. — Cap. Temistocles de Azevedo
I. — Ten. Nicolau Fico	21º B. C. — Cap. Benjamim Almeida
I. — Cap. Floriano de Farias	22º B. C. —
ante cond. — Ten. Tancredo Cunha	23º B. C. — Ten. Raimundo Teles
Fach. — Ten. Ajax Corrêa	24º B. C. — Ten. Alexandre C. Moreira
do Rio de — Cap. Nilo Chaves	25º B. C. — Ten. João Gomes Tinoco
correspond. — Ten. Armando Alvim	26º B. C. — Ten. Altino Dantas
A Ger. — Ten. Decio Vassimon	27º B. C. —
Dirigi — Ten. Almeida Magalhães	28º B. C. — Ten. João de Melo Rezende.
de provist. — Ten. Nelson de Carvalho	29º B. C. — Ten. Reinaldo Reis

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

REDATORES -- Majores: J. B. Magalhães, (Presidente) e Renato Nunes, e Capitães Alexandre Chaves e Decio Escobar

SECRETARIO -- Major José Faustino Filho

GERENTE -- Cap. J. Batista de Matos

ANNO XX

BRASIL -- Rio de Janeiro, Novembro de 1933

NUM. 234

EDITORIAL

A futura Constituição e a Defesa Nacional

"L'avenir est plus considerable que le present."

Rechellieu.

A nova faze da vida nacional que indubitavelmente se inaugura com a instalação da Assembléa Constituinte da Nova Republica, será prospera ou nefasta conforme, a intelligencia e o patriotismo com que se houverem os delegados do *Eleitorado Selecionado*.

Não ha duvidar. A revolução de 1930, termo final de uma reação continuamente crescente contra o abastardamento do regime republicano, destruiu vicios de politica herdados de um passado mal compreendido. Quaisquer remanescentes não desaparecer ou o movimento de reação retomará seu curso sob uma forma qualquer...

O Brasil progride sempre. Não voltará atraz, nem estagnará...

Mas a direção desse progresso pôde variar e vae depender em grande parte dos resultados da Constituinte.

Ou o Brasil surgirá com a nova Constituição mais consolidado em

sua contestura e conciencia nacionais ou tenderá celere para o desmembramento, em meio de perturbações incessantes, que serão os frutos de uma falsa interpretação da realidade politico-social do momento.

Foi mesmo um dos grandes efeitos consequentes da Revolução o *aumento da tendencia ao separatismo* pelo excessivo apêlo feito, conciente ou inconcientemente, ás forças e sentimentos regionais, numa lastimavel encomprensão da grandiosidade nacional. E' symptoma evidente da gravidade desse perigo que ora corre a Grande Patria de José Bonifacio, a propria reação que com energia se manifesta em certos espiritos contra tão desgraçada ameaça.

O perigo, de fato, se manifesta, como jamais, quer na propaganda hostensiva de *anti-brasilidade* que se opera em certa unidade da federação, em trabalho intenso e visi-

vel de organização militar, moral e pratica para a *luta de amanhã*; quer na pratica, em certa outra unidade, de um verdadeiro regime de vida separada.

Numa, o proprio berço do *arquitecto ousado* que argamassou um Imperio solido com suas mãos robustas, propaganda insidiosa prepara desde a escola a infancia e por todos os meios o espirito do povo para uma revolta ingloria, excitada por um orgulho mediocre; as forças militares, mentais, morais e praticas organizam-se e exercitam-se, nesse sentido, desenvolvendo-se sem cessar. E nada as contrabate.

Noutra, a velha terra das lutas liberais e dos gestos largos de imponencia teatral, nada se diz contra a Grande Patria, mas vive-se dela independente de fato: -- exercito, dinheiro, politica, tudo existe de carater regional.

Temos aqui dois termos, dois extremos limites que definem a larga e ampla estrada que seguem os *separatistas confessos ou inconcipientes*.

Entre estes aspetos inconfundiveis, muitos outros se manifestam em outras unidades da Federação, não propositada ou intencionalmente desagregantes, mas fortemente contribuidores d essa má obra, pela insuficiencia com que encaram certas questões de importancia vital, entre as quais as que se referem á defesa *nacional e suas instituições*.

No momento em que se reúne a Assembléa Constituinte donde surgirá a definição de "um regime

democratico, destinado a *garantir a liberdade, assegurar a Justiça, ENGRANDECER A NAÇÃO e preservar a paz*" (*) é indispensavel que todos sintam a importancia do momento e a severa responsabilidade que assumem os que devem decidir.

Nenhum ponto de vista pessoal, ou mediocre sentimento regionalista, deve predominar sobre os interesses gerais nesta grande hora nacional.

Que os constituintes reflitam, sem jamais deixar obscurecer a idéa, que fazem obra principalmente para o futuro:

"— *l'avenir est plus considerable que le présent...*"

O Brasil tem progredido sempre apezar de perturbações constantes, não obstante a ação retardadora dos que não compreendem a causa publica; muito embora o mau efeito do culto das incompetencias nele avassalador, a moralidade as vezes precaria com que se lhe pesam os erarios e os rumores constantes de pessimismo e descrença que espalham certos individuos, mais ou menos interessados em manter turvas as aguas de seu ambiente politico administrativo.

Da pujança de suas energias vitais e da força de seus destinos grandiosos que melhor exemplo se póde ter do que o que se vem realizando desde 1930 em meio da tremenda crise mundial e das mais variadas e desnorteantes tendencias dos politicos internos, com farda ou sem farda, onde não raro, predomina a impossibilidade de comprehensão das verdadeiras conveniencias do momento?

(*) São termos do Ante-Projeto.

Mas *toda capacidade de resistencia tem limites*. A ação continua da gota dagua perfura o granito milenar.

As rochas solidas se desagregam e se esfacelam com os embates do tempo, ao sabor dos acasos...

Póde-se dizer em sintese que a *competencia* da atual Assembléa Constituinte terá seu justo valor revelado nas medidas que adotar para assegurar a *solidariedade nacional*, isto é, no modo porque "*engrandecerá a Patria*", "*garantirá a liberdade*" e "*preservará a paz*".

Para realizar os objetivos expressos nas palavras que apresentam o *Ante-Projeto* lançado pelo Governo Provisorio ao julgamento da Assembléa que se reúne no Palacio levantado sobre a area da *Cadêa* de onde saiu Tiradentes para se dar em holocausto á Liberdade da Patria, bastará que se inspirem os legisladores atuais na conduta e no amor da Patria dos grandes vultos que tão linda a souberam construir. Mais lhes ha de valer um sentimento puro de *brasilidade* para bem guia-los na reconstrução da Republica que é seu dever operar, que a afetação de requintes de cultura juridica ou de conhecimentos filosoficos nem sempre tradutores de uma compreensão razoavel da realidade do mundo.

De fato, muitas vezes a linguagem e o pensamento que todos entendem contém mais verdades que inflamados gestos demagogicos ou verborragicas e inexauriveis expansões, praticamente *inuteis e perturbadoras*, em via de regra.

Seja como for, o ponto maximo

da discussão constituinte de agora está na reação que o novo codigo politico exercerá no sentido de fortalecer os laços da Federação. Continuará a solidariedade nacional, continuará a União a ser solapada pelos fatores insidiosos que contra ela conspiram, ou sairá mais forte com a aplicação das novas regras constitucionais que regerão a vida do conjunto Brasileiro?

Sem desconhecer a importancia que terá a liberdade concedida aos Estados e Municipios, a qual em excesso matam a unidade nacional; sem desconhecer que a concentração excessiva de poderes num *orgão central*, como querem alguns, terá por maior efeito acelerar o desmembramento porque provocará reações; reconhecendo que a União compreende os fatores raciais, sociologicos, historicos etc., e que só poderá ser fortificada e engrandecida se se souber desenvolver e ampliar estas influencias fundamentais, ligando-as convenientemente entre si; tendo em conta que a Nação Brasileira só persistirá si formos bastante habéis para evitar ou neutralizar as forças centrifugas que contra ela conspiram açuladas pela ignorancia e alimentadas pelo indiferentismo; vemos nos dispositivos do *Ante-Projeto* de Constituição que regulam os interesses da *defesa nacional*, uma base segura para o desenvolvimento e consolidação da Nação Nova sob um grande, uniforme e largo espirito nacional.

De fato. Não será, então, demasiado, tal é a importancia desse assunto, pedirmos a atenção de nossos leitores, e sobretudo dos Constituintes, para o que contem a respeito o *Ante-Projeto*.

A Secção VI do Titulo I encerra os dispositivos que proveem as necessidades da defesa nacional, os quais se completam com o que dispõe o Titulo IV sobre os territorios de fronteiras.

De fato, se a Constituinte tiver a bastante sabedoria para aceitar o que foi proposto pelo Governo Provisorio, ela terá salvaguardado os interesses da defesa nacional, como o não suberam fazer os constituintes da Velha Republica.

A Secção VI sob o titulo "A Defesa Nacional" é sobria, mas completa.

Atende as características da guerra moderna, *nacional e total* e permite á nação organizar-se conforme suas necessidades. Para que isto seja possível e não mais fique relegado indefinidamente para segundo plano, pela ignorancia ou desplencia dos que governam, crêa o Ante-Projeto um órgão responsável incumbido de zelar e de salvaguardar tão importante aspecto das questões patrias: *O Conselho Superior da Defesa Nacional*.

De outro lado, atende ainda as mutações fatais sobrevindas ao modo do viver nacional, quando surge o estado de guerra e preponderam razões militares; e define com precisão as esferas de ação e responsabilidade entre o poder politico e o comando militar em tal emergência.

Mantem, e amplia até, as *garantias de situação*, necessarias aos militares de carreira para que se possam dedicar *exclusivamente* aos seus deveres profissionais, assegurando-lhes *uma hierarquia* bem constituída sob principios logicos. Não despreza as classes semi-permanentes.

Tendo em conta que as forças armadas são *órgãos essencialmente politicos* por isso que são instrumentos da Politica (com P maiusculo), da *Soberania Nacional*, veda aos militares fazerem parte de *conclaves partidarios*.

Nesse ponto é fraco o Ante-Projeto. Não basta que os militares não possam fazer parte de *agregações politicas*. Eles não devem exercer o *voto*.

O *voto* e a *lei de obediencia* aos superiores hierarquicos que a Constituição estabelece, são *idéas contraditorias*. O *voto é incompativel com o conceito e com as necessidades da disciplina*.

As classes armadas como forças nacionais que são, devem obedecer a um destino superior; seus elementos por isso mesmo são hierarquizados sob uma *idéa preponderante*. Tem elas sua aplicação determinada em lei, o que exige sejam *essencialmente obedientes a quem a lei indica como responsável* por seu emprego. Assim acontecendo, não lhes compete interpretar o grau de sabedoria daqueles a quem tem contas a prestar. A critica, nesse particular, é-lhes naturalmente vedada pois, que tal exame poria em cheque a autoridade daquelle que a lei designa como responsável pela *aplicação da força*.

Foi sabida a Constituição de 1891, declarando-as *essencialmente obedientes aos seus superiores hierarquicos*. Não foi, porém, logica com tal idéa, ao atribuir ás classes armadas, com o carater de forças permanentes, certas faculdades. O Ante-Projeto incide no mesmo erro.

O *voto* é regalia contraditoria com essa regra de obediencia por

ele proprio instituida, pois autorisa os elementos permanentes das forças armadas, logicamente, a exercer a critica sobre a conduta dessas mesmas autoridades a quem devem ser essencialmente obedientes. *Esse, o fato indiscutivel.*

Os cidadãos que exercem a *autoridade*, são designados por eleição e são periodicamente mutaveis. Segue-se daí que os militares em atividade, *constituindo a força permanente*, votando, concorrerão para escolher a autoridade a quem deverão depois tornar-se essencialmente obedientes, o que equivalerá em suas consequencias, a anular o principio da hierarquia, ou, ao menos, a torna-lo *hesitante e enfraquecido*.

Observe-se agora que o direito de votar conduz aquele que o exerce a procurar valoriza-lo pela incorporação a correntes de opinião do agrado do votante. E' então incoerente o Ante-Projeto quando proíbe ao militar a *incorporação politica* e dá-lhe ao mesmo tempo o direito de votar.

Esse direito tem como complemento natural o de arregimentação num partido politico, porque é condição natural para seu maior rendimento.

Não haverá daí incompatibilidade com a disciplina militar?

Votar é escolher, o que exige *analisar, comparar, julgar*, os atos do Governo a quem o militar por lei é essencialmente obediente!

Os *males* que o *voto* inflinge á disciplina são bastante graves. Imagine-se o que irá pela caserna em época de eleições onde os chefes, coroneis e maiores são provavelmente conservadores, os capi-

tães liberais e os tenentes *reformistas avançados!*

Terá o Governo em tal força armada uma garantia das instituições?

Para que se tenha uma idéa dos males que a politica eleitoral (com p minusculo) ou a politica *das disputas do poder*, causa ás instituições armadas e á defesa nacional que se rememore um pouco os *unicos efeitos* que entre nós tem ela produzido.

Essa politica intervem nas classes armadas para as *dissolver*.

Tambem nenhuma vantagem ha em que o militar seja *politico militante*, por isso que todo militar que se faz politico como politico deixa de ser *militar de fato* e acarreta para sua classe males maiores que beneficios, mesmo quando tem a estatutura grandiosa de um Caxias.

Ele atráe sobre a classe os odios e *revanches* da politica partidaria.

Em nosso modo de ver, pois, o que dispõe o *Ante-Projeto* sobre a materia da defesa nacional, aparte o senão que vimos de referir, é digno do maior apoio da *opinião publica*. Ele apresenta notavel superioridade sobre a Constituição de 1891. E' justo, verdadeiro, honesto.

A propria questão das *forças militares estaduais* encontra no *Ante-Projeto* uma solução razoavel e flexivel, a unica mesmo que convem impôr no estado atual da questão, pois que erige o Governo Central em arbitro da situação e não *engaja* o futuro de modo irremediavel.

Os dispositivos sobre a *fronteira* correspondem perfeitamente ás necessidades da segurança nacional.

SECÇÃO DE INFANTARIA

Um batalhão na defensiva

pelo Cap. J. Segadas Vianna

(Instrutor das E. A.)

O presente trabalho nada mais é do que a discussão e redação da Ordem de Defesa de um Batalhão, de acordo com um reconhecimento do terreno feito este ano com os alunos das Escolas de Armas pelos instrutores de Tática Geral das mesmas escolas. Algumas das ligeiras modificações que foram feitas na situação geral, visaram tornar mais simples ou mais interessante este estudo, sem entretanto lhe modificar a essência.

SITUAÇÃO GERAL

(Carta da Vila Militar 1:20.000)

Forças azues de Oeste atacam na direcção de Leste a cidade do Rio de Janeiro, cujos defensores (vermelhos) têm recebido alguns reforços ultimamente e estão organizados na linha M. Bananal, M° Boa vista, M° Carrapato, M° Jaques, orlas Oeste da Vila Militar.

UMA Bda. de Cavalaria Azul tomou o contato com os vermelhos instalando-se na linha Col. Cabral, M° Periquito, etc.

No dia D, um Destacamento Azul composto de 4 Btls. e 3 grupos de Artilharia, atingiu a região de M° do Retiro com a missão de instalar-se defensivamente na linha M° do Capim Melado — M° S. Bento e orlas L, de Bangú, tendo por objectivo:

a) — cobrir a marcha dos elementos restantes da D. I.

b) — acolher a Bda. de Cavalaria que se vae retirar por estar muito exgotada.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Às 10 hs., da manhã do dia D, o B. C. que fazia parte do Destacamento, atingiu as saídas L. do desfiladeiro entre M° do Boqueirão e M° do Quitungo onde estacionou em um dispositivo articulado, e às 10 hs. e 30' seu cmt., cujo P. C. ficava na cota 37 (400 ms. ao N. do M° do M° Quitungo) recebeu a ordem de Defesa do Destacamento, da qual consta o seguinte:

a) — O Destacamento instalar-se-á em uma posição cuja L. P. R. passa por Heron — Trem — Capão Redondo, col. da Torre, etc., e cuja L. D. passa por Capim Melado, cotas 40 e 30 respectivamente a 700 e 1.200 m. ao S. desse morro, M° do Retiro etc.

b) — Ao 14 B. C. contando com o apoio direto do II5.º R. A. D. caberá a defesa do C. R. do Norte, que tem por limite, Sul a linha Morro do Quitungo inclusive, cota 29 (1.100 ms. ao N. do M° Retiro), Cancela Preta, Serraria, Morro do Periquito (inclusive).

c) — os P. A. terão missão de vigilância e sua localização no C. R. do N. fica a cargo do comte. do Btl., devendo entretanto haver um posto em Serraria em ligação com o 13 R. I.

d) — A entrada em posição será feita na manhã do dia D — I e deverá estar terminada às 12 hs.; nesse mesmo dia ao cair da noite a Bda. de Cav. abandonará suas atuais posições recolhendo-se á retaguarda do Destacamento.

e) — O comte. do Dest.º terá parte de suas reservas entre Quitungo e M° Lameirão.

f) — Estacionamento dos T. E. — Engenheiro Trindade.

TRABALHO PEDIDO

1.º — Justificação do traçado da posição, escolhida pelo cmt. do Destacamento.

2.º — Estudo da ação e do raciocínio do comandante do 14 B. C. a partir do momento em que recebe a ordem do Destacamento.

3.º — Redação da Ordem de Defesa do Btl.

4.º — Calco contendo:

a) — Dispositivo do Btl. até o Pelotão.

b) — Plano de fogo da Cia. Metrs. e Petrechos (missões normais).

c) — Localização dos P. C. e P. O. até Cia.

d) — Tiros de artilharia a fazer pelo grupo de apoio direto.

SOLUÇÃO EXEMPLO

1.ª Parte — A liberdade de escolha no traçado da L. P. R., por parte do cmt. do Destacamento foi limitada, em sua parte Norte, pela passagem obrigatória por dois pontos, o M° do Capim Melado e o M° de S. Bento, conforme se depreende da missão dada ao destacamento.

Si examinarmos a carta nesse trecho de terreno veremos que duas soluções se nos apresentam, a saber:

a) — fechar o desfiladeiro norte logo á sua saída, ocupando a linha Capim Melado, Cemitério, Retiro, S. Bento, etc.

ladas as características da guerra moderna.

“A Defesa Nacional” vê com juízo o progresso considerável de

nossa mentalidade no que concerne a compreensão do problema militar, que o projéto em aprêço representa.

b) — aproveitar a série de elevações do Campo de Instrução, que liga S. Bento a Capim Melado.

A primeira solução conquanto apresente uma frente mais reduzida que a segunda, tem entretanto sobre esta as seguintes desvantagens:

1.º — Cria um saliente em S. Bento, ponto capital para a defesa de Bangú.

2.º — Não protege suficientemente o importante observatório do Mº do Retiro, cuja queda, ou completa neutralização dos seus elementos de defesa, permitiria a penetração nos desfiladeiros que lhe ficam ao Norte e ao Sul.

3.º — Oferece poucas vistas e peggimos fagos por se tratar de uma região muito plana e completamente coberta de vegetação.

— Não são precisos mais argumentos para nos convenceremos das vantagens decorrentes da segunda solução em que aproveitamos as facilidades que nos oferece o grande descampado do Campo de Instrução; no entanto uma pergunta nos surge: por onde passar a linha, pelas alturas Heron, Trem e Capão Redondo, ou pelas orlas Oeste do C. de Instrução?

E' verdade que os ocupantes de Col., Trem e Capão Redondo terão dificuldades de comunicações com a retaguarda, além do que essas posições se destacam nitidamente no terreno, o que não acontece com as orlas do Campo, entretanto daquelas alturas se tem um domínio completo sobre todo o campo de Gericinó, n'uma largura de 2.000 ms. por 1.000 a 1.300. ms. de profundidade, além do que o abandono dessas duas colinas permitiria ao inimigo apossar-se das mesmas durante a noite e ao alvorecer utilizá-las como base de partida e base de fogos para um ataque ás posições das orlas do Campo que são completamente dominadas pelas elevações de Col. do Trem e Col. Capitão Redondo.

Si ocuparmos Col. Trem somos levados a ocupar Col. Heron, pois a sua posse pelo inimigo acarretaria a queda de Col. Trem que ficaria totalmente isolada com fogos pela retaguarda.

Está por esta forma plenamente justificado o traçado da L. P. R. passando por Mº Capim Melado — Col. do Heron — Col. de Trem — Col. Capão Redondo — Col. da Torre — Mº São Bento.

Vejamos agora a Linha de Deter; seu traçado é função da L. P. R., suas missões principais são deter o ataque de um inimigo que se haja apossado de toda ou de parte da L. P. R., acolher os elementos que se retraírem desta linha, e servir de base de partida aos contra-ataques para o restabelecimento da posição de resistência.

Estas tres missões exigem que além de bons campos de tiro e vistas ela fique a uma distancia tal da L. P. R. que não dificulte ou impossibilite a ação de seus ocupantes (da L. D.)

Para servir de base de fogos e de partida dos contra ataques dirigidos contra a L. P. R. ela não deve distar da mesma mais de 2.000 metros, alcance maximo util para o tiro direto das mets. (R. E. C. I. — 2.ª parte). As outras duas missões limitam a sua distancia minima. Uma L. D. muito proxima da L. P. R. faz com que o inimigo que se aposse desta ultima aproveite a confusão proveniente da reti-

rada e acolhimento dos defensores da linha de deter, para ataca-la logo em seguida; isto se dará com muito mais facilidade se a pequena distancia e a configuração de terreno permittirem ao inimigo efetuar os dois ataques á L. P. R. e á L. D.) sem que tenha necessidade de mudar a sua base de fogos.

No caso em estudo aos nossos olhos ressaltam tres linhas situadas á retaguarda da L. P. R.:

1.ª — Capim Melado, Col. Cemiterio e orlas Oeste do Campo de Instrução.

2.ª — Parte Sul do Mº do Capim Melado, cotas 40 e 30 respectivamente a 700 e 1.200 metros ao S. desse morro, e Mº do Retiro.

3.ª — Mº do Boqueirão, Mº do Quitungo e Mº do Retiro.

— Examinando as tres linhas na zona de ação do 14 B. C. e levando em conta as considerações que acima fizemos sobre a localização de uma boa linha de deter, somos por exclusão, obrigados a optar pela segunda das linhas citadas visto como a primeira apresenta o inconveniente de estar muito proxima da L. P. R. e ser dominada por Trem e Capão Redondo em sua parte Sul, e a terceira fica demasiadamente longe pois de Capão Redondo ao Mº do Quitungo vão 3 kms., e entre Col. Heron ao Mº do Boqueirão ha 2 kms.

2.ª Parte — E' natural que o cmt. do 14 B. C. que vem fazendo parte do destacamento desde a sua partida de Santa Cruz, esteja ao par da situação geral, bem como que em função da zona de marcha que lhe foi atribuida ao partir de Campo Grande para Leste, e dos contatos que teve com o Comt. do Destacamento, possa prever a missão que lhe caberá desempenhar em fim de movimento. A Ordem de defesa que ele recebe não constitue portanto uma surpresa e sim uma confirmação de suas previsões contendo os detalhes necessarios á execução de sua missão.

Como é logico vamos supôr que o cmt. do 14 B. C. ás 10 hs. em seu P. C. com conhecimento dos locais onde estão seus cmts. de Cias., dispondo de um bom cavalo de infante..., de um binoculo e das cartas que lhe pôdem interessar, isto é: D. F. 1:50.000 e Vila Militar 1:20.000. Sobre o emprego desta ultima carta faremos uma restrição. E' certo que a possuindo o cmt. do Btl. deveria utilisal-a ao extremo, de maneira que ao partir para o reconhecimento do terreno, a organização defensiva do Btl. já podia estar quasi que completamente planejada na carta, destinando-se a ida ao terreno para precisar certos detalhes relativos principalmente ao plano de fogo, e talvez algumas pequenas modificações no dispositivo que não alterarão em essencias os grandes traços dentro dos quais foi resolvido o problema na carta. Si isto tudo é verdadeiro, sabemos entretanto que no Brasil, excetuando-se a Vila Militar, não existe nenhuma outra região que possua carta com a escala, a precisão e a perfeição da de 1:20.000, logo não é logico que tomemos como base do nosso raciocinio uma exceção.

Deixaremos a carta de 1:20.000 para os leitores, que não podem ir ao terreno, e n'ela terão um fiel retrato do mesmo; podendo assim acompanhar o nosso raciocinio; por hipotese o cmt.

do 14 B. C. só dispõe da carta de 1:50.000 e do terreno...

A's 10 hs. chega às mãos do cmt. do Btl. a ordem de defesa do destacamento.

O coronel toma a sua carta e um lapis bicolor, e lê com atenção toda a ordem, assinalando na mesma e na carta tudo o que interessa ao seu Btl. Esta leitura não tem por fim, o estudo da decisão e sim o conhecimento do assunto da ordem. Terminada esta leitura mais ou menos rápida (20') o Cel. chama o seu ajudante e lhe determina que envie imediatamente aos Cmts. de Cias. um memorandum convocando-os no seu P. C. ás 11 hs. 30', acompanhados do estafeta montado da Cia., para fazerem um reconhecimento no terreno. A hora d'essa convocação é calculada levando em consideração o tempo para a transmissão, o percurso a fazer pelo destinatário, e o tempo necessario para que este se prepare (mandar ensilhar o cavallo, tomar providencias para a sua ausencia, etc.).

De 10 hs. 20' ás 11 hs. 30' o Cel. aproveita para estudar a ordem. Chamam-lhe mais a atenção os seguintes pontos:

1.º — que a execução da ordem póde ser realisada até as 12 hs. do dia seguinte.

2.º — que o Btl. terá o apoio de um grupo de artilharia.

3.º — que a frente do Btl. é de cerca de 3 quilometros.

4.º — que a defesa da linha de deter em seu quartirão cabe inteiramente ao Btl., e que o Dest. tem uma reserva movel á sua retaguarda.

— Dai conclue o Cel.: a) que a entrada em posição pode ser feita com calma pois o comt. do Destacamento não iria esperar até ás 12 hs. do dia seguinte si não confiasse na attitude de franca defensiva do inimigo e na possibilidade da Bda. de Cav., resistir por algum tempo no caso de um ataque. Como a distancia que separa a posição do Btl. aos atuais observatorjas do inimigo é muito grande (4 kms.) só terá a temer as vistas aereas, assim mesmo dificuldades pela densa vegetação que ha na região. Em consequencia dessas duas considerações decide aproveitar a tarde para reconhecimentos e só entrar em posição ao amanhecer de D + 1, o que dará tempo para que ás 12 hs. o Btl. esteja com seu plano de fogos instalado.

b) — que de inicio deve colocar 2 Cias. na L. P. R. e uma na L. D. pois será impossivel defender esta linha que tem quasi 2 kms. com menos de uma Cia., que por sua vês só poderá receber missão de defesa, sendo os contra-ataques previstos, executados pela reserva movel do Destacamento.

c) — que para compensar a relativa fraqueza de sua L. P. R. deve empregar na mesma toda a C. M. e P., afastando a idéa de escalona-la em profundidade, o que não impedirá prevér posições de acolhimento na L. D.

d) — que será conveniente que o cmt. do grupo de apoio dirêto o acompanhe em seu reconhecimento para melhor elaboração do plano de fogo com a cooperação da artilharia, em consequencia do que envia um bilhete ao comandante do grupo pedindo para estar ás 13 horas 30' na cota 31 a O. de Col. Cemiterio

onde encontrará um agente de ligação para leva-lo até ele Coronel.

— Isto assentado, o Cel. passa a tratar do reconhecimento do terreno, o qual de inicio compreende:

Escolha de observatorios: — Um comte. de Btl. deve sempre que possivel começar o reconhecimento do terreno indo a um observatorio d'onde descortine toda a frente que lhe caber defender. No nosso caso, de seu proprio P. C. olhando para a frente, o Cel. verá que dois pontos resaltam no terreno: a Col. do Cemiterio e as fraldas S. E. do M° do Capim Melado, de facil acesso, pois atualmente não mais se acham cobertas de matto denso como marca a carta. Serão esses os observatorios iniciaes do cmt. do Batalhão.

Escolha do Itinerario: — Será feita pela carta. Como vai ficar um Cia. na L. D. será preferivel que se passe logo de inicio por essa linha afim de identifica-la no terreno e aí deixar o comte. da Cia. que a vai ocupar, para que inicie logo o seu reconhecimento particular, do qual dará conhecimento ao cmt. do Btl. em seu regresso. Procurando satisfazer essa exigencia, escolheremos então um itinerario que nos leve o mais rapidamente possivel ao observatorio escolhido; deste observatorio será util que o cmt. do Btl. para o estudo de seu plano de fogos, percorra os pontos mais importantes da L. P. R. No caso faremos o seguinte percurso: P. C. do Btl. na cota 37 — estrada que vai do P. C. para SE. até o triangulo de estradas situado a 1.000 ms. SE. do M° do Quitungo — caminho que segue para L. margeando pelo N. um afluente do arroio Sarapuí — estrada que liga M° do Retiro á Col. Cemiterio — col. Cemiterio (Obs.) — garupa SE. de Capim Melado (Obs.) — col. Heron — Col. Trem — Col. Capão Redondo — face N. da Torre — Cancela Preta e regresso pelo caminho que d'aí segue para O. até vir ter á estrada Retiro-Cemiterio.

Escolha do Pessoal: — Tomarão parte no reconhecimento:

— Cmt. do Btl., Cap. Ajudante, Cmt. da Cia. de Metralhadoras e 3 estafetas a cavallo.

— Cmt. da 3ª Cia. (fica na L. D.). cmts. das 1ª e 2ª Cias., cada qual acompanhado sómente de 1 estafeta a cavallo.

— 1º Ten. das Transmissões.

— Cmt. do II/5.º R. A. D. e um estafeta.

Não será conveniente levar mais ninguém porque o nosso pessoal logo de inicio será bem numeroso (15 pessoas) si bem que vá aos poucos ficando diminuido pois os cmts. de Cias. serão deixados nas regiões que lhes caberá defender, para iniciarem seus reconhecimentos particulares.

Hora de partida: — Os cmts. de Cias. foram convocados no P. C. ás 11 hs. 30'; aí chegando o cmt. do Btl. far-lhes-á uma exposição dis pontos principais da missão do Destacamento, bem como das decisões que já tomou e que acima já estudamos, fazendo-lhes vêr que no entanto elas dependem em definitivo do reconhecimento do terreno. Gastando meia hora nessa exposição, as 12 hs. 10' parte o reconhecimento.

— As 12 hs. 30' chegam á cota 30 da L. De-

ter, sobem nessa cota e com o auxilio da carta identificam a cota 40 e a garupa Sul do M.^o Capim Melado, gastando n'isso 20'. Aí deixam o cmt. da 3.^a Cia. e partem para a Col. Cemiterio onde chegam ás 13 hs.

Na col. Cemiterio todos, utilizando a carta, fazem, um giro do horizonte reconhecendo as elevações onde deve passar a L. P. R., os limites do quartirão, as alturas que se destacam na nossa frente imediatamente, bem como as que são ocupadas pelo inimigo e pela Bda. de Cavalaria, os caminhamentos que se dirigem á posição, e finalmente notam que o terreno que defronta a L. P. R. divide-se nitidamente em duas partes de aspectos totalmente diversos: ao Norte uma zona com 1.200 ms. de largura, mais ou menos acidentada, e completamente coberta de mato denso, ao Sul, n'uma frente de 2.000 ms. uma região plana como raramente se encontra, sem vegetação que estorve a nossa vista ou os nossos fogos, destacando-se sómente duas pequenas elevações cobertas de mato denso (Col. do Trem e Capão Redondo).

Deixemos a topografia, e passemos á tática novamente, acompanhando o raciocinio do Cmt. do Batalhão.

— Quem se organiza defensivamente é para deter um ataque, e para isso obter, a melhor maneira é ser mais forte justamente onde o ataque se manifeste com mais força. Sendo assim dirá o Cel.: "Onde o inimigo fará o seu esforço principal? Vou transformar-me em inimigo para responder á pergunta"...

Sabemos que é pelo fogo que se detem um ataque, logo quando quizermos atacar vamos procurar uma região onde as nossas tropas sofram o menos possível a ação do fogo inimigo. Este objetivo será conseguido progredindo em uma região de fogos e vistas difíceis para o defensor ou neutralizando completamente seus órgãos de fogo durante todo o ataque.

A região do Campo de Gericinó não oferece cobertura de especie alguma; um ataque aí feito progredirá 1.200 ms. sob a ação constante do fogo da defesa que culminará de potencia nas proximidades da posição de resistencia graças á facilidade em obter bons flanqueamentos aproveitando no maximo a rasancia das armas. A neutralização dos órgãos de fogo aí existentes só póde ser feita pela artilharia (grande consumo de munição) ou de uma base de fogos instalada em Col. Macegal, a qual neutralizada fará fracassar todo o ataque. Si o inimigo tomar isoladamente uma das duas alturas, Trem ou C. Redondo, nela não se poderá manter pois um simples F. M. colocado na outra, em contra vertente, ao abrigo das vistas de frente, cortará suas comunicações com a retaguarda.

Enquanto se apresentam todas essas dificuldades ao Sul, ao Norte o atacante progredirá a coberto das vistas inimigas e encontrará em Col. Barreira, cota 40 a 400 ms. ao N. de col. Barreira e encostas S. da Serra de Gericinó, uma boa base de fogo para apoiar o seu ataque, uma boa base de partida, e finalmente bons observatorios para a sua artilharia. Consequencia: Idéa de manobra da defesa — esforço principal ao Norte.

O esforço principal traduz-se por quantidade de fogo, o qual será fornecido pelas Cias. Fus.,

pela Cia. Metrs. e pela artilharia.

Em razão da dificuldade de vistas e flanqueamentos ao Norte, vamos obter a densidade necessaria com fogos de frente feitos por F. M. em maior numero, com tiros curvos, artilharia e morteiros e com metralhadoras colocadas em condições de bater os caminhamentos e as posições provaveis dos órgãos da base de fogos do inimigo.

Isto tudo será traduzido do dispositivo e no Plano de Fogos.

Dispositivo: — Uma Cia. defenderá Capim Melado — Heron — Cemiterio, isto é, 1.100 ms. de frente; uma Cia. defenderá Col. Trem e Capão Redondo (2.000 ms. de frente) e outra ocupará a Linha de Deter.

As ligações entre Col. Trem e Col. Capão Redondo serão dificultadas pelo inimigo que estiver em Col. do Macegal, a não ser que se faça uma enorme volta por trás penetrando até na zona da Cia. do Norte, problema este que se torna mais grave principalmente por causa do remuniciamento; levando ainda em consideração que Col. do Trem tem mais probabilidade de ser atacada pelo Norte do que por Leste, o cmt. do Btl. resolve que a Cia. do Sul constituirá dois pontos de apoio independentes, sendo o do norte em Col. do Trem, constituído por um pelotão, que para efeito de remuniciamento e reabastecimento ficará dependendo da 1.^a Cia. (a do N.) sendo-lhe fornecido inicialmente por sua Cia., uma parte da munição que ela possui.

Plano de Fogos: — Acima já dissemos com que meios obterá na frente da P. R. a densidade de fogos necessaria na região onde desejamos fazer o esforço principal.

A ossatura do plano de fogos reside nas missões normais dadas á C. M. B., cujos fogos são completados e reforçados pelos F. M. e artilharia.

Vamos aproveitar a região plana do Campo de Instrução para a realização de flanqueamentos na frente de seus dois P. Ap. e para bater o intervalo que os separa, isto será conseguido:

a) — uma S. M. em Col. Cemiterio flanqueará Col. Torre pelo N. impedindo que o inimigo fixe Col. Heron, tome posse de Col. Torre e com isso corte a retirada e as comunicações dos defensores de Capão Redondo que se terão de render.

b) — uma S. M. em Col. da Torre baterá o intervalo com Capão Redondo e flanqueará esta colina.

c) — uma S. M. em C. Redondo reforçará o fogo no vazio entre as duas colinas e flanqueará Col. Torre por Leste.

d) — um F. M. nosso ou uma S. M. do Regimento do S. (mediante entendimento com seu cmt. flanqueará Col. Capão Redondo por SE.;

e) — uma S. M. na garupa SE de Capim Melado varrerá a estrada que margeia a serra de Gericinó pelo S., que será forçosamente eixo de qualquer ataque feito nessa região coberta de mato.

As secções a e e poderão bater colina da Barreira e c. 40 ao norte, bases de partida provaveis do ataque inimigo. As contra-encostas dessas alturas bem como o fundo por onde passa a estrada do N. poderão ser batidos eficaçmente pelos morteiros, e pela artilharia.

Como é difícil obter bons flanqueamentos face á Col. Heron, reforçaremos a defesa desse importante ponto da L. P. R. pedindo que a artilharia faça na sua frente um tiro de deter; outro tiro de deter será pedido face á cota 40 (da L. D.) caso o inimigo se aposse da L. P. R.

Não temos metralhadoras para reforçar as barragens interiores, pois as que possuímos mal chegam para as necessidades da L. P. R., em consequência disso o Cel. determinará ao mct. da C. M. B. que escolha posições de acolhimento á retaguarda para as secções que abandonarem a L. P. R., as quais já conhecerão de antemão suas missões eventuaes, bem como suas missões na L. D. São esses os pontos essenciaes do Plano de Fogos do Btl.

— **Segurança** — O cmt. do Destacamento deixou ao critério do Btl. a localização dos P. A. que terão simples missão de vigilância.

A vigilância tem por fim avisar a aproximação do inimigo em tempo suficiente para que os elementos da L. P. R. ocupem suas posições de tiro. Quanto mais longe a vigilância maior será o tempo, porém essa distancia é limitada pela possibilidade de ligação á vista com a P. R. e pela segurança dos proprios postos que sendo constituídos em geral por simples G. C. podem ser facilmente envolvidos em uma emboscada, ficando portanto impossibilitados do cumprimento de sua missão.

De dia a vigilância será feita das alturas que forneçam vistas, e de noite nos pontos de provavel infiltração do inimigo (estradas, pontes, orlas de bosques, etc.)

No nosso caso concreto, a parte N. da posição oferece alturas como a c. 40 ao N. de Col. Barreira, colina da Barreira e colina do Macegal que estão indicadas para postos da nossa vigilância; em seguida vem a parte plana do Campo de Instrução, onde uma vigilância estabelecida em suas orlas L. teria as vistas impedidas pela vegetação, em consequencias do que o Cel. acha que nessa região a vigilância deve ser feita durante o dia, da propria L. P. R. (campo visual de 1.200 ms.), e á noite, nesse trecho, a 300 ou 400 ms. da P. R. serão destacados pequenos postos de escuta (1 esquadra de volteadores para cada um); em Serraria haverá um posto mixto com uma esquadra de volteadores fornecida pelo P. Ap. de Capão Redondo e outra fornecida pelo Regimento que age ao Sul.

— Vinhos que o cmt. do Btl. chegou á Col. Cemiterio ás 13 hs., e que aí foi ter o comte. do Grupo de Artilharia ás 13 hs. 30'.

O raciocínio sobre esses tres itens principais da ordem do Btl., poderá ter durado 2 horas, e foi acompanhado pelos cmts. de Cias. que ás 15 hs. podem deixar o cmt. do Btl. e partir para o reconhecimento particularizado das respectivas zonas de ação das suas Cias.; este trabalho pôde durar de 15 ás 18 horas.

— Deixando os cmts. das 1.^a e 2.^a Cias. ás 15 horas, o cmt. do Btl., acompanhado pelo do grupo e pelo Cap. da C. M. B. vai até o observatorio do Capim Melado e percorre a L. P. R., para confirmar melhor o seu raciocínio em especial sobre o plano de Fogos e ao chegar em Concena Preta retorna ao seu P. C., tendo antes enviado um estafeta ao cmt. do Btl. que he fica ao Sul tratando das ligações de fogo

com col. da Torre e do flanqueamento de Capão Redondo face a Leste.

São cerca de 8 kms. a cavalo desde o M° do Capim Melado até o P. C. do Btl., os quais podem ser feitos em 1 hora; dando-se mais uma hora para as paradas, o Cel. poderá estar em seu P. C. ás 17 hs., em seguida jantar e ás 18 hs., começar a redigir a sua ordem de defesa com todo o vagar pois os cmts. das Cias. já tiveram conhecimento verbal de suas principaes decisões, inclusive da hora em que as unidades devem entrar em posição.

3.^a Parte: — Redação da Ordem de Defesa do Batalhão.

5. ^a D. I.	P. C. na cota 37 (400 ms.
Dest. ^o Gen. I. D.	a N. do M° Quitungo), ás
14 B. C.	20 hs. (vinte horas) do dia D
N. ^o	

Carta — D. Federal 1:20.000.

Ordem de defesa n.^o

I — O inimigo permanece organizado defensivamente na linha m° Bananal, M° Boa Vista, M° Carrapato e alturas mais ao Sul, notando-se alguma atividade em suas linhas nos ultimos dias.

Nossa Bda. de Cav. mantem o contato ocupando Col. Cabral, M° Periquito, M° Monte Alegre e orlas de Realengo.

II — O Destacamento vai organizar-se defensivamente na linha Heron, Trem, Capão Redondo, Torre, S. Bento e orlas L. de Bangú, com o objectivo de:

a) — cobrir a marcha dos elementos restantes da D. I.

b) acolher a Bda. de Cav. que por estar muito esgotada abandonará suas atuais posições na noite de D +1 retirando-se para Campo Grande.

III — O 14 B. C. tendo á direita o 13 R. I., deverá defender a todo custo a posição, limitada ao N. pela serra de Gericinó, e ao S. pela linha: — M° do Quitungo (inc.) cota 29 (1.100 ms. ao N. do M° do Retiro) Cancela Preta Serraria, M° do Periquito.

O Destacamento encarregar-se-á dos contra-ataques de conjunto para restabelecer a P. R.

A instalação defensiva do Btl. deverá estar terminada ás 12 hs. do dia D + 1.

IV — E' minha intenção defender o Campo de Instrução com efetivos reduzidos compensados por bons flanqueamentos, e realizar o esforço principal da defesa na região coberta existente entre o C. de Instrução e a Serra de Gericinó, que melhor se presta a um ataque inimigo.

Em consequencia:

V — Traçado da posição:

L. P. R. — Vertentes L. do M° Capim Me-

Cidades	Posição
S. M. 1	Capim Melado
S. M. 2	Col. Cemitério
S. M. 3	Col. Trem
S. M. 4	Col. Capão Redondo
Morteiros	C. vertente do Cemitério

Colina do Heron, Colina Capão Redondo.

1. D. — Vertente S. Capão Redondo e 30 respectivamente a 100 e 300 metros.

2. A. — C. 40 a 400 m. a Col. da Barreira, Col. 3

VI — Dispositivo e Missões

A defesa da L. P. R. será feita por (1ª e 2ª), e a da L. D. por a Cia., com as seguintes missões:

1ª Cia. — constituirá um posto de observação de manter a defesa da vertente L. do Capim Melado, impedindo qualquer penetração coberta do terreno com o NO. do Campo de Inatá.

2ª Cia. — constituirá dois postos um em Col. do Trem e outro em Capão Redondo.

O P. Ap. de Col. Trem deve ser capaz de um ataque rápido de Col. da Barreira, bem como de elementos inimigos.

O P. A. de Capão Redondo deve ser capaz de um ataque rápido de Col. Macegal.

O P. A. de Capão Redondo deve ser capaz de um ataque rápido de Col. Macegal (excl. a retirada eventual de 1ª Cia. deverá ser feito sem a resistência nas origens da retirada).

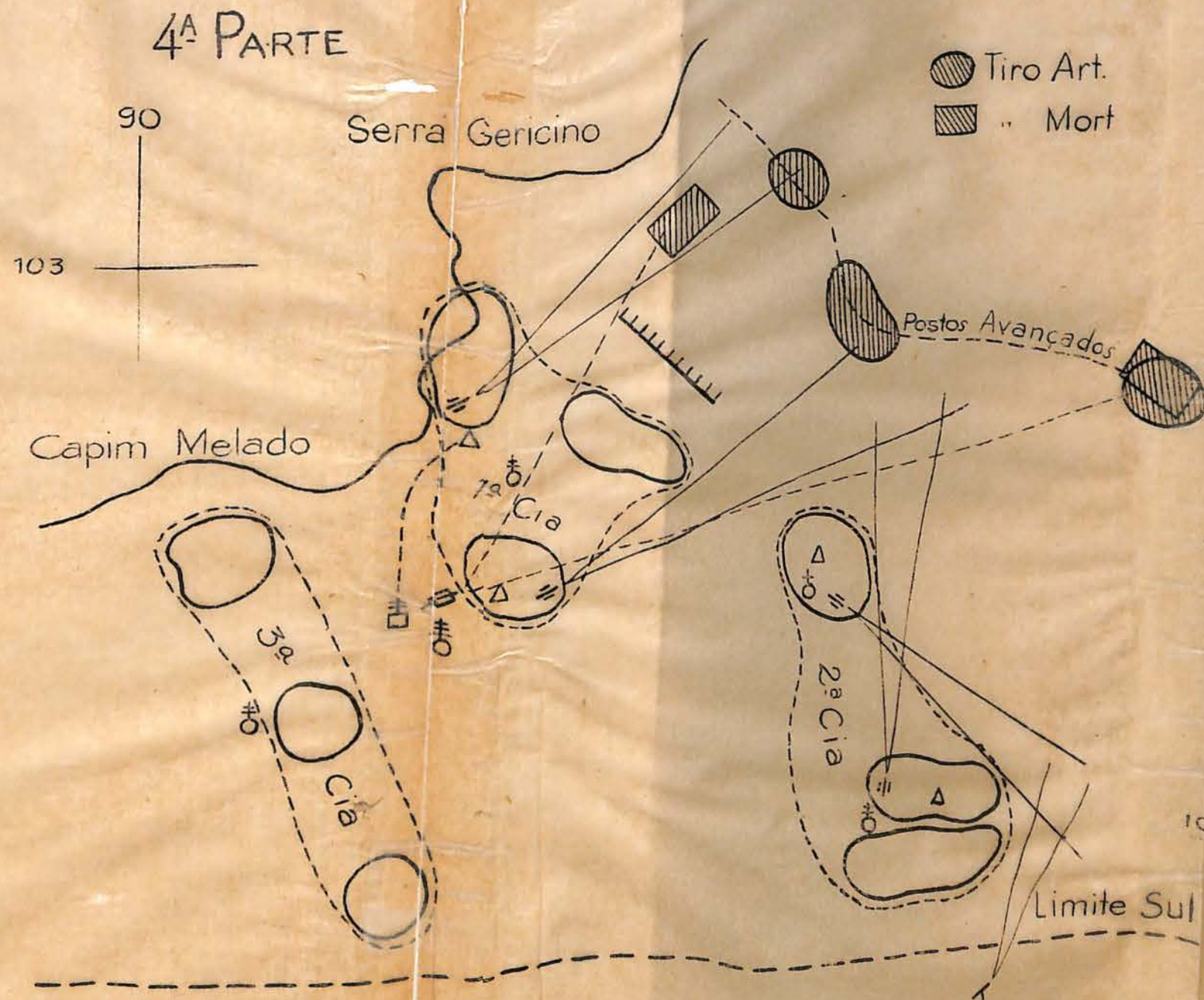
3ª Cia. — Deter o inimigo de R. e acolher os elementos de Macegal.

Em caso de retraimento da 1ª Cia. deverá ser feito sem a resistência nas origens da retirada.

Em caso de retraimento da 2ª Cia. deverá ser feito sem a resistência nas origens da retirada.

Em caso de retraimento da 3ª Cia. deverá ser feito sem a resistência nas origens da retirada.

Postos Avançados: — Missões



Carta V. Militar 1:20.000

EMPREGO DA CIA. DE METRALHADORAS E MORTEIROS

Unidades	Posição	Missão normal	Missões eventuaas previstas
S. M. 1	Capim Melado	Enfiar a estrada entre Col. Barreira e a Serra Gericinó	Concentrações nums. 1, 2 e 3 Bater Col. Trem Vigilância sobre c. 40 ao N. Col. Barreira.
S. M. 2	Col. Cemiterio	Flanquear Col. Trem pelo Norte	Concentrações nums. 1, 2 e 3 Vigilância sobre col. Barreira Bater Col. Trem.
S. M. 3	Col. Trem	Flanquear Col. Capão Redondo	Concentração n.º 3 Vigilância sobre Col. Macegal Bater Capão Redondo
S. M. 4	Col. Capão Redondo	Flanquear Col. Trem	Concentrações nums. 2 e 3 Vigilância sobre orlas L. do C. S.
S. Morteiros	C. vertente de Col. Cemiterio	Bater a estrada entre S.ª Gericinó e c. 40	Bater col. Trem Colina do Macegal Col. da Barreira

lado, Colina do Heron, Colina do Trem e Colina Capão Redondo.

L. D. — Vertente S. Capim Melado, cotas 40 e 30 respectivamente a 700 e 1.200 ms. ao S. desse morro.

P. A. — C. 40 a 400 ms. ao N. de Col. Barreira, Col. da Barreira, Col. Macegal e Serraria.

VI — Dispositivo e Missões:

A defesa da L. P. R. será feita com duas Cias. (1ª e 2ª), e a da L. D. ficará a cargo da 3ª Cia., com as seguintes missões:

1ª Cia. — constituirá um ponto de apoio com a missão de manter a posse das alturas de Heron, vertente L. de Capim Melado e Col. Cemiterio, impedindo qualquer progressão inimiga na faixa coberta do terreno compreendido entre o limite NO. do Campo de Instrução e a Serra de Gericinó.

2ª Cia. — constituirá dois pontos de apoio, sendo um em Col. do Trem (um pelotão) e outro em Capão Redondo.

O P. Ap. de Col. Trem deverá ter em conta a possibilidade de um ataque feito pelo N. partindo de Col. da Barreira, bem como impedir a progressão de elementos inimigos que desembocuem de Col. Macegal.

Ao P. A. de Capão Redondo cabe deter o inimigo que se apresente na região compreendida entre col. Macegal (excl.) e Serraria (incl.)

O retraimento eventual de qualquer elemento da 2ª Cia. deverá ser feito tendo em vista restabelecer a resistencia nas orlas O. do Campo de Instrução.

3ª Cia. — Deter o inimigo que se aposse da L. P. R. e acolher os elementos das Cias. de 1º escalão.

— Em caso de retraimento, aproveitando a cobertura fornecida pela 3ª Cia., a 1ª Cia reorganizar-se-á e ocupará Mº do Boqueirão, e a 2ª Cia. fará o mesmo nas vertentes L. do Mº do Quitungo.

Postos Avançados: — Missão de vigilância,

procurando retardar de longe a aproximação do inimigo, sem no entanto prejudicar sua retirada.

Cada unidade fornecerá os elementos necessários á sua segurança.

Em Col. Macegal haverá um posto destacado pelo Pel. de Col. do Trem e em Serraria será organizado um posto mixto formado por um sargento e uma esquadra de volteadores da 2ª Cia., e uma esquadra de fusileiros do Btl. do 13 R. I. Na zona compreendida entre Col. Macegal e Serraria, a vigilância será, durante o dia, feita da própria L. P. R. que á noite destacará postos de escuta para a frente.

VII — Plano de Fogos:

Serão organizados uma barragem geral e uma parcial. Barragem Geral — Foguete 3 lagrimas vermelhas solto do meu P. O. em Col. Cemiterio.

Barragem parcial na frente da 1ª Cia. — foguete 3 lagrimas brancas solto de Col. Cemiterio.

Durante o dia as barragens serão desencadeiadas independente de foguetes e os tiros serão feitos á medida que se apresentarem os objetivos, exceto os tiros de artilharia que só serão desencadeiados mediante pedido.

Duração da barragem á noite: 4 minutos; repetida mediante novo foguete.

Regimen de tiro: F. M. — rajadas de 5 a 8 tiros, seis rajadas por minuto; Metralhadoras, rajadas de 8 a 12 tiros, seis rajadas por minuto; Morteiros, 8 tiros por minuto.

Emprego da C. M. B.: Ver quadro.

Concentração n.º 1 — Cota 40 ao N. de Col. da Barreira.

Concentração n.º 2 — Col. da Barreira.

Concentração n.º 3 — Col. do Macegal.

— O em. da C. M. B., regulará o sistema de desencadeamento das concentrações, que se iniciarão mediante minha ordem direta.

Independentemente das missões acima previstas, sem prejuizo das mesmas, as S. M. baterão

todos os objetivos de vulto apreciável que se apresentarem em seu raio de ação.

O Comte. da C. M. B. escolherá posições na L. D. que permitam a realização de barragens interiores em caso de recuo.

Cooperação da Artilharia:

O II/5.º R. A. D. que apoia o Btl. fará os seguintes tiros:

Tiro de deter — face á Col. Heron, desencadeado com o mesmo foguete das barragens geral ou parcial.

Tiro de deter eventual — face á c. 40 da linha de deter, foguete 3 lagrimas, verdes, solto do M.º Quitungo.

Bombardeio n.º 1 — (1 Bia.) — cota 40 ao N. de Col. Barreira.

Bombardeio n.º 2 (2 Bias.) — Col. da Barreira.

Bombardeio n.º 3 — (1 Bia ou todo o grupo) — Col. Macegal.

Bombardeio n.º 4 — (todo o grupo) — Col. Trem.

Bombardeio n.º 5 — (idem) — Col. Cemiterio.

Bombardeio n.º 6 — (idem) — Fazenda de Cabral.

Os bombardeios serão executados á vista por iniciativa do grupo ou mediante meu pedido, que terá preferencia.

VIII — Observação — Ligações e Transmissões:

P. C. do Btl. — cota 28 a O. de Col. do Cemiterio.

P. C. das Cias. a escolha de seus cmts. que me comunicarão posteriormente.

P. C. da C. M. B. — junto ao do Btl.

P. O. do Btl. — Col. do Cemiterio e garupa L. do M.º Capim Melado.

No P. O. de Capim Melado, permanecerão o 2.º Ten. de Informações, a turma de observadores do Btl. (exceto o 2.º sargento), e 3 soldados sinaleiros.

Em meu P. C. ficarão: o 2.º sargento de informações, 1 cabo e 3 soldados sinaleiros, o cabo corneteiro, 1 cabo e 3 soldados estafetas, uma turma de telefonistas e a turma radio telegrafica; os demais elementos da secção de comando ficarão na bifurcação 200 ms. a O. da c. 40 da L. Deter.

O cmt. da Sec. cimdando providenciara para a construção de uma linha telefonica ligando o meu P. C. ao P. O. de Capim Melado e ao P. C. do Destacamento em.....

Ligações com a Artilharia — juxtaposição de P. Comando.

Ligações com as Cias. — Otica (posto otico do Btl. em Col Cemiterio), sinaleiros e estafetas a pé ou a cavalo.

Codigo de sinais — vêr o item "Plano de Fogos".

IX — Trabalhos:

Os trabalhos a efetuar pelas Cias. de Fuz. e C. M. B. obedecerão á seguinte ordem de urgencia.

1.º — Entrada em posição das armas automaticas.

2.º — Limpesa dos campos de tiro na direção das missões normais.

3.º — Inicio da construção da rêde de arame.

4.º — Construção dos espaldões para as a. a. e construção de abrigos individuais para homem deitado.

5.º — Ligação das posições das a. a. para a retaguarda por uma sapa que facilite o remuniamento e reabastecimento.

6.º — Ligação dos abrigos individuais e seu aprofundamento, dentro do grupo.

7.º — Ligação dos grupos no interior dos pelotões.

As secções extranumerarias das Cias. designarão logo de inicio uma turma encarregada de explorar a região e obter o arame e madeira necessarios ás rêdes.

A construcção do P. O. de Capim Melado será feita pelos elementos que n'ele se vão instalar.

Os sapadores do Btl. auxiliados pelos demais elementos disponiveis da S. Com.º. construirão:

a) — um pequeno P. O. em col. Cemiterio.

c) — o P. S. do Batalhão.

b) — uma sapa ligando esse P. O. ao P. C. do Btl.

d) — o P. C. do Batalhão.

e) — o Deposito de munições do Btl. no C. Remun.º.

X — Modo de agir em caso de ataque:

Além do que já foi determinado no item XI, fica prescrito: a) as unidades procurarão resistir a todo o custo nas posições que ocuparem.

b) — caso a 2.ª Cia. não se possa manter nem na L. P. R. nem nas orlas O. do Campo de Instrução, a defesa se fará na linha Heron-Cemiterio — cotas 40 e 30 da L. D.

c) — caso a 1.ª Cia. não consiga manter as posições da L. P. R. a 2.ª Cia. retirar-se-á diretamente para trás da L. D., mas sómente mediante minha ordem.

XI — Prescrições diversas:

As unidades repousarão até ás 2 hs. D + 1. A's 4 hs. e 30' será iniciado o movimento para a entrada em posição.

As Cias. serão condusidas dos seus cmts.

A 1.ª Cia. utilizará o itinerario M.º Boqueirão, c. 32 (500 ms. a SE desse morro a SE desse morro), cota 40 da L. D. e Cal. Cemiterio.

A 2.ª Cia. utilizará os demais caminhos ao S. d'aquêle itinerario.

A C. M. B. seguirá com as Cias. Fuz. (entendimento dos cmts).

Ao aproximar-se das posições is cmts. das Cias. orientarão os pelotões diretamente sobre seus pontos de destinos.

Chegados á posição os comtes de pelotões indicarão logo uma posição inicial para seus G. C. de modo a fazer face a qualquer eventualidade.

A's 12 hs. todo o Btl. deve estar em condições de fazer funcionar seu plano de fogos.

2.ª PARTE

Alimentação — será fornecida na posição por meio de marmitas transportadas sibre ombros.

Hitlerismo, Fascismo, Bolchevismo...

Feito deante um estudo de Ernest Naef.

Pelo Major J. B. Magalhães

A Guerra desequilibrando o sistema economico e social do Mundo fez surgir o *bolchevismo* derivado das doutrinas marxistas e deu nascimento ao *fascismo* e ao *hitlerismo*, que é um *fascismo* á moda alemã, seus contrarios em doutrina sociologica.

O regime soviético cujos fundamentos são as falsas doutrinas de Carl Marx tem por principal característica sua *pretensão* á universalidade e sua opposição formal a todas as grandes conquistas conseguidas pela civilização em sua lenta evolução. Isto é, ele é uma doutrina essencialmente negativista.

A pratica de uma dezena e meia de anos de sovietismo na Russia já demonstrou que não é possível destruir nem a família, nem o governo, nem o sacerdocio, nem o capital, nem modifica-los arbitrariamente ou em sentido contrario ao da evolução. E isso era bem de ver-se sem ser preciso arruinar um povo, nem afogar em sangue os adversarios, meditando sobre a formação evolutiva das sociedades quaisquer.

O *Fascismo* nasceu de uma idéa contraria. Ele veio justamente para salvar a Italia da debacle e da anarquia. Não é internacional ou artigo de exportação, diz Mussoline. Lança suas raizes num remoto passado que procura glorificar e honrar.

O *Hitlerismo* é o fascismo deformado pela megalomania gobinista da superioridade das raças puras que o inglez de origem Houston Stuart Chamberlain, naturalizado alemão, inoculou, atravez de Wagner no orgulho alemão; no espirito egoista de uma nação que, muito embora valorosa, não pode ter mesmo a pretensão de ser o principal manancial dos progressos do espirito humano. E isto sendo verdade, onde reside a superioridade da raça que se apregôa?

Seja, porem, como fôr, é fato de importancia incontestavel que vivem submetidos hoje aos regimes *fascistas*, *hitlerista* e *bolchevista*, por bem ou por mal, bom grado mau grado, cerca de 250.000.000 de almas.

Na vida moderna, sobretudo nos po-

exceto para a 3ª Cia., que a receberá no carro cosinha.

Remuniciamento: — As Cias. descarregarão as viaturas de munição fazendo constituir depositos em seus postos de remuniciamento. A 2ª Cia., constituirá um deposito de munições para o P. A. P. de Col. Trem que se remuniciará em seguida no P. R.º da 1ª Cia.

Centro de remuniciamento do Btl. na bifurcação 200 ms. ao S. da c. 30 que fica na L. D. a 1.100 ms. ao N. do M.º Retiro.

P. Socorro do Btl. — Cota 32 (300 ms. a O. da c. 40 da L. D.

Prisioneiros: — Encaminhados para o P. C. do Btl.

Trens: — Estacionamento dis T. E. em Engenheiro Trindade.

Estacionamento dos T. C. — bifurcação de cota 36, a 600 ms. SE do M.º Quitungo.

Ponto de cintato dos T. C. com a T. E. — Estação de Santissimo.

Movimento dos trens: — Os T. C. entrarão em contato com os T. E. de 12 ás 14 hs.

Os carros cosinha poderão ir até á frente não ultrapassando entretanto a L. D.

As viaturas de munição irão até o C. R.º do Batalhão.

Correspondencia:

A correspondencia será recebida das Cias. e entregue ás mesmas no ponto de contato dos T. C. com os T. E. — O comte. dos T. C. designará um sargento para esse serviço.

(a) CEL. X.
comte. do Btl.

Destinatarios:

cmte. do Destacamento — como parte.
cmte. do II[5.º R. A. D. — como informação.
cmte. da 1ª Cia. Fus. — para execução.
cmte. da 2ª Cia. Fus. — idem.
cmte. da 3ª Cia. Fus. — idem.
cmte. da C. M. R. — idem.
Cmte. dos T. C. — idem.
Medico do Btl. — idem.
Cmte. do Pelotão Extraord. — idem.
Archivo — 2 exemplares.

vos da America, tais fenomenos sociais devem ser bem compreendidos.

* * *

De todos os tres regimes politicos-economicos-sociaes, os mais perigosos, por perturbadores, para a paz do mundo são sem duvida o *bolchevismo* e o *hitlerismo* por causa de suas pretensões á universalidade e porque se fundam em falsas teorias.

O Fascismo, embora algo retrogrado, não é perturbador porque é apenas *italiano* e é *doutrina organica*, superiormente concebida e dirigida.

O *hitlerismo* será grave ameaça se puder reconstruir a Alemanha como imagina porque dará livre curso a suas loucas reivindicações e a teratologia racista que o anima.

No momento atual, porem, o mais imediato perigo é ainda a tentativa de expansão *bolshevista*, não só pela natureza como pelos metodos de ação de que usa, si bem que o fracasso do plano quinquenal muito a atenua. Mas como e preciso prestar-lhe atenção para bem se avaliar até que ponto convem não desprezar o *bolshevismo*, consideremos o caso muito particular e interessante que se passou na *Suissa*.

O singular país dos Alpes que é habitado por uma nação de gente calma e de sangue frio, das mais evoluídas na civilização, experimentou *grave influencia* das falsas, mas sedutoras promessas comunistas..

Deu-se isso em 1918 quando o fim da guerra começou a fazer sentir a *crise economica mundial*. Logo após o armistício, arrebitou na nação helvetica uma greve geral de *origem comunista*, organizada em Moscou e de lá dirigida. Foi na época aurea da *Internacional*, quando ainda não estava *demonstrada* a evidencia a inocuidade da experiencia *bolshevista*. O seguimento previsto para uma *tal greve* era a revolução proletaria — a guerra civil e a ditadura de alguns em nome dos operarios e camponeses da qual seria centro o *soviet* já organizado em *Olten*.

O Conselho Federal, porem, em tal

emergencia, não hesitou. Decretou a *mobilização geral* e assim conseguiu sufocar a rebelião audaciosa.

Não houve depois nenhuma violencia contra os vencidos. Uma lei de repressão foi mesmo regeitada pelo *veredictum* popular, sob a nobre idéa de que tal modo de agir era inadmissivel em face do principio da liberdade, fundamento capital da democracia helvetica.

Em consequencia, não desanimaram os *vencidos*. Fomentaram logo a seguir perturbações em Bale, Zurich e em outras regiões, das quais assumiram proporções as mais graves as que se deram em Genebra mesmo, a 9 de Novembro. Ai eles, os comunistas, chegaram a atacar a tropa que reagiu fazendo uso das armas.

Houve varios mortos e feridos de ambos os lados.

Dai em diante o povo compreendeu que era necessario *reagir* contra os comunistas de um modo um pouco diferente dos que são proprios aos principios muito liberais de sua democracia e tratou de organizar-se para essa reação.

Uma dezena de *frentes nacionalistas* constituiu-se apoiando a politica de solidariedade nacional e de repressão aos elementos dissosiativos.

Lançou-se com isso verdadeiro panico nas hostes socialistas e revolucionarias.

Começam, então, a gritar que se pretende destruir a democracia substituindo-a por instituições *facistas* ou *hitleristas*!

Não obstante, não se detem na Suissa liberrima a *contra revolução* procurando livrar a Nação das consequencias de certas *utopias* e *fantasticas ideologias demagogicas*.

Reconhece-se já a necessdade de modificar mesmo o proprio sistema de governo tornando-o mais forte e mais capaz de agir, menos palavroso, que o parlamentar adotado.

O tradicional bom senso do povo suiso vai assim livrando-se do perigo de tornar vítima de sua bôa fé ás mãos de uma demagogia sangrenta, tal como aconteceu ao infeliz *povo eurasico*; si bem que lá não tivesse havido propriamente bôa fé.

Vejamos agora mais de perto e de per

si estas famosas correntes de opinião que neste momento preocupam o mundo.

O HITLERISMO

O *hitlerismo* é uma cópia alemã do fascismo. Ele usa camisa *parda* e *cruz swastica* e creou também uma *organização miliciana*. Sua saudação faz-se á romana, mas deformada como a cruz.

Foi ele obra relativamente facil na Alemanha porque o povo alemão sente sempre a necessidade de ser dirigido, comandado. Ele é *soldado por instinto!*

Desde que a Guerra o privou do Kaiser, ficou á mercê de qualquer individuo perspicaz e audacioso que quizesse assumir despoticamente o poder.

Sem o *Kaiser*, começaram os alemães a subdividir-se em variadas correntes de opinião, apresentando cada uma delas numerosos matizes.

Pareciam como que á procura de um *mestre*. Grande numero abraçou o comunismo e o abraçou porque o comunismo é *diregido*.

Hitler, perspicaz e conhecedor da psicologia alemã foi buscar o *fascismo* mais conforme, pela disciplina e pela forma, com o genio alemã e casou-o com o *gobinismo*. Assim armado marchou vitorioso á conquista do poder.

E, de fato, nada poderia resistir-lhe; ele possuía os dois elementos essenciais para dominar a alma alemã:

— a organização do mando e a lenda da pureza da raça.

Passou-se, então, esta cousa extraordinaria: em nome de uma doutrina francesa, deformada por um inglês, o *gobinismo* alemão espulsa os comunistas, adeptos de uma doutrina alemã posta em pratica pelos russos, o *marxismo*.

O *hitlerismo* matou o comunismo na Alemanha e com isso prestou consideravel serviço á humanidade.

Esse magnifico resultado obtido, envolvendo a aplicação da teoria mater que o anima, torna-se, porem, ele proprio perigoso por seu turno.

De fato, a falsa doutrina da superioridade das raças puras que o Conde de Gobineau, que foi representante da França no Brasil no inicio do Imperio, lançou em

1854 na Europa só pôde, em sua falsidade, conduzir a conflitos irremediaveis, sobretudo depois que o sofisma de Houston fez crêr aos alemães, por intermedio de Wagner e outros, na pureza nordica da raça alemã.

Desconhecendo a noção real das *raças sociologicas* e querendo vêr *raças etnologicas puras*, onde não existem e apenas são suspeitadas por sinais interpretados de um certo modo, Gobineau, por intermedio de Houston, envenenou a alma alemã fazendo-a crêr-se predestinada.

Essa teoria contestada pelo bom senso e arruinada pela invalidade comprovada dos argumentos em que se apoia, indices morfologicos; e também pelos males que tem causado e que vai semeando para o futuro, ameaça seriamente a paz européa e o bem estar do mundo.

Ela, em ultima analise, assenta em que a raça pura por excelencia é a chamada *raça ariana*, branca, descida dos altos da Asia para civilizar a terra.

A suposta existencia de tal raça — hoje apenas constatada por indices filologicos que nada provam — levou os investigadores a definir-lhe as caracteristicas físicas por deduções e hipóteses de pura imaginação.

Ora, surge assim a crença alemã de que são eles, os alemães, os mais legitimos representantes dessa *raça pura* predestinada para *dirigir* o mundo, e apesar de haver depois os progressos da ciencia comprovado a falsidade das *teorias etnologas*, que dominaram um pouco no seculo XIX, nada os pôde demover dessa idéa verdadeiramente teratologica.

Não levam em conta nem o passado nem o presente que por si sós bastariam para comprovar serem outras raças tão capazes como é a branca de crear uma civilização.

E, de resto, se os germanicos possuissem de fato essa *superioridade racial*, no momento atual ainda seria preciso lutar para impol-a?

Essa necessidade contradiz, um pouco, a noção de uma superioridade *tão antiga* que se perde na noite dos tempos.

O indice morfologico que os alemães supõem possuir como caracteristica de sua superioridade racial, a conformação *dolicocefala*, é afinal identico ao dos escandi-

navos, dos esquimaos e de grande numero de negros.

Cumpra agora observar que um povo não pôde ser responsabilizado pelo que fazem seus maus diretores. O povo alemão é ele mesmo uma vítima. As massas são, em toda parte, conduzidas.

O FASCISMO

A restauração da galera de Tiberio e a inauguração da estatua de Julio Cesar, precisam em traços energicos, a solida base em que assenta o fascismo de Ramo.

Bastaria só isso, de fato, para afirmar a solida estrutura de que se constitue o regime mussolinico e o valor do estadista que o fundou e que o dirige ha mais de uma decada.

Nada tem de comum com o seu derivado de traz os Alpes.

E' nacional, carateristicamente nacional, e não pretende sufocar as outras nacionalidades. Nenhum dos erros já cometidos por Hitler pôde lhe ser apontado nos onze anos de predominio de Mussoline.

Em sua preocupação ou exaltação nacionalista o estadista romano deteve a marcha das idéas subversivas, elevou sua patria no concerto internacional restaurando-lhe a economia, educando-lhe as forças, desenvolvendo nela o amor á tradição, creando-lhe forças novas de toda ordem, mas tudo isto evitando habilmente os conflitos e incompatibilidades internacionais.

Falou-se muito em guerra. Pareceu mesmo em dado momento que seria inevitavel um conflito com a França. Mas tudo isto afinal não era mais que um modo de agir em politica, sem que realmente nada de fundamental e de grvæ houvesse aparecido á tona.

Na realidade, Mussoline mostra-se cuidadoso e habil em suas relações internacionais. Seus partidarios são proibidos de agir em prol da generalização do regime no estrangeiro.

O *fascismo* é e quer ser exclusivamente itlaiano. Vê nisso sua principal força. Comprova-o a maneira porque afinal teem sido reguladas algumas questões de fronteira, frutos de excessos de certos elementos exaltados.

No momento atual o Fascismo parece

empenhado apenas em consolidar e desenvolver sua obra fazendo o povo italia-no cada vez mais intimamente ligado a suas instituições e a seu passado e da Italia uma nação forte.

Emquanto, portanto, não quizer o fascismo transportar a fronteira e impôr-se aos outros povos, nada ha que o condene e que receiar dele. Ao contrario, no momento presente, salvando a Italia, muito contribuiu para evitar a *debacle* total da civilização ocidental.

Isolada e forte com sua alma latina revigorada pela exaltação do passado, bem poderá a *Italia nova* prestar grandes serviços á humanidade. Conservando sua liberdade de ação no jogo dos interesses *inter-europeus* parece que compreende a situação.

O BOLSHEVISMO

Ernest Naef observa ser sintomatico que os dois países da Europa que nada temem hoje de Moscou são justamente a Italia e a Alemanha, que mantem relações comerciais constantes com o *governo bolshevista*.

Emquanto isso, o comunismo continúa a ser uma ameaça seria para todos os outros povos.

Parece poder concluir-se daí que o perigo do comunismo não existe de fato na importancia economica da Russia nem mesmo em suas concepções politicas, cuja inanidade a pratica revelou a evidencia.

Ele reside, ao contrario, apenas nessa sedução que exercem sobre as almas ingenuas e sobre as massas soffredoras em geral, o desconhecimento do que se passa na Russia de envolta com as promessas faceis das doutrinas utopicas e de seus pre-gadores fascinados ou inextrupulosos.

Evidentemente, si os povos de toda parte pudessem compreender que os unicos resultados praticos alcançados pela Revolução Russa foram o *trabalho forçado* e a *miseria generalizada* — nenhum perigo existiria ameaçando a *organização social* que, apesar das imperfeções que inda sofre, é muito superior ao que se pôde obter pelos metodos revolucionarios bolchevistas.

Mas, se a observação de Naef é verdadeira, preciso é convir que não é passiva

Dicionarios Balisticos

Pelo Cap. ARI L. M. SILVEIRA

Entre os estudos que mais interessam ao Artilheiro, seja ele de campanha, de costa, da Art. Anti-aerea ou Naval, é sem duvida o estudo de Balística; porisso julgo conveniente algumas considerações a respeito dos "novos metodos de Balística Exterior".

Embora muitos problemas nos possam ser resolvidos pelas Casas Extranageiras fornecedoras de material belico, é imprescindivel que tenhamos órgãos técnicos capazes de resolver certas questões que afetem o nosso material de artilharia de modo geral. A êste respeito não precisamos encarecer a necessidade de um "quadro técnico especializado".

Atualmente, em todas as principais Nações, os métodos de Balística Exterior evoluíram das antigas formulas Siacci, e suas varias modalidades, inclusive a engenhosa generalisação do Coronel Bianchi, e de outros antigos processos, para os atuais Dicionários Balísticos, que apareceram em França durante a Grande Guerra.

Nos E. E. U. U. o Dr. Moulton e seus associados enveradaram inteligentemente para esta solução que permite maiores facilidades, e quiçá precisão.

para a resolução dos problemas de Balística Externa, e assim vão pondo de lado os métodos de Ingall.

Provavelmente as Nações que dispõem de Dicionários Balísticos não nos fornecerão êstes dicionários *por certos motivos de interesse técnico-industrial que os obrigam a manter em sigilo os resultados obtidos.*

Segundo estamos seguramente informados, em França o "dicionario" foi calculado por turmas de Professores Publicos, sob o contrôle de alguns Professores de Balística Externa.

Acho que devemos atacar a questão de frente e que a Diretoria de Material Belico poderá, reunindo elementos que tenham se dedicado ao estudo deste ramo de Balística, dar inicio á confecção de tão importante obra. Comquanto sejam trabalhosos tais calculos, as fórmulas aí estão e não oferecem dificuldades na sua aplicação.

De nada nos servirá o conhecimento destes novos processos, e teremos que cruzar os braços, se não conseguirmos organizar um dos referidos "dicionários", para os fins praticos.

a defesa da Alemanha ou da Italia em face dos agitadores de Moscou. Os portos ficam abertos ás mercadorias, mas sómente a elas.

Outros povos procedem exatamente ao contrario. Não importam nem trigo, nem madeiras, peles ou petroleo, mas deixam portas francas a quaisquer agentes que pretendam inocular as falsas doutrinas do marxismo.

— CONCLUSÃO —

A conclusão logica que se deve tirar da rapida revista que vimos de passar nas tres grandes correntes da opinião moder-

na mais em voga é que, si alguma coisa ha para copiar e introduzir em nosso país do que se passa no mundo, não são certamente nem as doutrinas descuteveis que as alimentam, nem as formas que revestem em suas realizações praticas, as quais ou são de fundo falso ou muito particulares aos povos que as adotaram.

Entre os resultados obtidos por aqueles que abrem luta com a marcha natural do progresso humano e combatem a legitimidade do que chamamos conquistas sociais e os conseguidos por aquelas que remontam ao passado e nele vão buscar

**SECÇÃO
DE
INFANTARIA**

Manobras com tropa, pelo corpo de alunos sargentos de infantaria

NOTA DA SECÇÃO:

Iniciamos neste numero a publicação da documentação relativa as manobras realizadas, em Junho do corrente ano, na região de Santa Cruz, pelo CORPO DE ALUNOS SARGENTOS (antiga Escola de Sargentos de Infantaria), sob a direção do seu commandante, MAJOR TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.

Obedecendo inteiramente ao plano preestabelecido, essas manobras se desenvolveram de modo eminentemente pratico, constituiram uma excelente demonstração dos processos de execução de combate pelas unidades do escalão inferior (Cia., Pel., G. C., Sec.) e demonstraram o muito que se pôde conseguir de uma tropa metodicamente instruida.

Por isso julgamos conveniente publicar as soluções dadas ás diferentes situações creadas e vividas.

As diversas situações creadas para as unidades mais elevadas, até Cia. inclusive, foram solucionadas pelos officiais instrutores do combate, Tenentes ANDRE' FERNANDES, ANTONIO TOME' DA SILVA E FELIX VALOIS DE ARAUJO e as relativas a Pelotões, G. C. e Secções, resolvidas pelos alunos sargentos.

ESCOLA DE INFANTARIA
CORPO DE ALUNOS SARGENTOS
MANOBRAS DE 1933

De 12 a 25 de Junho de 1933

DOCUMENTO N.º 1
I
RELAÇÃO DE ASSUNTOS QUE DEVEM SER TRATADOS

- 1 — Marcha noturna (20 kms.) atrás de frente mantida por fogos amigos; em zona congestionada pela presença de outras tropas e serviços, vigiada e batida por fogos da aviação inimiga;
- 2 — Bivague; precauções para escapar á investigação do inimigo;
- 3 — Marcha diurna (12 kms.), ainda atrás da frente mantida por fogos amigos e em zona vigiada e batida por fogos da Aviação inimiga; Companhia de Vanguarda;
- 4 — Instalação de uma Companhia de Fusileiros em Postos Avançados, perto do inimigo;
- 5 — Instalação de uma companhia de fusileiros, uma secção de mtrs. pesadas, uma

como revigorar suas forças exauridas pelos embates contra as influencias desorganizadoras, não ha paralelo algum possível.

A Russia é a campanha desorganizada, a distribuição do pão por tamina, o trabalho forçado. A Alemanha é a luta religiosa, a luta de raças, a ativa preparação para uma nova guerra. A Italia é a ordem e a prosperidade, não obstante faltarem-lhe os recursos naturais que sobram áquelas outras nações.

Si alguma ha a copiar é o espirito do fascismo. Não sua forma. A lição que ele dá e não o modo porque o faz.

Mussolini demonstrou mais uma vez a importancia e a riqueza de um passado illustre. Sem pretender voltar a esse pas-

sado mas honrando-o, criou uma Italia nova.

Aí é que está o segredo a desvendar em cada caso particular.

As trez correntes de opinião assinaladas vem agora somar-se uma nova tendencia, a *tecnocracia*, cuja definição é tão imprecisa como a do bolshevismo e do hitlerismo.

A *tecnocracia*, governo de tecnicos (mas tecnicos de que?) é a negação da Politica ou não tem significação em Politica.

Tambem aí está um desvio a evitar-se. Os técnicos devem predominar e ser utilizados na esfera de sua técnica. Querer que *especialistas* não *politicos* governem um povo é negar a propria teoria.

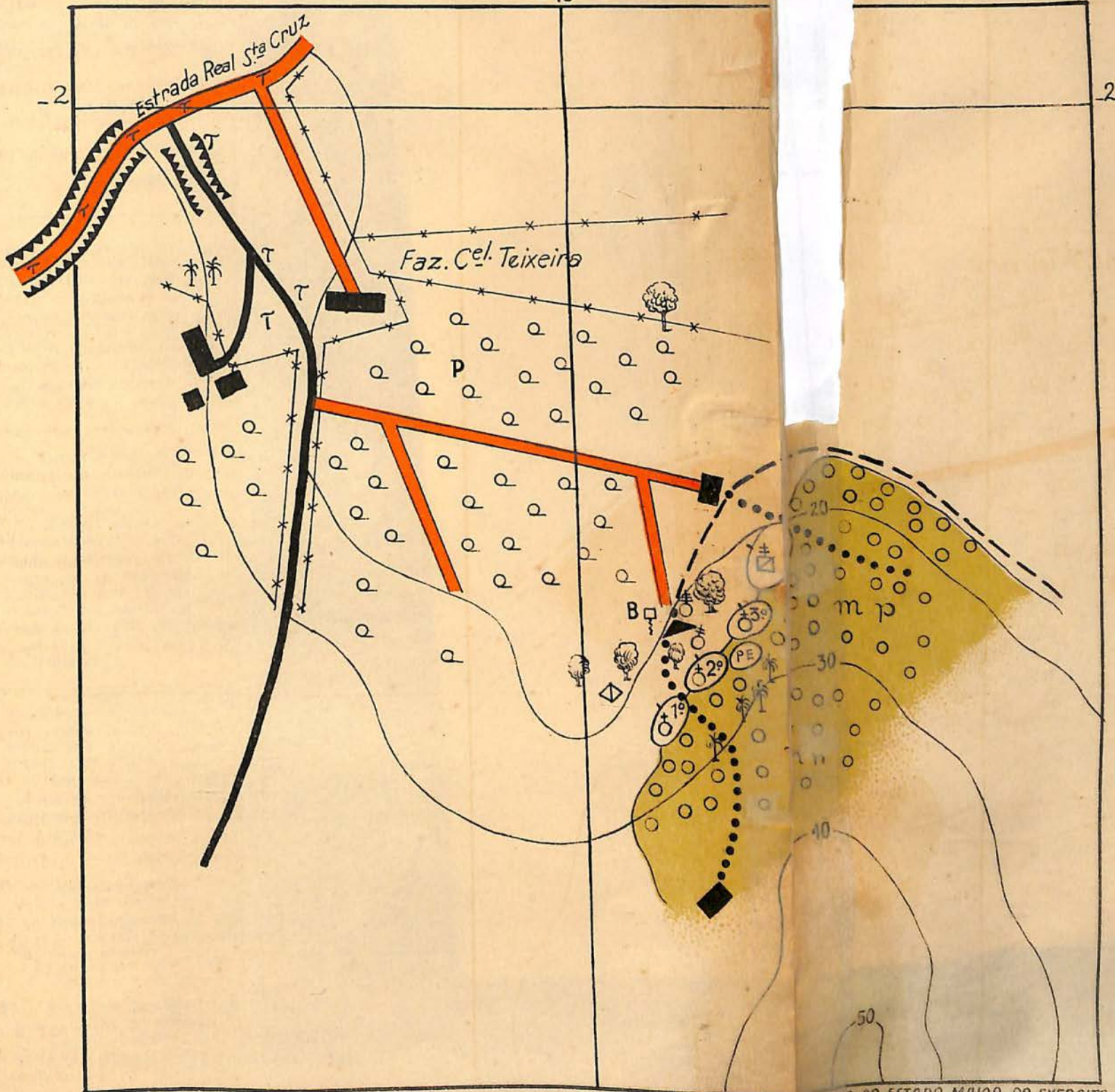
E.I.
C. A. S.

Manobras de 1933

De 12 a 25 de Junho

Croquis do Acampamento

-48



Legenda: \diamond Cosinha
 \blacksquare PC CO do Btl.

E 1:5000

- secção de mtrs. leves e uma secção de morteiros, na Posição de Resistencia;
- 6 — A Companhia de fusileiros no ataque a uma posição, com apoio de fogos reais;
- 7 — Organização do terreno no interior do sub-quarteirão;
- 8 — Execução dos tiros de combate de fusil ordinario, fusil metralhador e metralhadora;
- 9 — Funcionamento da observação e transmissão, no ambito do Btl., na defensiva e ofensiva;
- 10 — Instalação, serviços e vida diaria no acampamento;
- 11 — Embarque e transporte em estrada de ferro.

QUADRO GERAL DOS TRABALHOS

DIAS	ASSUNTOS	MEDIDAS DE EXECUÇÃO	MEDIDAS PREPARATORIAS
12 13	Marcha noturna atrás de uma frente mantida por tropas amigas, em zona congestionada pela presença de outras tropas e serviços, vigiada e batida por fogos de aviação inimiga: — a) — percurso 20 kilometros; b) — hora da partida 22 hs.; c) — funcionamento do destacamento precursor; d) — itinerario: Vila Militar — Estrada Mal. Mallet — Estrada Real de Santa Crús — Campo Grande.	O C. A. S. representará a 1. ^a Cia. de fusileiros e uma Sec. Mtrs. P. do I/18° R. I. (os demais elementos deste Btl., serão supostos uns e figurados outros).	A cargo dos Tenentes André, Tomé e Valois.
13	A) — Bivague em zona exposta á observação e fogos da aviação inimiga; a) — local-região S.W. de Campo Grande, proximo á Igreja. B) — Marcha diurna atrás de uma frente coberta pela cavalaria amiga, em zona vigiada e batida por fogos de aviação inimiga: — a) percurso 12 kms.; b) Cia. Fusileiros de vanguarda-escalonamento, execução da segurança; c) objectivo a atingir — região imediatamente ao S do sinal 13, a 2 quilometros a W da Estação de Paciência; C) — Instalação de uma Cia. de fusileiros em Postos Avançados, perto do inimigo: a) reconhecimento do terreno e balisamento dos itinerarios pelos quadros, na previsão de uma ocupação á noite; D) — Estacionamento coberto pela cavalaria amiga, em zona vigiada e batida pela aviação inimiga e sujeita á ação das suas outras armas.	A, B, C e D: — Como para o dia 12/13.	A, B e C) a cargo dos tenentes André, Tomé e Valois D) a cargo dos Tenentes Salvador e Alvaro.
14	A) — Estacionamento: — instalação, serviços e vida diaria no acampamento; B) — Reconhecimento de terreno pelos officiais — Estudo de uma situação defensiva, pelos officiais.	A) — Com o C. A. S. serão organisadas uma Cia. de fusileiros e uma Sec. de Mtrs. P.	A) A cargo dos Tenentes Salvador e Alvaro.
15	A — A Cia. de Fusileiros em Postos Avançados, perto do inimigo: — a) marcha; b) reconhecimentos; c) escalonamento; d) instalação; e) — funcionamento duran-	A) — como para o dia 12/13. B, C e D: — por sub-turmas de ins-	A e E) a cargo dos Tenentes André, Tomé e Valois. B, C e D) a cargo

DIAS	ASSUNTOS	MEDIDAS DE EXECUÇÃO	MEDIDAS PREPARATORIAS
	te o dia; B) — Tiro de combate; C) — Técnica de armamento; D) — Técnica dos meios de transmissão; E) — Execução de destruições ligeiras, com o emprego de explosivos.	trução (sómente para o 1.º período). E) — Para o 2.º período e C. O. P.	dos Tenentes Hugo e Moraes.
16	A) — A Cia. de fusileiros, a Sec. Mtrs. P. a Sec. Mtrs. L., a Sec. Morteiros na Posição de Resistencia: a) ordens iniciais; b) reconhecimentos pelos quadros; c) determinação das posições a ocupar; d) início dos trabalhos de organização; B) — A Cia. de fusileiros em P. A. (retomar a situação da letra A do dia 15): funcionamento do serviço durante a noite — postos e patrulhas.	A) O C. A. S. representará 2.ª Cia. do I/18.º R. I. (os demais elementos desse Btl. serão figurados uns e supostos outros). B) Como para o dia 15 letra A.	A e B) a cargo dos Tenentes André, Tomé e Valois.
17	A) — A Cia. de fusileiros, a Sec. Mtrs. P., a Sec. Mtrs. L., a Sec. de Mtr. na Posição de resistencia: — a) definição dos trabalhos de organização do terreno no interior de um sub-quarteirão; — b) reinício dos trabalhos de organização. B) — Construção de obras de fachinas.	A) Como para o dia 16, letra A. B) Como para o dia 15, letra B.	A e B) a cargo dos Tenentes André, Tomé e Valois.
18	Descanço		
19	A) — Trabalhos de organização do terreno no interior de um sub-quarteirão (continuação do assunto da letra A, do dia 17) B) — Tiro de combate.	A) Como para o dia 16. B) para o 2.º período e C. C. P.	A) a cargo dos Tenentes André, Tomé e Valois. B) a cargo dos Tens. Hugo e Moraes.
20	A) — O Btl. I. na Posição de Resistencia: a) continuação dos trabalhos do assunto da letra A do dia 19; — b) funcionamento da observação no interior do Btl. e da Cia. — confeção de croquis; — c) confeção de roteiros pelos Pel., Sec. Mtrs. e Sec. Petr.	A) Como para o dia 16, letra A.	A) a cargo dos Tenentes Hugo, Moraes, André, Tomé e Valois.
21	A) — A Cia. de fusileiros em Postos Avançados: a) substituição durante a noite de P. A. proximo do inimigo; b) funcionamento-vigilância fixa e movel; c) retraimento. B) — Tiros de Combate. C) — Execução de levantamentos topograficos. D) — O Btl. na Posição de Resistencia: a) funcionamento da observação e das transmissões no ambito do Btl.; b) desencadeamento dos fogos da defesa.	A) Como para o dia, 16 letra A. B) Como para o dia 19, letra B. C) Para o 1.º período. D) Como para o dia 15, letra A.	A e D) a cargo dos Tens. Hugo, Moraes, André, Tomé e Valois. B) a cargo dos Tenentes Hugo e Moraes. C) a cargo dos Tenentes André, Tomé e Valois.
22	A) — A Cia. de Fusileiros no ataque, partido de uma base e apoiado: — a) reconhecimento das missões dos Pel.; c) re-	A e B) Como para o dia 14. C) Como para o	A, B e C) a cargo dos Tens. Hugo Moraes, André, To-

DIAS	ASSUNTOS	MEDIDAS DE EXECUÇÃO	MEDIDAS PREPARATORIAS
22	conhecimentos executados pelos cmts. de Pel. e G. C.; B) — Instalação de uma base de fogos de Inf., tendo em vista o apoio a um ataque: a) — identificação das missões e determinação das posições dos órgãos de fogo da base de fogos. C) — Funcionamento da observação e transmissões no âmbito de um Btl. durante o ataque-distribuição das missões, instalação, preparação.	dia 15, letra B.	mé e Valois.
23	A) — A Cia. de fusileiros no ataque, partido de uma base e apoiado (fogos reais e morteiros, executados pelos elementos da base de fogos e do escalão de fogo): a) identificação das missões dos Pels. e G. C.; b) progressão sobre o objetivo da Cia.; c) execução dos fogos pelos elementos de 1.º escalão; d) balisamento da frente atingida. B) — Funcionamento de uma base de fogos de infantaria, no apoio de um ataque: a) identificação das missões de fogo; b) execução e suspensão dos fogos. C) — Funcionamento da observação e das transmissões no âmbito do Btl., durante o ataque.	A, B e C) O C. A. S. representará a 1.ª Cia. de um Btl. Vermelho (doc. n.º 2) — os demais elementos desse Btl. serão: uns figurados, outros supostos.	A, B e C) a cargo dos Tens. Hugo, Morais, André, Tomé e Valois.
24	Estabelecimento muito longe do inimigo-prática da vida e serviços diários no acampamento.	Como para o dia 14.	A cargo dos Tens. André, Tomé e Valois.
25	Embarque e transporte em estrada de ferro.	Como para o dia 14.	A cargo dos Tens. André, Tomé e Valois.

ESCOLA DE INFANTARIA

CORPO DE ALUNOS SARGENTOS

MANOBRAS DE 1933

DE 12 A 25 DE JUNHO DE 1933

DOCUMENTO N.º 2

SITUAÇÃO GERAL

(Para os officiaes)

Um Exercito Vermelho (de Oeste), procurando avançar na direção geral serra do Piraf-Iguassú, ataca elementos do Exercito Azul (de Leste), que mantêm a frente Iguassú-Belfort Roxo.

Afim de garantir a posse do corredor do Districto Federal entre a serra do Marapicú e a serra do Cantagalo e guardar assim, o flanco esquerdo dos Azues, foi lançado, no dia D-2, um

Dest. da 6.ª D. I., constituído pelos 16.º R. I., 17.º R. I., 6.º R. C. D. e 10.º G. A. D.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Dia D - 1

- a) — Desde o meio-dia, os Vermelhos atacaram o 6.º R. C. D., que se retrai, opondo resistência ao ataque inimigo. Ao cair da noite, os Vermelhos cessaram os ataques.

Dia D

- a) — Desde o clarear do dia, os Vermelhos reiniciaram seus ataques ao 6.º R. C. D., que continuou a se retrair, resistindo.
- b) — Os elementos restantes da 6.ª D. I. continuaram a desembarcar em Deodoro. Em consequência da grande atividade da aviação Vermelha, não foi possível termi-

nar, durante o dia, o desembarque do 18.º R. I.

- c) — O 1/18.º R. I., que desembarcou, pela manhã, em Deodoro, às 12,00 horas recebeu a seguinte ordem:

6.ª D. I. P. C. na Vila Militar,
I. D/6.ª às 11 (onze) horas e
1.º R. I. 30 (trinta) minutos de
Carta: D.
D. Federal 1:50.0000.

ORDEM PARTICULAR N.º 1

Ao Cmt. do I/18.º R. I.

- I) — Vosso Btl., deverá estar pronto para marchar a partir das 18 (dezoito) horas de hoje.
- II) — Vosso T. C. marchará com o Btl.
- III) — Devereis mandar receber viveres para um dia, no Armazem n.º..., do S. S. da 1.ª R. M., em Deodoro, às 14 (quatorze) horas.

(a) Cel. G.
Cmt. do 18.º R. I.

ESCOLA DE INFANTARIA CORPO DE ALUNOS SARGENTOS

MANOBRAS DE 1933

DE 12 A 25 DE JUNHO DE 1933

DOCUMENTO N.º 3

6.ª D. I. P. C. na Vila Militar,
I. D/6.ª às 15 (quinze) horas de
18.º R. I. D.
Carta:
D. Federal 1:50.000

ORDEM PARTICULAR N.º 2

Ao Cmt. do I/18.º R. I.

- I) — O inimigo, desde ontem ao meio-dia, tem tentado progredir em toda a frente — Curral-Falso-Faz. Paladio, tendo sido repellido em alguns pontos pela nossa Cav. e, no restante da frente, detido pela nossa Inf.
- A aviação inimiga tem desenvolvido grande atividade, procurando observar nossos movimentos e realizar destruições, já tendo conseguido danificar algumas pontes de nossas estradas.
- II) — As nossas tropas mantêm-se na altura da linha Curral Falso-Faz Paladio. O nosso R. I. marchará para a região de Campo Grande, a partir de hoje.
- III) — O I Btl. marchará, na noite de hoje

para a povoação de Campo Grande, que deverá ser atingida antes das 6.00 horas de amanhã.

ITINERARIO: Vila Militar — estrada Marechal Malet — Estrada Rio-São Paulo, até Campo Grande.

- IV — Procurareis, na Est. de Campo Grande, ligação com o Gen. Cmt. da I. D./6.ª de quem receberéis ordens diretas.

Meu P. C. se deslocará amanhã para Campo Grande.

- V — O vosso T. C. marchará com o Btl.

(a) Cel. G.
Cmt. 18.º R. I.

Dest.:

Cmt. I. D/6.ª — como parte.

Cmt. I/18.º R. I. — para execução.

Cmts. II, III/16.º R. I. — como informação.

ESCOLA DE INFANTARIA

CORPO DE ALUNOS SARGENTOS

MANOBRAS DE 1933

DE 12 A 25 DE JUNHO DE 1933

DOCUMENTO N.º 4

18.º R. I. P. C. no quartel do
I BTL. C. A. S., às 12 (doze)
N.º 1 horas e 30 (trinta) mi-
nutos de D.
Carta:
D. Federal 1:50.000.

ORDEM PREPARATORIA N.º 1

- I — O nosso Btl. deverá estar pronto para marchar, á partir das 18 (dezoito) horas de hoje.
- II — Em consequencia:
Os cmts. de Cias. e Pel. Extranumerarios deverão providenciar para que até a essa hora nada faltem ás suas Cias. e Pel. Extra.
O Cap. Ajudante deverá receber ás 15 (quinze) horas, no Armazem N.º... do S. S. da 1.ª R. M., em Deodoro, viveres para um dia.
- III — O T. C. acompanhará o Btl.
- IV — Alimentação: o jantar será servido ás 17 (dezesete) horas e 30 (trinta) minutos.

(a) Major F.
Cmt. do I. Btl.

Destinatarios:

Cmt. do R. I. — como parte.

Cmts. de Cia. e Pel. Extra — para execução.

18.º R. I. P. C. no quartel do
I BTL. C. A. S., ás 16 (deze-
N.º 2 seis) horas de D.

Carta:
D. Federal 1:50.000.

ORDEM DE MOVIMENTO N.º 1

- I — Nossas tropas continuam combatendo na região de Santa Cruz, onde o inimigo tem tentado progredir, sendo repellido.
A Aviação inimiga se mantém muito ativa, procurando observar nossos movimentos e destruir pontes existentes em nossas estradas.
- II — O nosso Btl. marchará hoje para a povoação de Campo Grande, nas seguintes condições:
- Partida às 22 (vinte e duas) horas.
 - Itinerário: Av. Duque de Caxias — Estrada Mar. Mallet — Estrada Rio-São Paulo, até a bifurcação desse estrada e Estrada Real de Santa Cruz á W de Rea-lengo — Estrada Real de Santa Cruz — Estrada do Senador Vasconcellos — Estrada de Campo Grande.
 - 1.º alto horario será feito às 22 (vinte e duas) horas e 50 (cincoenta) minutos.
 - ao atingir Campo Grande bivacará e aguardará ordens do Gen. Cmt. da I. D/6.ª.
- III — a) O Tenente A. da 1.ª Cia., comandará o destacamento precursor, que partirá às 21 (vinte e uma) horas e terá á sua disposição os sapadores do Btl. e um G. C. da 1.ª Cia.
- b) O Cap. Ajudante providenciará para que seja distribuída ferramenta de parque ao referido destacamento, tendo em vista, principalmente, a remoção de terra.
- IV) Alimentação será distribuída antes da partida uma ração de mate e pão.

(a) Major F.
Cmt. do I Btl.

Destinatarios:

Cmt. do R. I. — como parte.
Cmts. de Cias. e Pel.
Extra, — para execução.

ESCOLA DE INFANTARIA

CORPO DE ALUNOS SARGENTOS
MANOBRAS DE 1933

DE 12 A 25 DE JUNHO DE 1933

DOCUMENTO N.º 5

6.ª D. I.	P. C. na Vila Militar,
I. D/6.ª.	Dia D, ás 16 (dezeséis)
18.º R. I.	horas.
N.º...	

INFORMAÇÃO

(Ao Cmt. da I/18.º R. I.)

- I — A Aviação inimiga continua a desenvolver grande atividade, havendo bombardeado e danificado grandemente a ponte sobre o arroio a um kilometro da orla Oeste de

Bangú, na estrada que vos foi designada para a marcha do vosso Btl.

(ass) Cel. G.
Cmt. do 18.º R. I.

Destinatarios:

Cmt. do I/18.º R. I. — informação.

DOCUMENTO N.º 6

Ex Azul.	P. C. em Campo Gran-
6.ª D. I.	de, ás 4 (quatro) horas
I. D/6.ª	de D + 3.
N.º...	
Carta:	
D. Federal 1:50.000.	

ORDEM PARTICULAR N.º...

(Ao Cmt. do I/18.º R/I)

(Confirmação de ordem verbal)

- I — O I/18.º R/I., hoje chegado á Campo Grande estacionará á SW dessa localidade, proximo á Igreja, e manter-se-á em condições de marchar á primeira ordem.
- II — Deverá tomar precauções contra a observação e bombardeios da aviação inimiga, que esteve muito ativa na jornada de ontem.

Destinatario:

Cmt. do I/18.º. R/I. — para execução.

DOCUMENTO N.º 7

6.ª D. I.	P. C. em Campo Gran-
I. D./6.ª	de, D + 1, ás 11 (onze)
N.º...	horas.

ORDEM PARTICULAR N.º...

Aos Cmts. I/18.º. R/I. e II/6.º R. C. D.)

- I — O inimigo que ontem durante o dia atacára o nosso R. C. D., na parte da frente, ao N da Serra de Paciencia, tem-se mantido calmo hoje.
Ao S da Serra de Paciencia o inimigo atacou, frouxamente, na manhã de hoje, a nossa Cavalaria, que o repeliu.
- II — O II/6.º R. C. D., com o seu grosso á cerca de 3 kms., á W da Estação de Paciencia, guarda as entradas do corredor entre a Serra da Paciencia e a Serra de Cantagalo.
- III — A) — O I/18.º R. I. proseguirá o movimento na tarde de hoje. Itinerário: — Estrada Real de Santa Cruz. Objectivo a atingir: — Região onde se acha o II/6.º R. C. D., onde deverá se achar ás 17 horas.
Ao atingir essa região, o cmt. do I/18.º R. I. deverá:

- a) — ligar-se com o cmt. do II/6.º R. C. D., seja por intermedio de um agente que aquele cmt. deverá mandar ao encontro do Btl., seja por iniciativa propria, procurando obter essa ligação;
- b) — permanecer em condições de manter a posse das vias de penetração de W para L, da Serra da Paciencia á linha de alturas do Curral Falso (inclusive).
- B) — O II/6.º R. C. D. como lembrança
- IV — Ligações e transmissões — agentes.
- V — T. C. com as unidades.
- VI — Alimentação — viveres e forragens: fornecidos pelo Armazem N.º... de Campo Grande, mediante pedido direto.

(ass) Gen. B.
Cmt. da I. D./6.º

Destinatarios:

Cmt. 6.º D. I. — como parte.
Cmt. I/18.º R. I. — para execução.
Cmt. do II/6.º R. C. D. — para execução.
Cmt. 18.º R. I. — como informação.

ESCOLA DE INFANTARIA

CORPO DE ALUNOS SARGENTOS

MANOBRAS DE 1933

DE 12 A 25 DE JUNHO DE 1933

DOCUMENTO N.º 3

I. D./6.º P. C. na Igreja de
18.º R/I. Capo Grande, ás 12
I Btl. (doze) horas do dia D
N.º 3 + 1.
Carta:
D. Federal 1:50.000.

ORDEM DE MOVIMENTO N.º 2

- I — O inimigo atacou, frouxamente, na manhã de hoje, a nossa Cavalaria que o repeliu. A Aviação Vermelha tem continuado na sua observação ativa.
- II — O II/6.º R. C. D. está guardando as entradas do corredor entre a Serra da Paciencia e Cantagalo.
- III — O nosso Btl. vae retomar o seu movimento até a região do Curral Falso e do seguinte modo:
- a) Partida: 1.ª Cia. ás 13 (treze) horas. — I Btl. (menos a 1.ª Cia.) ás 13 (treze) horas e 15 (quinze) minutos.
- b) Itinerario: Estrada Real de Santa Cruz.
- c) O 1.º Alto horario será feito ás 13 (treze) horas e 50 (cincoenta) minutos.
- d) Ao chegar á região do Largo do Curral Falso, o cmt. da 1.ª Cia. deverá entrar em ligação com o cmt. do II/6.º R/C/D.
- IV — Segurança: Na previsão de incursão de ligeiros elementos do inimigo, o Btl., se deslocará do seguinte modo:

- a) Vg. — 1.ª Cia.
Grosso — I Btl. (menos a 1.ª Cia.)
Rg. — 1 G. C. da 3.ª Cia.
- b) Cmt. da C. M. B. terá uma Sec. Mtrs. P. em condições de atirar contra os aviões que voem baixo.
- V — Ligações: — Cmt. do Grosso — Cmt. da C. M. B. — Marcharei com a 1.ª Cia.
- VI — Alimentação: — o Cap. Ajud. pedirá no Arm N.º... de Campo Grande, viveres e forragens para dois dias.

(a) Major F.
Cmt. do I Btl.

Destinatarios:

Cmt. da I. D./6.º — como parte.
Cmt. do 18.º R. I. — como informação.
Cmts. de Cias. e Pel. Extra. — para execução.

ESCOLA DE INFANTARIA

CORPO DE ALUNOS SARGENTOS

MANOBRAS DE 1933

DE 12 A 25 DE JUNHO DE 1933

DOCUMENTO N.º 9

I. D./6.º P. C. na Fazenda Cel.
18.º R. I. Teixeira, 2 kms. a W da
I Btl. Estação de Paciencia,
N.º 4 dia D + 1, ás 18 (de-
zoi) horas.

D. Federal 1:50.000.

ORDEM DE OPERAÇÕES N.º 1

- I — O inimigo, que na manhã de hoje, atacou a nossa Cavalaria e foi repellido, tem-se mantido calmo.
Patrulhas lançadas pelo II/6.º R. C. D., ao meio dia, entraram em contacto com elementos inimigos á cerca de 3 kms. das orlas N da localidade de Santa Cruz.
- II — O nosso Btl. vae substituir o II/6.º R. C. D., nas posições que ocupa entre a Fazenda Goulart e Morro da Joaquina.
Em consecuencia: —
- III — O Cmt. da 1.ª Cia. reconhecerá, hoje mesmo, o terreno entre o Morro da Joaquina e a cota 48 e o Cmt. da 3.ª Cia. entre a cota 48 e Fazenda Goulart, na previsão de termos de efetuar a substituição ainda hoje á noite.
- IV — O Btl. estacionará na Fazenda Cel. Teixeira.

(a) Major F.
Cmt. I/18.º R/I.

Destinatarios:

Cmt. I D./6.º — como parte.
Cmt. 18.º R. I. — como informação.
Cmt. II/6.º R. C. D. — como informação.
Cmts. Cias. e Pel. Extra. — para execução.

Projeto de transformação e utilização pratica das linhas de tiro (1)

Pelo Tenente Coronel TORRES GUIMARÃES

I) — ORGANIZAÇÃO

DEFINIÇÃO

As linhas de tiro são sociedades de preparação militar.

FIM Têm por fim:

- 1) — Ministras a instrução do tiro e desenvolver o gosto pelo tiro com arma de guerra;
- 2) — Ensinar o manejo e os processos de conservação das armas;
- 3) — Treinar os atiradores e preparar-os ao serviço arrematado por uma instrução progressiva e racionalmente intensiva, desde a escola do recruta até a escola de Batalhão, assim como ministrar-lhes os rudimentos dos serviços interno de campanha e das praças, assim como as noções indispensáveis de higiene.

(1) NOTA DA REDAÇÃO — Apresentando neste numero o trabalho do nosso colaborador Snr. Tenente-Coronel Torres Guimarães, poderíamos fazer-lo, dando-lhe um cunho mais pratico, de molde a constituir um ante-projeto de lei. Com isto não faríamos mais que nos utilizarmos da autorização dada pelo seu autor.

Entretanto nos limitamos a publicar o trabalho tal qual nos foi entregue por seu autor e para isto tivemos uma razão forte.

"A Defesa Nacional" reconhece que o Snr. Tenente-Coronel Guimarães ventilou um assunto de magna importancia para formação de nossas reservas.

De ha muito estamos convencidos da impraticabilidade de fiscalisação das linhas de tiros, espalhadas em vastas regiões, por um inspetor de tiro regional, assim como viamos a necessidade de ligal-as, no todo ou em parte, aos diferentes corpos de tropa do Exercito.

Qual o meio pratico de obter essa ligação

LIGAÇÕES DISCIPLINARES

Para dar a eficiencia indispensavel ás linhas de tiro e dar-lhes vida nova impõe-se ligal-as aos Corpos existentes no Exercito, tenham ou não tenham efetivo. E' o unico meio de mantel-os na norma de disciplina geral necessaria.

NO TEMPO DE PAZ

Resalta que as Linhas de Tiro deverão desenvolver as suas atividades na zona de recrutamento do Regimento ou Corpo ativo de numeração correspondente.

Assim a Linha de Tiro Inf.^a n. 1 funcionará nas proximidades do Comando do 1º Regimento de Infantaria.

Esta Linha de Tiro subdividir-se-á no numero de Corpos ou Batalhões, Companhias e Pelotões necesarios. O numero de unidades será essencialmente variavel e condicionado pelo nume-

com o fim de melhorar a instrução e tornar a fiscalisação mais eficiente?

Se o problema é facil com relação as linhas de tiro localizadas nas cidades, onde haja unidades do Exercito, ou em suas proximidades, oferece grandes dificuldades para ás sociedades muito distantes dos centros mais importantes.

Resolvemos então dar a palavra aos militares e civis que, por sua função ou por que tenham observações pessoais sobre o assunto, estejam em condições de discutir a questão.

Aos senhores officiaes das Circunscrições de Recrutamento, da Diretoria do Tiro de Guerra, Inspetores Regionais de Tiro e aos Presidentes dos Tiros de Guerra, pedimos que apresentem sugestões, pois as páginas de "A Defesa Nacional" estão prontas para encaminhar ás nossas autoridades o produto da observação de todos áqueles que tenham algo a dizer.

Julgamos assim prestar um serviço muito maior do que se apresentássemos no momento uma solução teorica para esse importantissimo problema.

ro de atiradores efetivamente existentes.

Ex.: Linha de Tiro n. 1 — 2º Corpo — Pelotão XIV — que será designada pelo seguinte indicativo — XIV 2/1.

NA MOBILISAÇÃO

Na mobilisação as linhas de tiro passarão a funcionar automaticamente como os Depósitos correspondentes dos Corpos ativos de que trazem a numeração, sendo os atiradores incorporados nos Corpos Ativos ou de Reserva de que dependem a medida que forem chamadas as suas respectivas classes.

DISCIPLINA E HIERARQUIA

Em tudo quanto diz respeito à Instrução as Linhas de Tiro dependerão do Chefe do Corpo Ativo correspondente.

Administrativamente e disciplinarmente continuarão sujeitos aos seus próprios Chefes e Instrutores.

INSTRUTORES

Cada Linha de Tiro, terá por Instrutor um Capitão, auxiliado por um ou dois 1.ºs e 2.ºs tenentes, conforme as necessidades. O Capitão preencherá as funções de Inspetor da Instrução dos Pelotões dependentes da zona de recrutamento do Corpo a que pertence, — é responsável perante o Comandante do Corpo Ativo. Os Pelotões terão por Instrutores Aspirantes ou 2.ºs Sargentos em numero condicionado pelo numero de atiradores

OFICIAIS E INFERIORES

Os oficiais serão designados entre os oficiais de reserva, das dife-

rentes categorias (de preferencia de 1ª categoria, 2ª classe). Os inferiores serão escolhidos dentre os atiradores que mais se salientarem por sua instrução teorica e pratica e por sua conduta exemplar.

Não poderá ser feita nem uma nomeação para a graduação de Cabo, antes de seis meses de treinamento efetivo e antes de um ano para Sargento.

UNIFORME

Os uniformes de campanhas de pano e de brim.

ARMAMENTO E EQUIPAMENTO

Os da arma.

EMBLEMAS E DISTINTIVOS

Em tempo de pás, os atiradores levarão o emblema da arma nos botões, devendo figurar nas golas dos Sub-Oficiais, Cabos e Atiradores os indicativos da Linha de Tiro — Corpo e pelotão a que pertencem. Ex.: XIV-2/1.

Na mobilisação desaparecem esses indicativos, sendo substituídos pelos dos Corpos Ativos ou de Reservas correspondentes.

II) — PROGRAMA DE INSTRUÇÃO

- a) — Regulamentos de manobras e manual de ginastica, com aplicações praticas;
- b) — Pratica do tiro com fuzil, armas automaticas ou canhão. Conhecimento da arma e da boca de fogo;
- c) — Topografia elementar e leitura da carta;
- d) — Marchas, higiene e cuidados corporais;

- e) — Para os atiradores montados: equitação, noções de hipologia, cuidados a ter com os cavalos;
- f) — Toque de sinais;
- g) — Sinalisação.

São essas as materias que constituem os conhecimentos essenciaes para obter o “certificado de aptidão militar”. Devem ser ministrados de accordo com os métodos e regulamentos em uso no Exército.

A natção, o remo, a telegrafia, o ciclismo e automobilismo, assim como o desenho e as noções e pratica de contabilidade são também sujeitos a coeficientes, sendo entretanto facultativos.

O fim colimado é fornecer por uma preparação metódica, individuos aptos a arcar com as fadigas de uma campanha, desenvolvendo neles a saude, a elasticidade, o sangue frio, e o golpe de vista — em uma palavra, todas as reservas morais e fisicas.

METODO DE INSTRUÇÃO

Na instrução do atirador devem ocupar os primeiros lugares a instrução do tiro e a ginastica de desenvolvimento. A educação fisica não deve ser feita atabalhoadamente, — leva tempo e deve ser ministrada metódicamente para que dê os resultados desejados e possa produzir efeitos beneficos sobre a saude dos atiradores e sobre o melhoramento geral da raça.

O tratamento progressivo transforma o atirador em homem vigoroso e equilibrado.

A instrução do tiro deve ser cercada de todo o cuidado, conforme prescrevem os métodos e regulamentos do Exército.

Mas ha mais; essa preparação deve ter por fim a preparação directa para a guerra.

Ora a tendencia geral é de praticar o tiro de “stand”, quer dizer um tiro lento e com pontaria demorada. Esta bem, mas é insufficiente, pois as condições atuais do tiro de guerra exigem do atirador rapidez e precisão de observação, e rapidez de movimento no carregar e apontar, etc., que só podem ser obtidos por exercicios especiais e repetidos, que devem resultar na coordenação perfeita de todos os atos, concorrendo na bôa execução do fogo. Devem se transformar aos poucos em verdadeiros reflexos, sem detrimento da regularidade dos diversos movimentos, sem o que toda a instrução se desmoronaria pela base.

Essas condições assim expostas para realizar uma bôa instrução, exigem direção firme e segura, excellentes instrutores, frequência assidua dos atiradores e exercicios repetidos.

Os Corpos de Atiradores devem zelar pelos exercicios de desenvolvimento com arma, assim como com o seu manejo.

Sem essa precaução não somente o aspecto da tropa deixará sempre a desejar, como os atiradores adquirirão defeitos individuais de que somente a muito custo poderão se desfazer.

Todos os movimentos de manejo de armas e de levar em marcha a arma ao hombro são movimentos de parada. Ora, todo e qualquer movimento de parada para não ser contraproducente e quicá ridiculo, deve ser perfeito e não se prestar portanto á menor critica. A precisão e a correção devem ser absolutas.

MARCHAS E SERVIÇOS EM CAMPANHA

Marchas de preferencia aos domingos e dias feriados.

Inicialmente são feitas sem armas

SECÇÃO DE INFANTARIA

Dos meus apontamentos de tenente

Cmt. Guignes

Traduzido da Revista de Inf, Franceza

Pelo Cap. Nilo Guerreiro Lima

A INSTRUÇÃO DA PATRULHA E DO POSTO

Considerações gerais e método de instrução

A instrução da patrulha é ministrada sob a fórmula de instrução de conjunto, isto é, sob a ação dum chefe — o Cmt. da patrulha — dirigindo e coordenando a ação dos esclarecedores.

E' uma instrução que interessa simultaneamente, os quadros subalternos e os homens, devendo objetivar a coordenação

e são simples excursões. Pouco a pouco passarão a assumir o aspecto de marchas de treinamento combinados com serviços em campanha.

As marchas devem ser aproveitadas, para lições praticas de hygiene em campanha, de leitura de carta e de noções praticas de topografia.

ESCOLAS DE DISCIPLINA

As linhas de tiro devem ser escolas de disciplina. Esse espirito que deve ser inculcado desde a escola, constitue no fôro intimo do individuo o asilo indestrutivel do dever.

Constitue não somente a força principal dos Exercitos, segundo reza o regulamento francez, mas sim tambem das Nações.

INSPEÇÕES ANUAIS

O General Inspetor da Região ou um official general ou superior por delegação sua, inspecionará anualmente as Linhas de Tiro que lhe forem su-

dos esforços em vista da missão a cumprir.

Ela deve preceder os exercicios de aplicação.

E' evidente que si, individualmente, os quadros e os homens estiverem perfeitamente instruidos, o conjunto facilmente coordenará seus esforços e agirá no sentido desejado, sob a impulsão do Cmt.

"A unidade de patrulha, sendo, em principio, o grupo de combate" (reglement de l'infanterie, 3.^a parte, n. 138) é no ambito desta unidade elementar, que é necessario dar instrução.

bordinadas, sendo-lhe comunicadas as listas contendo os nomes dos atiradores incorporados com os assentamentos individuais de cada um deles, assim como as observações relativas ao seu aproveitamento, zelo e disciplina. Essas observações servirão de base para o preenchimento das vagas que forem se dando nos quadros de inferiores e cabos.

INSTRUTORES

Os poderes publicos devem acompanhar com o maximo interesse e recompensar a ação dos Instrutores das Linhas de Tiro, pois que elas, somente pelos esforços perseverantes destes e pelo prestigio que lhe empresta o Governo, podem progredir. Os Instrutores trabalham sem duvida "pour l'honneur" e sem motivos de interesse, mas ao Governo não é licito impôr ou aceitar esses serviços sem reconhece-los de qualquer forma. Deve procurar o meio melhor e o mais adequado á obtenção do rendimento maximo possivel.

Todavia, para não complicar o adestramento e para evitar perda de tempo, convirá começar a instrução com patrulhas reduzidas ao efetivo da esquadra de volteadores, como prevê o regulamento citado (3.^a parte, n. 139).

Esta particularidade não exclue a necessidade de *todos os homens*, mesmo aqueles que se destinam a esquadra de fuzileiros serem instruídos.

O chefe será em princípio, o Cmt. do grupo ou seu cabo auxiliar. Ele dará aos esclarecedores as ordens tal como estão previstas no n. 142 do Regulamento. Tomará as precauções prescritas, precisará a missão de cada um e em seguida deixará agir os esclarecedores. O instrutor acompanhará os homens a instruir e fará as críticas necessárias. Afim de obrigar cada um a seguir atentamente o exercício, substituirá sucessivamente cada um dos esclarecedores pelos homens que estão em volta dele.

O "reglement de l'infanterie" (3.^a parte) só fala no papel das patrulhas de postos avançados, mas é necessário que cada unidade de infantaria, na vanguarda, na reta-guarda, em flanco-guarda com um flanco descoberto ou mesmo em marcha através campo na rearguarda de seus elementos de segurança, assegure uma segurança imediata por meio de patrulha. Estas frações operarão num raio curto e completarão a ação dos esclarecedores montados.

ORGANISAÇÃO DAS PATRULHAS

As patrulhas podem se classificar da seguinte maneira:

1.^o — As que se deslocam com uma velocidade geral dada e segundo um itinerário fixado;

2.^o — As que devem se deslocar por um itinerário dado, mas com velocidades não impostas;

3.^o — As que escolhem um itinerário segundo uma direção geral e uma missão dadas e cuja velocidade é função das circunstâncias e das facilidades permitidas pelo terreno.

Na primeira categoria se classificam as patrulhas de vanguarda e de reta-guarda.

Na segunda as patrulhas de flanqueadores.

Na terceira as patrulhas de postos avançados.

Qualquer que seja a natureza da patrulha, o papel do esclarecedor será pouco mais ou menos o mesmo; unicamente, o terreno e a situação do momento farão variar as dificuldades. Para o Cmt. e para o conjunto da patrulha, haverá necessidade de empregar medidas particulares segundo o caso apresentado. Eis porque cremos de utilidade dar abaixo um apanhado geral das disposições a tomar em cada caso.

PATRULHA DE PONTA DE VANGUARDA

Classificam-se deste modo as patrulhas destinadas a esclarecer e a cobrir os deslocamentos da unidade que as fornece e cuja ação está limitada ao itinerário fixado e as proximidades deste itinerário.

E' o caso mais simples, porque o itinerário e a velocidade geral foram dadas pelo Cmt. de unidade e que em caso de insucesso o grosso desta unidade poderá intervir para sustentar ou para desembaraçar a patrulha.

Restará ainda fadigas a superar, dificuldades não esquecíveis e será necessário convencer os homens que o fato de operar na proximidade de forças importantes que lhes pôde auxiliar, não deve jamais diminuir o zelo que devem ter no cumprimento de seus deveres.

Uma das dificuldades a resolver pelo Cmt. da patrulha de vanguarda, é o de conservar, em relação á unidade em benefício da qual ele opera, uma distancia suficiente para que seja assegurada em qualquer contingencia, a proteção eficaz dessa unidade. Ele deverá pois ter o cuidado de manter sua patrulha nem muito longe nem muito perto da testa da unidade que cobre.

Para iso, ele será obrigado a forçar a velocidade de marcha, afim de recuperar a distancia conveniente toda vez que o movimento fôr retardado por uma causa qualquer (obstáculos a transpôr, necessidade d'uma observação, vasculhar um bosque, um logarejo, transpôr um desfiladeiro, etc.)...

Em cada caso particular, haverá lugar para tomar posições impostas pelas cir-

cunstanças e que só uma pratica frequente permitirá conhecer e aplicar sem hesitação.

Nos altos horarios, grandes altos, altos accidentais, as patrulhas, como todos os elementos do escalão de reconhecimento, serão puxados para a frente de maneira a ter, na direção de marcha, vistas tão distantes quanto possiveis, permitindo uma observação eficaz caso o logar atingido no momento do alto não preencha esta condição essencial.

Desde que parem, os esclarecedores se transformam em vigias. Eles depositam suas mochilas para diminuir a fadiga, mas continuam a observar como se estivessem nos postos avançados.

Si se trata de um alto horario ou d'um grande alto, a patrulha recomeça a marcha na hora fixada para fim do alto, aumentada da direção do trajeto suplementar que ela teve que fazer para atingir um local. Si se trata de um alto, accidental, ela se conforma com as ordens que lhe são dadas pelo Cmt. da unidade da qual depende, mas as medidas a tomar para continuar sua missão continuam as mesmas que as tomadas no curso dos altos previstos.

No caso do inimigo ser assinalado, o principal cuidado dos esclarecedores e de seu Cmt. deve ser o de não cair n'uma emboscada. A ligação com a unidade que marcha na retaguarda é mantida e todas as precauções são tomadas para que os movimentos do inimigo sejam assinalados a tempo.

No caso de encontro inopinado do inimigo — caso menos raro do que se imagina geralmente — a patrulha abrirá fogo se não tiver outro meio á sua disposição para refrear a marcha deste inimigo ou si não puder assinalar de outro meio a presença.

Ao mesmo tempo o Cmt. da patrulha procurará atingir um logar de onde possa vêr. A arma automatica deve ser colocada com o fim de bater as vias de acesso do inimigo e para balisar um ponto favoravel a resistencia, o qual a unidade que marcha atraz virá organizar sem demora si o inimigo se reforça.

Estas disposições empregadas em circunstancias particulares, não devem portanto nos fazer perder de vista que a patrulha não combate, em principio: sua

missão, ao contrario, exige geralmente que tudo seja tentado afim de evitar o combate.

Quaesquer que sejam os acontecimentos, ela não deve, em caso algum, se deixar atrair para fóra de sua zona de marcha.

PATRULHA DE PONTA DE RETAGUARDA

Como para a patrulha de ponta de vanguarda, a patrulha de ponta de retaguarda deve, para cumprir sua missão, seguir o itinerario da coluna e marchar com a velocidade desta.

Uma patrulha desta natureza deve vigiar as proximidades imediatas da estrada que segue a coluna e na retaguarda desta coluna. Mas ao contrario da patrulha de vanguarda, que tem atraz dela elementos necessarios para a reforçar, ou a apoiar, a patrulha de retaguarda não póde contar com o apoio da unidade que a precede sem a condição de retardar o movimento de recuo da ultima unidade, da coluna.

Ela deverá, pois, evitar o combate e o embaraço pelo inimigo. Para cumprir sua missão sem perder um tempo que a afastaria progressivamente da unidade que a forneceu, dois processos podem ser usados o de emprego isolado ou mesmo combinar os dois, segundo a situação e as circunstancias.

O primeiro processo consiste em fazer marchar a patrulha por lanços successivos e paral-a depois de cada lanço para olhar atraz dela, depois tornar a partir por um novo lanço. Este processo tem o inconveniente de fazer perder tempo e obrigar a forçar a velocidade para ganhar este tempo perdido. Por outro lado deixa durante um certo tempo a retaguarda inexplorada.

O segundo processo consiste em "semeiar" successivamente os esclarecedores ao longo da estrada e reunil-os em seguida.

Esta operação póde se fazer da seguinte maneira: a patrulha está reunida no momento da partida. O Cmt. deixará imediatamente, neste ponto, um esclarecedor que observará na retaguarda e lançará, de tempos em tempos, um golpe de vista sobre o grupo da patrulha que se põe em marcha na direção fixada.

Quando um segundo esclarecedor tiver parado, o primeiro, forçando o passo dei-

xa seu posto e se junta ao camarada que tomou sobre si o encargo de vigiar a retaguarda. Durante este tempo, o resto da patrulha continúa sua marcha, depois, o Cmt. lança um 3.º esclarecedor a que os dois primeiros se juntam e o movimento continua assim até que todos os esclarecedores tenham sido successivamente "lançados" e que o Cmt. pare por sua vez para vigiar, enquanto que os esclarecedores, successivamente reunidos, a ele se juntam.

O movimento continúa desta maneira até a parada final da coluna.

Este processo tem a vantagem de assegurar a permanencia da vigilancia e a possibilidade frequente, para o Cmt., de retomar o contato com todos os seus homens e de reunir as informações que puderam colher. Deve-se ter o cuidado de evitar que os pontos de parada dos esclarecedores sejam muito afastados uns dos outros, o que impediria os homens de prestarem entre si um apoio mutuo.

As patrulhas das quais nos ocupamos aqui são as que a infantaria póde ser levada a fornecer quando o inimigo não foi assinalado com vigor sobre a retaguarda da coluna e quando a cavalaria amiga não assegura a proteção na retaguarda.

Nas marchas retrogradadas seguidas de perto pelo inimigo, as fortes retaguardas, constituídas para assegurar a segurança na retaguarda serão geralmente dotadas com cavalaria e engenhos motorizados para assegurar as missões da retaguarda de modo mais completo, o que não seria possível á infantaria fazer.

PATRULHAS DE FLANQUEADORES

A patrulha de flanqueadores será frequentemente empregada pelas unidades cujo flanco está descoberto ou cujo afastamento das unidades que marcham á sua altura não permita contar com o apoio eficaz destas unidades.

Esta patrulha operará a curta distancia e só terá um raio de ação restrito. Ela receberá do Cmt. que a destacou, indicações precisas sobre sua missão, sobre seu itinerario e sobre a velocidade de marcha da unidade a cobrir; ela regulará do melhor modo, seu passo com o imposto a esta unidade.

Segundo as circunstancias, as patru-

lhas desta natureza serão destacadas para assegurar sua missão durante toda a direção do trajeto: caso da proteção d'uma pequena coluna: pelotão, companhia, das quais elas assegurarão a guarda do flanco descoberto. Sua preocupação será, então, marchar paralelamente á coluna e á mesma altura que esta.

Sempre que os esclarecedores de infantaria não possam assegurar este serviço, patrulhas de flanco-guarda serão destacadas no decurso da marcha para vasculhar, a curta distancia, certas partes do terreno vizinho do caminho seguido pela coluna.

Neste caso, elas deverão ser destacadas precisamente a tempo de se acharem no lugar no momento em que a testa da coluna chega á altura dos pontos a vasculhar.

Elas cumprirão sua missão durante a duração do escoamento da coluna e se juntarão, em seguida, aos ultimos elementos desta.

Elas desempenharão assim o papel de flanco-guarda fixa.

Elas aproveitarão um alto horario para atingir seu lugar na unidade que as destacou.

Durante os altos horarios, os grandes altos e os altos accidentais, os comandantes de colunas ou de fração de coluna deverão fazer guardar seus flancos a curta distancia por patrulhas, que ocuparão seus lugares por itinerarios obliquos, forçando o passo, depois da partida de sua unidade.

Estas patrulhas se fixarão sobre pontos favoraveis a observação e vigiarão sobretudo as vias de comunicação.

PATRULHAS DE POSTOS AVANÇADOS

E' o caso em que a patrulha deve agir com iniciativa e sangue frio. Ela escolhe seu itinerario e marcha com o passo permitido pelo terreno e as circunstancias. Em caso de encontro com o inimigo, ela não poderá contar com nenhum apoio, mas deverá tentar tudo para:

— cumprir a missão que lhe foi confiada;

— armar uma emboscada e fazer prisioneiros;

— combater quando não tiver outro meio para assinalar a presença do inimigo vigoroso;

— procurar cortar a retirada dos elementos inimigos que entram em suas linhas.

Patrulhas desta natureza, á noite sobretudo, só podem ser executadas por comandantes e homens escolhidos por suas qualidades de audacia, de sangue frio e habilidade para se livrar d'uma situação critica.

Não quer dizer isto que não se deva instruir igualmente todos os homens e todos os graduados.

METODO DE INSTRUÇÃO

O regulamento da Infantaria (3.^a parte, n. 142) nos dá o detalhe das ordens que todo o Cmt. de patrulha deve receber. Insistiremos nisto apenas para sublinhar a necessidade de se dar missões:

Muito simples e muito claras, não toher a iniciativa do Cmt. com prescrições muito detalhadas que incidentes comuns, intervindo no curso da execução, podem ás vezes invalidar; dar muito excepcionalmente, segundo a carta, os itinerarios a seguir.

Recebidas as ordens, o Cmt. da patrulha tem a obrigação de dar a seus esclarecedores conhecimento da missão comum, pontos de reunião eventuais e entrada nas linhas; ainda mais, deve verificar o equipameto, a ausencia de documentos que possam ser utilizados pelo inimigo, precisar os sinais de reconhecimento e designar um Cmt. eventual.

Todas estas prescrições, constituem para o Cmt. da patrulha um especie de senha geral permanente, sendo necessario fazel-as entrar na memoria, de maneira a crear, por sua repetição, um reflexo junto de cada graduado. Bastará para isto, que o instrutor verifique que elas sejam estritamente seguidas em cada exercicio de applicação.

O tempo durante o qual as patrulhas de postos avançados deverão ficar fóra das linhas deverá ser sempre calculado com liberalidade, mas se deve habituar os

graduados a entrar com sua patrulha desde que a missão esteja terminada. Quando as circunstancias retardarem o cumprimento da missão e, por conseguinte, a hora prevista para a entrada, o Cmt. da patrulha disto dará uma parte.

Esta prescrição permite evitar a volta prematura das patrulhas cujos Cmts. muito timoratos consideram que a hora fixada para a volta tem prioridade sobre a obrigação de cumprir primeiro a missão que lhes foi confiada.

Só a pratica permitirá desenvolver ao mesmo tempo o valor e a habilidade do Cmt. e dos esclarecedores.

Afim de desenvolver a iniciativa intelligente de cada um, o instrutor creará incidentes variados, mas sempre aceitaveis, na situação considerada.

Isto desenvolverá por outro lado o espirito de decisão indispensavel para fazer face sem perca de tempo ás situações imprevistas.

A's vezes fatos inesperados modificação a missão inicial. O Cmt. da patrulha deverá então dar uma parte sem demora e tomar, esperando novas ordens, disposições exigidas por estes acontecimentos.

Não se poderá mostrar precisamente os pontos de entrada da patrulha. Indicar-se-á — como se indicará aos vigias — os pontos aproximados de entrada, mas é evidente que as patrulhas entrarão por onde puderem, principalmente si sua volta foi contrariada pela presença do inimigo. E' necessario, pois, prevenir os vigias e os postos de sahidas e entradas provaveis das patrulhas que estão circulando em seu sector ou que possam ser levadas a aí circular.

Desde que uma patrulha não entre dentro do prazo fixado e que o Cmt. que as destacou não receba nenhuma parte imamente dela ou concernindo a ela, ele deverá se inquietar sobre o que possa ter acontecido e se ter em guarda, prestes a todo acontecimento.

PROGRAMMA DOS EXERCICIOS A FAZER PARA A INSTRUÇÃO DA PATRULHA

N.º de ordem	NATUREZA DOS EXERCICIOS	TERRENOS	OBS.
	A — Patrulha de vanguarda:		
1	Marcha da patrulha sobre um itinerario determinado com o fim de estudar o mecanismo do funcionamento da patrulha	N'uma estrada.	Colocar os homens a instruir sobre um ponto dominante.
2	Funcionamento do serviço longe do inimigo	N'uma estrada depois n'um caminho e emfim através de campos e depois através dos bosques.	Estudar as disposições tomadas no decorrer da marcha e durante os altos.
3	Funcionamento do serviço desde quando elementos ligeiros do inimigo foram assinalados		
4	Id.		
5	Encontro de patrulhas inimigas		
	Id.		
	Encontro d'uma aldeia, d'um bosque, d'uma ponte, d'uma casa isolada, etc.		
6	Surpresa d'um destacamento inimigo.		
7	Patrulha surpreendida pelo inimigo.		
8	Patrulha perseguida por um inimigo com vigor.		
9	Patrulha cuja retirada está cortada.		
10	Ação da patrulha em ligação com os cavaleiros do pelotão regimental.		
11	Papel durante os altos:		
	a) Altos horarios;		
	b) Grandes altos;		
	c) Altos accidentais.		
	NOTA: — Operar de dia, de noite, em tempo de cerração e de chuva, etc. e aumentar progressivamente as dificuldades do terreno, mudar frequentemente de terreno.		

N.º de ordem	NATUREZA DOS EXERCÍCIOS	TERRENOS	OBS.
	<p>B — Patrulha de retaguarda:</p> <p>Mesmos exercícios que para as patrulhas de vanguarda para os exercícios ns. 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10 e 11.</p> <p>Mais:</p> <p>Exercício destinado a estudar como opera uma patrulha:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) atraída pelo inimigo; b) retardada em sua marcha por uma causa qualquer; c) surpreendida ou desordenada sobre o itinerário principal por elemento inimigo motorizado. <p>C — Patrulha de flanqueadores:</p> <p>I) Patrulhas fixas destacadas de sua unidade para cumprir uma missão momentânea.</p>		
1	Patrulha destacada d'uma Cia. seguindo um itinerário dado, para vasculhar um bosque, uma casa isolada, uma colina, etc., e tornando a se reunir á cauda da coluna por um itinerário obliquo.	Sobre caminhos, depois através de campos, aumentando as dificuldades do terreno.	
2	Patrulha tendo a mesma missão mas destacada na frente e reunindo-se á coluna, logo que sua missão esteja terminada.		
3	Nas situações acima fazer intervir o inimigo a pé, ou a cavalo, ou motorizado.		
	<p>II) Patrulhas moveis que se deslocam com a velocidade da coluna que as destacou.</p>		
1	Deslocamento sobre um caminho paralelo ao da coluna.		
2	Deslocamento da coluna sobre um caminho e das patrulhas através de campos.		
3	Deslocamento através de campo da coluna e da patrulha.		
4	Nas situações acima fazer intervir o inimigo a pé, a cavalo ou motorizado.		

N.º de ordem	NATUREZA DOS EXERCÍCIOS	TERRENOS	OBS.
5	Nos 2 casos (patrulhas fixas e patrulhas moveis) ensinar aos patrulheiros a operar em ligação com os cavaleiros do pelotão regimental.		
	D — Patrulhas de postos avançados:		
1	Patrulha operando de dia, em uma zona determinada, para se assegurar, seja da presença do inimigo, seja para precisar uma informação topografica ou outra.	Itinerario nitidamente fixado, e balisado por um caminho, um valado, um ponto divisorio e campo, etc., depois em terreno variado, coberto, cortado.	Admitir 1.º que o inimigo está longe, depois que seus elementos se aproximam progressivamente, considerando-os em marcha, depois estacionado aproximado de si.
2	Mesmo exercicio durante a noite.		
3	Patrulhas cobrindo a instalação dos postos: a) o inimigo longe; b) o inimigo proximo.		
4	Patrulha de contato: a) de dia; b) de noite.		
5	Patrulhas protegendo os reconditos dos postos avançados: a) de dia; b) de noite.		
6	Patrulhas encarregadas de armar uma emboscada: a) ao cair da noite; b) de noite e c) ao alvorecer.		
7	Patrulha surpreendida pelo inimigo.		
8	Patrulha seguida pelo inimigo no momento em que ela torna a entrar nas linhas amigas: a) Dia; b) Noite; c) Alvorecer.		
9	Patrulha surpreendendo elementos inimigos.		

N.º de ordem	NATUREZA DOS EXERCÍCIOS	TERRENOS	OBS.
10	Patrulha surpreendendo elementos inimigos que entram em suas linhas: a) de dia; b) de noite; c) ao alvorecer.		
11	Patrulha encarregada de assaltar um vigia inimigo: a) de dia; b) de noite; c) ao alvorecer.		
12	Patrulha que não póde entrar na hora que lhe foi fixada.		
13	Patrulha obrigada a entrar nas linhas por um ponto que não aquele pelo qual ela saiu.		Operar de dia, de noite e ao alvorecer.
14	Patrulha cujas realizações são suscetíveis de modificar a missão inicial.		

A INSTRUÇÃO DO POSTO

O papel dos postos, nos diz o Regulamento de Infantaria (3.^a parte, n. 134) é assinalar a aproximação de inimigo, retardar-o por seus fogos e dar aos elementos do sub-quarteirão que trabalham ou que repoisam, o tempo para ocupar seus logares de combate.”

Desta definição podemos concluir: que o posto tem uma missão de vigilância e uma missão de combate e que ele deve, pelas disposições tomadas por seu Cmt. poder enfrentar estas duas eventualidades.

Segue-se, daí que ele deve, ao menos por meio de seus vigias, vêr, e com suas armas automaticas, ter a possibilidade de retardar ou fazer parar o inimigo; por conseguinte ele terá um local organizado para o combate e plano de fogo preparado. E' necessario, pois, que o local escolhido seja organizado por meio da fortificação ligeira de campanha e camouflado as vistas terrestres e aereas.

Como compreende habitualmente um grupo de combate, é necessario que todos os graduados recebam a instrução neces-

saria para escolher o local, instalar, comandar e defender o posto.

Para ir ter ao local indicado pelo comandante do sub-quarteirão, geralmente por meio da carta, o comandante do posto terá de escolher seu itinerario e se cobrir por uma pequena patrulha á qual ele indicará o limite a não ultrapassar. E' sob a proteção desta patrulha que ele escolherá o local do posto no terreno, colocará os vigias e começará a organização dos fogos. A patrulha tornará a entrar quando os vigias estiverem em condições de cumprir eficientemente sua missão.

Antes de sua partida para o local que lhe foi fixado, o Cmt. do posto recebe do comandante do quarteirão todas as indicações relativas á sua missão, as ligações com os vizinhos, etc., sobretudo a conduta a ter em caso de ataque, que deve ser dada por escripto. Nesta ordem, da qual é conveniente preparar antes o esquema afim de não esquecer nada de essencial, o Cmt. do quarteirão terá que indicar os tiros preparados na zona de vigilância do posto e os sinais para o desencadeamento destes tiros. Tais são, em resumo, as prescrições regulamentares que é preciso no decorrer

da instrução, fazer entrar nos reflexos de todos.

Os roteiros gerais a aplicar estão previstos pelo regulamento de Infantaria (3.^a parte n. 134). Eles serão aplicados no decorrer de todos os exercícios favoráveis de maneira a torná-las familiares. O instrutor comentará estas considerações e fará compreender o porque das medidas prescritas mostrando, igualmente, as consequências possíveis de sua não aplicação.

O Chefe do posto, se conformando as prescrições do regulamento de infantaria (3.^a parte, ns. 159, 160 e 161) deverá verificar pessoalmente a colocação dos vigias e retificar o que esta colocação possa ter de defeituosa. Ele precisará, neste momento os roteiros do vigia e chamará a atenção dele sobre os pontos importantes do terreno o limite do setor, e colocação dos visinhos, etc.

Esta verificação é indispensável; ela deverá ser feita o mais cedo possível.

Desde que tenha atingido o seu local e sem esperar que a organização do posto esteja terminada, o Cmt. enviará a seu comandante de sub-quarteirão uma parte sumaria de chegada no local. Esta medida é necessária para permitir ao Cmt. do sub-quarteirão estar seguro da sorte dos postos. Só quando a instalação estiver terminada e o terreno estudado, é que terá ensejo de enviar uma parte de instalação acompanhada d'um croquis dando as indicações sobre o detalhe da instalação.

As medidas a evitar, para o estabelecimento destas partes, será o excesso de detalhes inúteis, notadamente no estabelecimento do croquis. Este ultimo deverá ser em grande escala, só dar indicações sumarias, mas sobretudo ele deverá conter as indicações interessantes que a carta não dá; exemplo: um muro de alvenaria inter-

rompendo a vista e detendo os projetis, uma vala impedindo a progressão, uma ravina acentuada que a arma automatica não pôde bater, etc. Duma maneira geral, este croquis deverá indicar as partes do terreno que o fogo do posto não pôde bater. As questões da ligação com os postos visinhos e das possibilidades do tiro em proveito destes postos, não deverá ser esquecida.

O instrutor deverá habituar o Cmt. do posto a idéa que ele só pôde e deve regular os detalhes do serviço e dar as ordens necessarias á boa execução dos roteiros. Segue-se que ele não poderá, sem inconveniente, delegar uma parte de sua autoridade e de sua responsabilidade. E' de sua vigilância e de sua iniciativa inteligente, de sua atividade, que dependerá a boa execução da missão recebida.

A' noite, principalmente, ele deverá se assegurar por frequentes rondas pessoais que os vigias fazem seu serviço.

Durante o dia, ele deverá fazer com que todos conheçam as particularidades do setor a vigiar, de maneira que cada um possa, quando preciso, cumprir as missões de vigia ou de esclarecedor nas melhores condições.

A instrução será dada de dia e de noite para se aprender o mecanismo; em seguida ela será dada, nas mesmas condições, sobre terrenos e em situações diferentes. Interessar-se-á pelos exercícios, fazendo intervir o inimigo que será representado ou figurado todas as vezes possíveis.

A instrução será sobretudo uma instrução de graduados, pois que o adextramento anterior dos homens ás missões do vigia, de esclarecedor e de combatente os terá preparado para as suas missões no posto.

OFERTA DE "A DEFESA NACIONAL"

Cumprindo com seus Estatutos, além do aumento de paginas deste numero e do anterior, oferecemos neles aos nossos assinantes, em separata, a "Instrução de transmissões", do Cap. Lima Figueirêdo, edição da Biblioteca de "A DEFESA NACIONAL".

N.º de ordem	NATUREZA DOS EXERCÍCIOS	TERRENOS	OBS.
1	Theoria geral sobre os diferentes escalões dos postos avançados insistindo particularmente sobre a missão do escalão de vigilância.	Em e sobre terreno favorável.	Mostrar-se-á sobre o terreno praticamente os diferentes escalões dos postos avançados.
2	Mecanismo da instalação d'um posto partindo do terreno da Cia. que a destaca.	Terreno provável.	Os homens e graduados a instruir estando colocados para seguir as operações.
3	Instalação n'uma hipótese dada:	Id.	NOTA: — I) Operar igualmente em terreno coberto e cortado, sobre grandes frentes e em missões de retaguarda.
4	— O inimigo suposto longe.	Id.	
	— O inimigo suposto próximo.	Id.	
5	Instalação do posto atrapalhada por elementos inimigos.	Id.	
6	O posto instalado, frações inimigas são assinaladas da vizinhança.	Terreno favorável.	
7	Presença de um desertor (e de vários) de uma tropa que pede para entrar nas linhas, d'um homem isolado (e de vários).	Id.	NOTA: — II) Os exercícios acima serão igualmente repetidos de noite, em tempo de cerração, ao alvorecer, etc.
8	Ataque d'um posto vizinho.		
9	Instalação ao contato do inimigo.		
10	Ataque pelo inimigo com vigor.		
11	Ataque do inimigo sobre a frente dos pontos avançados: a) de dia; b) ao acaso.		
12	Surpresa do posto e retirada sobre a linha de resistência.		
13	Revezamento do posto, etc., etc.		

C. P. O. R.

Pelo Cap. José Alves de Magalhães

(Adj. do E. M. do 2º G. R. M.)

Dizer algo concernente á eficiencia do curso de preparação dos officiaes da reserva (C. P. O. R.) é falar da propria preparação dos quadros de officiaes da ativa.

O C. P. O. R., em nossos dias, já pôde ser considerado com firmeza, uma Escola Militar de Emergencia, com especial destaque o C. P. O. R. da 1ª R. M.

O Exercito em tempo de pás é constituido dos verdadeiros instrutores e orientadores das forças vivas da Nação, sob qualquer aspeto que se apresente o problema.

Entre as multiplas missões que lhes são afétas, destaca-se, como mais importante, a da formação das Reservas (material e pessoal).

Essa ultima, reserva-pessoal, consta, em resumo, da preparação da ver-

dadeira massa humana — os conscritos — que deverá ser encaminhada conscientemente para o campo da luta afim de defender a honra da Patria e da Familia.

Paralelamente a essa cuidadosa preparação civico-militar, outra não menos importante é a da preparação dos officiaes da reserva, que uma vês declarada a guerra e multiplicados os efectivos, terão que desempenhar as funções de condutores das suas unidades, com todas as responsabilidades, moral-civico e profissionais.

Diante dessa exposição sintetica, chega-se á conclusão clara e logica da verdadeira responsabilidade, assumida perante á Patria por esse nucleo de officiaes da reserva; para bem salvaguarda-la, cabe ao Exercito decidir sobre a

MODELO DA PARTE A FORNECER PELO CHEFE DO POSTO A SEU CMT. DE UNIDADE

P A R T E

MODELO : — 1/4 de folha de papel almasso

N.º	Dia	Data	Hora
0	Cmt. do posto n.º	ao Cap. Cmt. da Cia. em

Eu estou em

O dispositivo do posto é dado pelo croquis junto (1) — (escala de 1/10.000 ou 1/20.000).

Ligações com meus postos vizinhos.

Informações sobre o inimigo.

Observatorios reconhecidos.

Diversos:

(Perguntas, perdas, informações topograficas, estado do terreno, parte do terreno não batida pela arma automatica e que poderá ser necessario bater).

(1) Distribuir adiantadamente desde que se possa, croquis preparados, ou papel de calque.

melhor diretriz na qual é primordial a escolha e formação dos seus instrutores, a meu ver aí está a pedra de toque da verdadeira solução do problema da formação dos oficiais da reserva.

Na E. M. a seleção para a carreira do oficialato deve ser rigorosa, afastando imediatamente aqueles que não mostrarem, de início, um certo pendor pela vida militar, ela deve ser objeto de constante observação por parte de instrutores e professores que deverão esclarecer, sempre que oportuno, os jovens futuros oficiais, mostrando-lhes que a vida militar é mais de sacrifícios que de prazeres, profundamente modesta materialmente, porém infinitamente grande e rica sob o ponto de vista moral.

No C. P. O. R. essa apuração, daqueles que realmente são aptos, deve ser excessivamente rigorosa porque si naquela (E. M.) o rigor da escolha deixar ainda a desejar, essa lapidação não terá solução de continuidade porque a própria vida militar porá constantemente em cheque a responsabilidade do oficial jovem sob o aspeto moral e profissional e, dessa forma, a sua própria consciência lhe indicará qual o melhor rumo a seguir, nesse (C. P. O. R.) a questão se apresenta mais delicada e portanto exige uma solução mais precisa.

A solução moral-cívica deve ser

observada em primeira urgência, do contrario a missão falhará, porque o preparo dos alunos da E. M. visa o desempenho de uma missão imediata, emquanto que a formação dos oficiais da reserva é para o desempenho de uma função ulterior (período de guerra).

Conclusão:

— A organização da reserva, homens-soldados, sendo a razão de ser dos quadros do Exercício ativo, deve essa estar na altura do cumprimento dessa missão;

— A organização da reserva de oficiais deve exigir:

Inicialmente, uma cuidadosa escolha do núcleo de instrutores uma verdadeira seleção, moral-profissional entre oficiais, de forma que o problema em si fique já facilitado;

Em seguida, a aceitação dos alunos, embora recrutados no meio culto-academico, — deve ser cuidada com especial atenção visando sanear e curar mesmo da doença *derrotismo*.

Do resultado dessa preparação inicial feita pelo órgão competente (E. M. Ex.) é que poderemos esperar nos próximos dias um verdadeiro intercâmbio civil-militar de tranquillidade e simpatia é, no futuro, uma melhor e segura confiança na ação desses condutores de homens durante o período de guerra.

Rio, 20-XI-33.

Atenção

Srs. representantes e assinantes

VAE MUDAR A CÔR DA CAPA

Com o proximo numero findam as assinaturas semestrais e anuais.

Pede-se o favor de reformar as assinaturas adiantadamente como mandam as instruções.

Pede-se tambem, com a devolução da guia de remessa do presente numero, a relação dos assinantes que continuarão, e de novos que se arregimentarem até fim de Dezembro, de forma a evitar interrupção na remessa.

Serviços de Fundos e de Intendencia

Pelo 1.º Tte. José Sales

(Continuação do n.º 232)

III

Serviços dos corpos e estabelecimentos militares: Tesouraria, almoxarifado e aprovisionamento (rancho da tropa).

IV

As tropas são representadas pelas Cias. de administração presentemente em numero de cinco.

De accôrdo com a orientação que, neste trabalho, vimos seguindo, as sugestões adiante parecem-nos oportunas; executadas dentro do plano de reorganização a ser elaborado, julgamos, salvo melhor juízo, que poderia o Serviço de Intendencia deixar de vêr a fase das experiencias em que até agora tem vivido. Assim:

I — A fiscalização administrativa dos dinheiros de que trata o art. 1.º do regulamento respectivo não lhe deve caber porque pertence ao Serviço de Fundos e Contabilidade, já tratado; ha manifesta colisão entre os dois Serviços neste ponto.

II — Pelo mesmo motivo, suprimir da D. I. G. a 4.ª Secção, por desnecessaria.

III — Reorganizar o Estabelecimento Central de Fardamento e Equipamento, de modo a que suas duas secções não sejam ao mesmo tempo produtoras e provedoras; uma deve cuidar exclusivamente da produção e outra do provimento, organizando-se os trabalhos segundo os metodos científicos (doutrina de Taylor); tirar-lhe o encargo dos provimentos indemnizaveis aos officiaes. Idem quanto ao S. C. T. E.

IV — Dar efetiva organização aos Estabelecimentos Regionais de Fardamento e Equipamento, pelo menos na parte destinada a prover a tropa da Região.

V — Promover a criação de coope-

rativas militares capazes de prover, nas melhores condições possiveis, á officialidade em geral, de todas as peças destinadas á sua indumentaria militar.

VI — Suprimir dos S. I. R. as attribuições relativas a fundos e vencimentos pelos motivos já expostos.

VII — Idem quanto ao cargo de tesoureiro dos corpos de tropa e estabelecimentos militares que passa a pertencer ao Serviço de Fundos e Contabilidade.

VIII — Estabelecer diretivas especiais que poderão constar do R. I. O. T. para a instrução das tropas de administração, que deve ser de especialistas, visto como, á sua falta, os respectivos comandantes tem-se limitado a transforma-las em tropa de infantaria mais ou menos improvisada.

Isto afóra outros detalhes que um estudo mais meticoloso possa fazer surgir.

★ ★ ★

Abordou-se até agora a questão organico-material que, uma vês concebida, requer, para mover o seu mecanismo, seguindo a ordem logica, um pessoal indispensavel, especialmente preparado, cujo estudo merece alguns momentos de cuidadosa atenção por parte daqueles sobre cujos hombros pesa a responsabilidade da propria existencia dos órgãos da nossa alta administração: E' o problema relativo aos quadros, o seu lado mais importante.

Existem, presentemente, nada menos de cinco quadros diferentes para ambos os Serviços que foram objéto das observações feitas linhas atrás; e senão vejamos: a) officiaes honorarios da Diretoria de Contabilidade; b) Intendentes de Guerra; c) officiaes de administração; d) officiaes contadores; e) corpo de intendentes (extinto por lei, mantidos e aproveitados os existentes).

O primeiro desta série comporta a seguinte hierarquia: Diretor, com a gra-

duação de Coronel; sub-diretores, com a de Tenente Coronel; primeiros oficiais, com a de major; segundos ditos, com a de Capitão; terceiros ditos, com a de 1.º Tenente; quartos ditos, com a de 2.º tenente; um guarda-livros, com a de Major; um pagador, idem; fieis, com a de 1.º Tenente. São todos oficiais honorários.

O recrutamento desse pessoal é feito por meio de concursos de 1.ª entrada, dando direito ao ingresso no primeiro posto do quadro, e de 2.ª entrada para o acesso gradual até o posto mais elevado.

Devemos convir que uma tal organização não se salienta por perfeita para serviços de tal responsabilidade; um quadro de funcionarios civis, apenas com regalias de postos militares, colocados em uma situação moral mais vantajosa, praticamente inamovíveis, naturalmente avessos á disciplina propriamente militar, não póde, por muito bôa vontade que haja da parte de seus componentes, entre os quaes se notam elementos de escôl, não é justo negar, preencher cabalmente as finalidades que a existencia da extensa coletividade, que é o Exercito, exige.

Por outro lado o recrutamento por meio de um simples concurso imposto aos candidatos, na maioria das vês provindos do meio civil, sendo apenas reservistas, não é prova suficiente de capacidade para o seu ingresso e acesso a postos elevados, onde vão figurar com iguais direitos ao lado dos que dispenderam maior soma de sacrificios para adquiri-los; é uma clamorosa desigualdade que fere de frente os principios mais comeseinhos da ética.

Embora os partidarios acerrimos do concurso, que não são poucos por motivos varios, defendam fervorosamente o seu ponto de vista, nunca que um tal processo póde estar na mesma altura de um curso regular, onde ha sempre um método para se contrapor ao método confuso dos que, ás pressas, se preparam para um concurso. E' evidente; e uma das provas bem frisantes é que, no meio civil, até um guarda-livros, ocupando lugar de muito menos representação do que o de um official, é obrigado a

um curso afim de se tornar um verdadeiro tecnico na sua profissão e como tal aceito.

Os demais quadros já referidos pertencem ao Serviço de Intendencia. O de intendentes de guerra comporta a hierarquia unica, dentro do Exercito, a começar no posto de capitão e terminar no de general de brigada e tem por encargos a *direção* e *fiscalização*. O de officiais de administração comportando a de aspirante ao posto de capitão encarega-se de *gerir* e *executar*. O de contadores, com hierarquia igual á deste, exclusivamente destinado aos serviços de contabilidade nos corpos de tropa e estabelecimentos militares. O corpo de intendentes, extinto pelo decreto numero 14.385, de 1.º de outubro de 1920, com a hierarquia de 2.º tenente a tenente coronel, cujos componentes são mantidos e aproveitados até se dar a completa extinção; este ocupava-se, outróra, de todos os encargos atualmente atribuidos aos três outros.

Si tal organização é ou não perfeita, dentro dos principios científicos, não nos cabe, aqui, abordar esse assunto, dada a sua delicadeza, mesmo porque já foi suficientemente estudado por uma série de officiais de reconhecida capacidade, quer isoladamente, quer reunidos em comissões para tratar de uma unificação geral. Esta se nos afigura um problema muitissimo delicado cuja solução, embora não sendo impossivel, é difficilima em face do entrecchoque dos *direitos adquiridos* que, a bem dos interesses gerais da propria familia militar, precisam ser integralmente respeitados; é um ponto capital isto.

A divisão atrás estudada em dois Serviços autonomos, requerendo por sua natureza dois quadros distintos, parece-nos ser o caminho mais viavel para se chegar ao fim que se cuida de alcançar, porquanto facilita a redução a esses dois de todos os demais quadros supra referidos: Seriam o de intendentes e o de contadores do Exercito.

O primeiro poderia comportar a hierarquia de 2.º tenente a general de brigada, visto serem mais amplas as suas atribuições, e o segundo a de 2.º tenente a coronel, formando-se aquele

naturalmente com a reunião dos atuais de intendentes de guerra e de administração, absolutamente sem prejuízo para ninguém, encaixando-se os capitães intendentes de guerra (que são mui poucos) como maiores no quadro novo.

A formação do quadro de contadores do Exército não oferecendo, embora, tanta facilidade, pôde igualmente se fazer sem ferir direitos de quem quer que seja, bastando para isso que se adotem uns tantos principios reguladores por meio dos quais se possam distinguir os *direitos* dos *supostos direitos*, principios aliás muito faceis de ser encontrados por aqueles que vêem estudando o assunto com certa elevação de vistas.

O efetivo desses quadros seria fixado, tomando-se por base as necessidades minimas do Exército; si daí resultar um aumento no pessoal existente e consequentemente uma despesa orçamentaria um pouco maior, este será tão insignificante que terá larga compensação nos beneficios que dêle advirão para o Exército e o paiz, cujos bens patrimoniais serão melhor administrados, o que com a atual organização não se tem podido fazer em vista da série de conflitos a que as suas imperfeições tem dado lugar.

Poder-se-ia, também, para completar o trabalho, rever os quadros do pessoal subalterno e esboçar as bases para a formação da reserva dos dois quadros de officiaes supra-mencionados, estabelecendo-se para tanto cursos especiais nos C. P. O. R., que poderiam conquistar preciosos elementos nas Escolas de Commercio e Faculdades de Ciencias Economicas reconhecidas, existentes no paiz.

★ ★ ★

Fundada nessas bases a organização dos dois Serviços acima tratados, resta falar sobre o recrutamento dos officiaes para os respectivos quadros, que requer o estabelecimento de normas seguras, ficando assim completo o seu plano geral.

Neste ponto já temos dado um grande passo com a criação da Escola de Intendencia, parte que foi dos planos elaborados pela Missão Militar Franceza; deste modo, ai também basta só aperfeiçoar o que já existe.

A refórma visaria, então, manter

dois cursos para cada quadro — um fundamental e outro de aperfeiçoamento — com um cunho mais científico e pratico, de acordo com a situação do official em um exercito moderno, visto como não se deve distrai-lo muito dos afazeres que lhe são proprios para fazê-lo passar constantemente pelos bancos escolares; teria o primeiro três anos letivos de nove meses cada um e o segundo um ano nestas mesmas condições.

O curso de *aperfeiçoamento* será feito pelo official quando tiver atingido o posto de capitão porque assim se evitará que êle seja sempre afastado das suas funções, na tropa ou nos estabelecimentos militares, com manifesto prejuizo para os serviços administrativos que a elles são afetos; além disto, estes dois cursos são mais do que suficientes para a formação dos officiaes intendentes e contadores, sendo exagerado o que exceder disso, visto como o profissional uma vês tendo formado o seu intellecto, ampliará seus conhecimentos fazendo estudos no silencio do seu gabinete, bastando apenas que entre os seus deveres figurem aqueles que o obriguem a tanto por si mesmo.

Si nessa refórma do regulamento da Escola de Intendencia quizer-se-lhe alterar o titulo, tornando-o mais geral, isto poderá ser feito; é o que menos importancia tem no caso. Sómente deve ser aqui lembrado por obediencia ás regras de tecnologia.

Quanto ás materias, objéto dos estudos a serem ministrados, poderiam obedecer á seriação seguinte:

I — Cursos fundamentais
a) de intendentes.

1.º Ano

- 1.ª cadeira — Revisão de matematica (algebra, geometria e noções de trigonometria).
- 2.ª cadeira — Noções de quimica geral e industrial.
- 3.ª cadeira — Noções de direito administrativo e organização administrativa do Ministerio da Guerra.
- 4.ª cadeira — Organização militar brasileira e comparada — legislação militar brasileira.

5.^a cadeira — Noções de economia política — legislação industrial e do trabalho.

6.^a cadeira — Legislação administrativa militar.

2.^o Ano

1.^a cadeira — Noções de analítica e de cálculo infinitesimal.

2.^a cadeira — Geografia econômica e estatística.

3.^a cadeira — Intendencia militar e tática do abastecimento.

4.^a cadeira — Técnica de fardamento, equipamento etc.

5.^a cadeira — Noções de contabilidade teórica e industrial.

6.^a cadeira — Merceologia e tecnologia merceologica.

3.^o Ano

1.^a cadeira — Topografia elementar.

2.^a cadeira — Higiene militar.

3.^a cadeira — Mobilização geral e do Serviço — Legislação correspondente.

4.^a cadeira — Técnica de subsistências militares.

5.^a cadeira — Noções de contabilidade pública e dos transportes.

Aula — mecanografia.

b) de contadores.

1.^o Ano

1.^a cadeira — Revisão de matemática (álgebra, geometria e noções de trigonometria).

2.^a cadeira — Direito administrativo — Organização administrativa do Ministério da Guerra.

3.^a cadeira — Organização militar brasileira e comparada — legislação militar brasileira.

4.^a cadeira — Economia política.

5.^a cadeira — Legislação administrativa militar.

6.^a cadeira — Contabilidade teórica e industrial.

2.^o Ano

1.^a cadeira — Noções de analítica e de cálculo infinitesimal.

2.^a cadeira — Matemática comercial.

3.^a cadeira — Organização detalhada do Serviço de Fundos e Contabilidade em tempo de paz e de guerra.

4.^a cadeira — Ciência das Finanças —

Legislação financeira e fiscal.

5.^a cadeira — Noções de direito civil e constitucional.

6.^a cadeira — Contabilidade bancária.

3.^o Ano

1.^a cadeira — Matemática financeira.

2.^a cadeira — Direito processual.

3.^a cadeira — Mobilização geral e do Serviço — Legislação correspondente.

4.^a cadeira — Estenografia.

5.^a cadeira — Contabilidade pública.

Aula — Datilografia e mecanografia.

II — Cursos de Aperfeiçoamento.

a) de intendentes.

1.^a cadeira — Organização militar brasileira e comparada (revisão).

2.^a cadeira — Intendencia militar brasileira e comparada (revisão).

3.^a cadeira — Mobilização geral, do Serviço e agrícola.

4.^a cadeira — Estratégia e tática do abastecimento; funcionamento do Serviço de Intendencia em campanha.

5.^a cadeira — Técnica de subsistências militares (revisão).

6.^a cadeira — Técnica de fardamento, equipamento etc., (revisão).

b) de contadores.

1.^a cadeira — Organização militar brasileira e comparada (revisão).

2.^a cadeira — Mobilização geral e do Serviço (revisão).

3.^a cadeira — Legislação financeira e fiscal.

4.^a cadeira — Política econômico-financeira internacional.

5.^a cadeira — Direito das obrigações.

6.^a cadeira — Noções de direito internacional.

Estando esses cursos por sua natureza incluídos na categoria dos superiores, não se deve adotar para o ingresso nos mesmos um simples concurso de admissão porque este se resente das mesmas falhas já citadas a respeito dos concursos. Um curso propedeutico se im-

**SECÇÃO
DE
VETERINARIA**

Identificação dos animais da tropa

Pelo Ten. Ari de Menezes Gil.
Da E. A. S. V. E.

(Continuação do n.º 232)

Tipo baio — E' a pelagem formada por pêlos amarelos ou amarelentos, sendo as crinas e extremidades pretas.

Apresenta as variedades: baio camurça, baio claro, baio ordinário e baio escuro, consoante a menor ou maior intensidade do matiz.

Tipo rato — E' o que possui uma côr pardo-escura especial, semelhante ao pêlo do rato sendo as crinas e extremidades pretas.

As suas variedades são: claro, ordinário e escuro, conforme a côr seja mais ou menos intensa.

2.º caso — Pertencem a este caso os tipos tordilho, mouro e lobuno.

Tipo tordilho — E' a pelagem formada pela mistura de pêlos brancos e de pêlos mais carregados de outra côr, sejam pretos, cinzentos ou vermelhos.

põe como indispensável exigência aos candidatos respectivos.

A ordem de preferencia para as matriculas parece que não seria má com o seguinte criterio:

1.º — Os sargentos do exercito ativo possuidores do curso preparatorio, categoria B, da Escola Militar, ginásial por estabelecimentos de ensino reconhecidos, perito-contador ou atuário pelas escolas officiais de commercio (decreto numero 20.158, de 30 de Junho de 1931), para três quartos das vagas.

2.º — Os alunos com o curso completo, dos Colegios Militares, tendo por média geral no minimo seis (6), e os reservistas de 1.ª categoria com o curso ginásial nestas mesmas condições, para o quarto restante; estes casos serão facultativos e a juizo do Estado Maior do

Apresenta as seguintes variedades:

Tordilho claro — Quando os pêlos brancos predominam sobre os pretos.

Tordilho escuro — Quando se dá o contrário.

Tordilho sujo — Quando ha combinação com pêlos amarelados ou vermelhos em todo o corpo ou em largas regiões.

Tordilho cardão — Ainda chamado *azulego* quando a pelagem apresenta reflexos azulados. Si o tom azulado é muito sensível, como o dorso da andorinha, diz-se *tordilho andorino*.

Tordilho picarço — Quando no fundo escuro da pelagem destacam-se finos grupos de pêlos brancos, tornando-a como que picada.

Tordilho salpicado — Quando apparecem na pelagem salpicos negros assemelhando-se ás mosqueaduras.

Tordilho vinagre — Quando devido á

Exercito que disporá também sobre a idade, conduta, robustez fisica etc., como já se faz presentemente.

Fica, assim, sintetizado o trabalho de conjunto para uma reforma reconhecidamente indispensavel na organização existente, visando mais aperfeiçoá-la do que lhe trazer modificações radicais, que dão sempre como resultado immediato um periodo de aprendizagem e de experiencias antes de ser atingida a méta definitiva.

Tal reforma, entretanto, dada a sua grande importancia e maior responsabilidade que, fatalmente, fará pesar sobre os hombros dos seus executores, necessita de acurado estudo e tempo sufficiente para ser levada a efeito. E nada mais.

presença de pêlos vermelhos a pelagem toma a côr da ferrugem.

Tipo mouro — E' a pelagem formada pela mistura de pêlos brancos e pretos com predominância destes, dando em resultado um matiz geral côr de ardósia. Neste tipo a cabeça e as extremidades são sempre pretas.

Tipo lobuno — Ainda chamado *lobeiro* ou *libuno* lembra a pelagem do lobo. E' formada por pêlos bi-colores, isto é, cada pêlo possui duas côres, amarela na base e preta nas extremidades.

Só excepcionalmente estas côres se apresentam isoladas.

Apresenta as variedades: claro, ordinário e escuro consoante a intensidade do matiz.



Ficha de cão

3.º caso — Apresenta um só tipo, que é q:

Rosilho — Este tipo é formado pela mistura de pêlos brancos com pêlos amarelos ou vermelhos, o que dá em resultado um matiz mais ou menos roseo. Apresenta dois sub-tipos:

Rosilho - alazão — que corresponde ao pêlo alazão invadido pelo branco, com as seguintes variedades: claro, quando predominam os pêlos brancos; mil flores, quando estes pêlos se dispõem em pequenas manchas; flôres de pecegueiro, quan-

do estas manchas são formadas por pêlos alazões e escuro, quando predominam os pêlos alazões.

Rosilho - castanho — que corresponde ao pêlo castanho invadido pelo branco. Apresenta as variedades: claro, ordinário e escuro, consoante a predominancia do pêlo branco ou castanho.



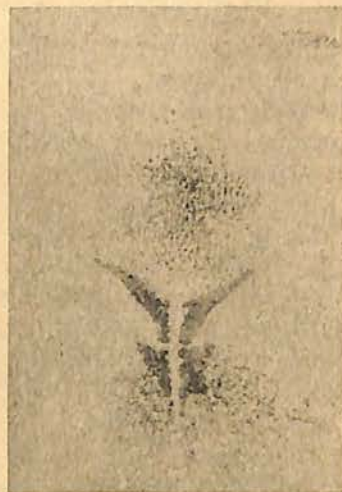
Ficha de cão

PELAGENS CONJUGADAS

São oriundas de duas pelagens justapostas com predominância de uma ou de outra.

Apresenta um só tipo. E' o:

Tipo tobiano — Este ainda chamado *pêga*, *pampa*, ou *malhado*, é constituído



Ficha de bóde

pela pelagem branca justaposta a qualquer outra.

Sem se confundirem, as duas pelagens

formam malhas mais ou menos largas e irregulares.

Nesta justaposição ora predomina o branco ora o elemento escuro.

No primeiro caso antepôr-se-á a palavra *tobiano* e dir-se-á *tobiano-preto*, *tobiano-castanho*, etc.; no segundo caso pospôr-se-á a referida palavra e dir-se-á *preto tobiano*, *castanho-tobiano*, etc.

Vejamos agora as

PARTICULARIDADES DAS PELAGENS

Além dos tipos de pelagens e suas variedades, existem mais particulares diversas que constituem caracteres próprios e inconfundíveis, facilitando portanto a identificação do animal.

São a estes sinais que denominamos: *particularidades das pelagens*.

Para facilitar o seu estudo, as particularidades são divididas em duas classes:

1.^a — Particularidades dependentes da pelagem e da pele, com o nome especial de *sinais*.

2.^a — Particularidades independentes



Ficha de bóde

da pelagem e da pele, com o nome especial de *marcas*.

As primeiras, isto é, os sinais, podem ser *gerais* quando não teem séde fixa e aparecem em diversas regiões, e *especiais*

quando teem séde determinada seja na cabeça, tronco ou membros.

As segundas, isto é, as marcas dizem-se *naturais* e *acidentais* conforme sejam inatas ou adquiridas.

Vejamos os sinais gerais.

Estes são encontrados em todas as regiões do corpo e derivam do reflexo brilhante, das côres, direção e disposição dos



Ficha de carneiro

pêlos, da falta geral ou parcial destes e ainda da coloração e descoramento da pelagem e da pele.

REFLEXO BRILHANTE — Estes sinais caracterizam os reflexos das pelagens que



Impressões nasas de carneiro Indianinos da tropa

mostram analogia com o brilho de certos metais. São êles:

Azeviche — É' próprio da pelagem pre-

ta quando esta lembra o brilho do azevi-
che.

Prateado — E' proprio dos tipos brancos, alazão e tordilho-claro e lembra o brilho da prata.

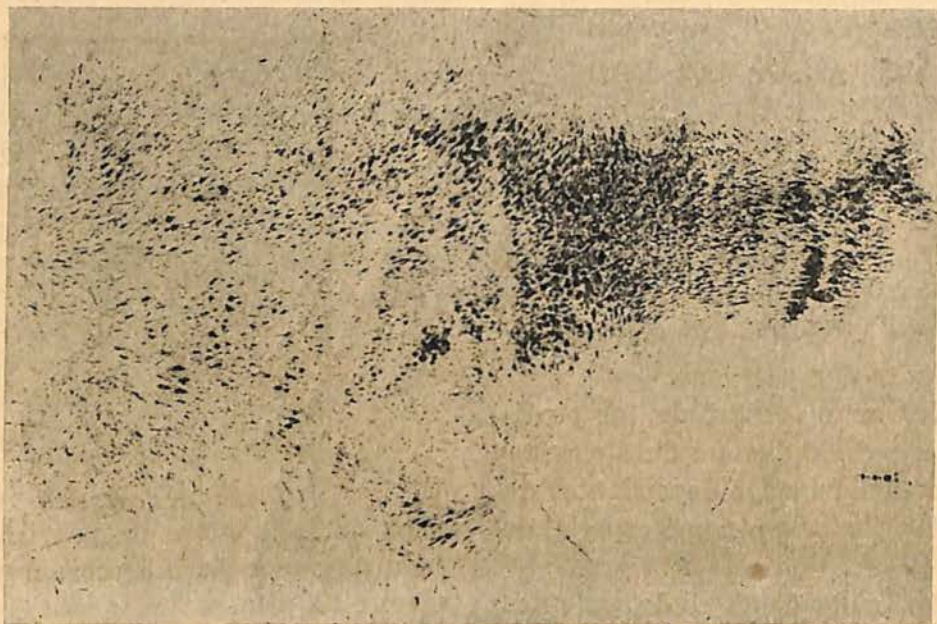
Dourado — Apresenta reflexos côr de curo. E' observado nos cavalos alazão, castanho e baio.

os próprios da pelagem mas em quantidade insuficiente para lhe alterar a côr.

Zaino — E' o cavalo em cuja pelagem ha ausência completa de pêlos brancos.

Atavonado — E' o cavalo que possui pêlos brancos formando pequenas malhas semelhantes a tavões.

Nevado — Quando ha malhas de pêlos



Ficha de cavallo

O animal que o possui recebe a denominação de *douradilho*.

Acobreado — Observa-se nos tipos alazão, baio, camurça e lobuno e mostra o brilho do bronze.

Ondeadado — Ha ás vezes na pelagem certas regiões que apresentam disposição ondeada que será especificada na resenha. Ex.: — alazão, dourado, ondeado na espádua e no braço.

CÔR DOS PÊLOS — Estes sinais dependem da côr de pêlos extranhos á pelagem. Estes pêlos extranhos podem ser brancos, pretos ou amarelados, louros e vermelhos.

Pêlos brancos — Os sinais constituídos por estes pêlos são:

Interpolado ou *rubicão* — E' o cavalo que possui pêlos brancos entremeados com

brancos maiores que os tavões lembrando flocos de neve.

Malha branca — Quando são maiores que a do cavalo nevado, convindo aqui indicar o número delas e as regiões em que se encontram.

Pêlos pretos — Os sinais constituídos por estes pêlos são:

Mosqueadura — São pequenas malhas pretas semelhantes a moscas que aparecem na pelagem branca.

Tisnado — Encontra-se nos tipos branco, alazão, camurça, baio, rosilho, castanho e rato e são manchas pretas alongadas e irregulares semelhantes ás produzidas por um tição apagado.

Malha preta — São manchas pretas distantes do resto da pelagem.

PÊLOS LOUROS, AMARELOS OU VERMELHOS

Os sinais formados por estes pêlos são:

Sabino — Ainda chamado *vinhoso* quando a pelagem toma a côr de vinho devido á presença de pêlos louro-avermelhados ou alazões de mistura com os próprios da pelagem..

Observa-se nos tipos branco e tordilho.

Afogueado — Tom amarelado de pêlos baios e castanhos observável nas regiões de pele mais fina, como ao redor dos olhos e das narinas, nas axilas, flancos, babilhas, etc.

Lembra a côr do fogo.

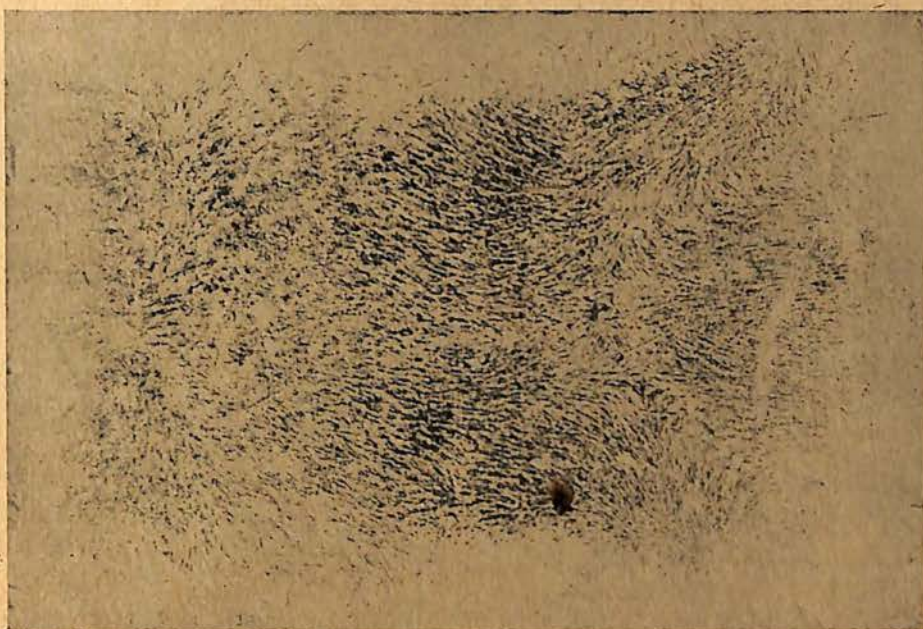
Os rodopios naturais como: o do meio da testa, o da garganta, dois no peito, no umbigo e dois na virilha não devem ser mencionados na resenha.

COLORAÇÃO E DESCORAMENTO DA PÉLE — Os sinais referentes á coloração e descoramento da pelagem e da pele são:

Lavado — Si a pelagem parece ter sofrido um descoramento geral ou parcial.

Almarado — Chamado ainda *suelado* si a pele se apresenta em certas regiões descorada e desprovida de pêlos.

AUSENCIA DE PÊLOS — Quando houver, indica-se na resenha a região depilada.



Ficha de cavallo

E' a tais cavalos que se dá o nome de *pangaré*.

DIREÇÃO DOS PÊLOS — Os sinais referentes á direção dos pêlos são:

Arrepiado — Quando um grupo de pêlos mostra-se encrespado.

Rodopio — Ainda chamado *redemoinho* quando os pêlos tomam direção oposta em relação aos circumvisinhos.

Os rodopios se alongam no sentido vertical ou horizontal recebendo então o nome de *espigas*, podendo ser *concentricos* quando os pêlos se dirigem para o centro e *excêntricos* no caso contrário.

PARTICULARDADES COM SÉDE FIXA

Estas se encontram na cabeça, tronco e membros.

DA CABEÇA

Os sinais especiaes da cabeça são constituidos por pêlos brancos e pretos; os primeiros mais importantes aparecem na testa, chanfro e em redor dos lábios e olhos.

NA TESTA — Podemos encontrar na testa:

1.º — Alguns pêlos brancos.

2.º — Mancha branca que pôde ser: pequena, grande, irregular, obliqua, redonda, denteada, em crescente, pontuada, estrelada, etc. Quando se estender ao chanfro diz-se *prolongada*, e si houver intervallo sem pêlos diz-se *interrompida*.

No CHANFRO — Temos a *lista* que pôde ser: estreita, larga, bordada, arminhada, prolongada, interrompida.

Si a faixa branca cobre toda a face anterior e as laterais do chanfro o animal é denominado *malacara* e si cobre só uma das faces laterais o cavallo é dito *meia*

de *cabeça de mouro* si toda a cabeça ou sómente a sua frente é de côr preta.

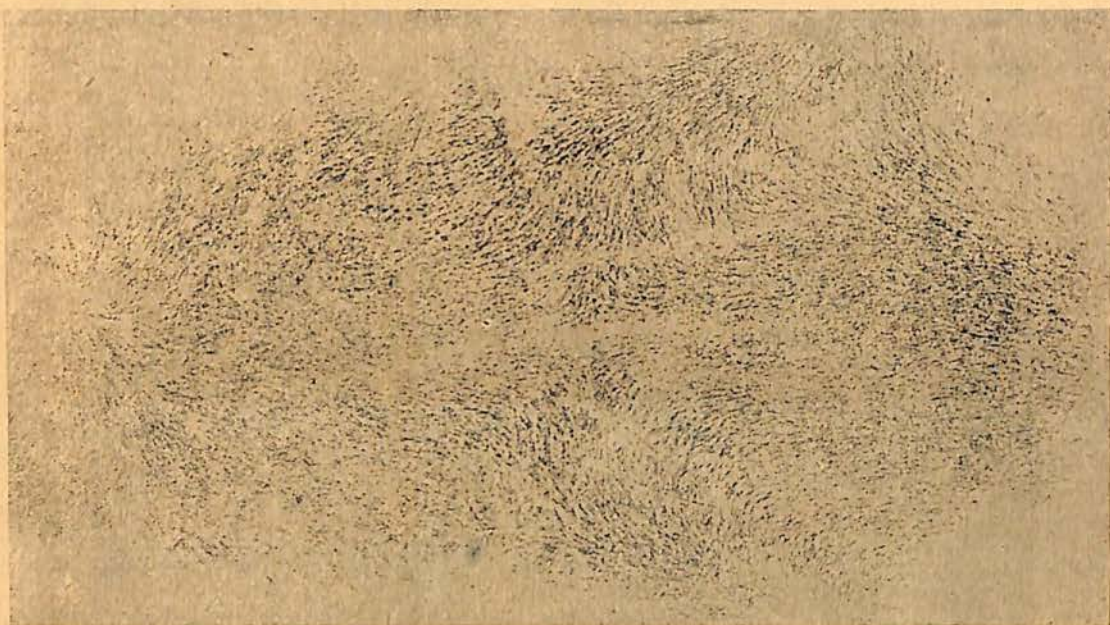
SINAIS ESPECIAIS DO TRONCO

Estes são também constituídos por pêlos brancos e pretos.

PÊLOS BRANCOS

Os sinais devidos á estes pêlos recebem as seguintes denominações:

Pescoço crinalvo — Si a crineira é total ou parcialmente branca nas pelagens em que deveria ser preta ou da côr da pelagem.



Ficha de cavallo

frente aberta á direita ou á esquerda.

Si a malha revestir só as faces laterais o animal é dito *façalvo*.

Nos LÁBIOS — Os sinais são:

Bocalvo — Quando os lábios são brancos.

Bebe em branco do lábio superior ou inferior, quando só um dos lábios é branco.

OLHOS — Os sinais desta região são:

Olhos gázeos — Quando a iris é de côr azulada.

Celhado — Sobrancelhas brancas.

O sinal especial da cabeça formado por pêlos pretos é um só e tem a denominação

Ventrilado — Ou *ventre de veado* quando o ventre é de côr branca.

Cauda crinalva — Quando tem as crinas brancas nas pelagens que não deviam ter essa côr.

Os sinais devidos aos pêlos pretos são:

Lista de mulo — Ou *de muar* é uma faixa preta que se estende do garrote á base da cauda seguindo a linha dorso-lombar.

Lista burro — Ou *lista crucial* ou ainda *banda crucial* é uma faixa preta que vae de uma espádua á outra passando pelo

garrote e formando com a precedente uma cruz.

Meia banda crucial — Quando a citada faixa só existe de um lado.

PARTICULARIDADES DOS MEMBROS

Os sinais especiais dos membros são constituídos por pêlos brancos, pretos e pela côr dos cascos.

PÊLOS BRANCOS

Os sinais devidos a estes pêlos são:

Calça — Ou *calçamento*, é uma mancha branca que envolve completa ou incompletamente as extremidades dos membros. Estas manchas podem ser mais ou menos extensas, cobrindo maior ou menor

joelhos e curvilhões dos tipos baio, branco, alazão e rato.

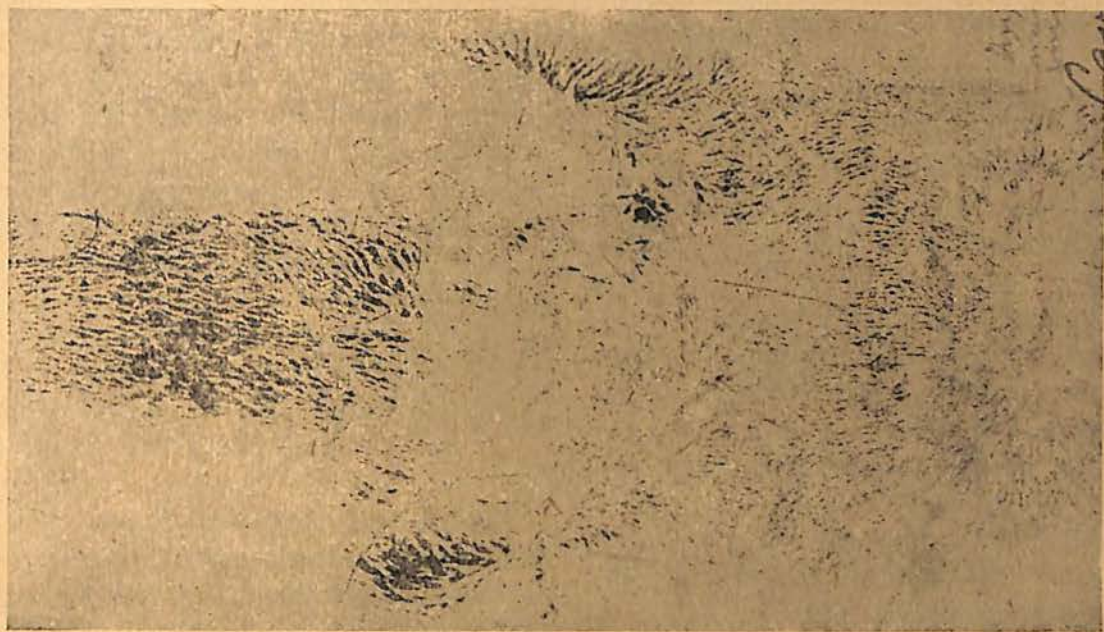
Zebrado—Quando aparecem nos membros raias pretas transversais, denominadas *zebruras*, por serem semelhantes às da zebra.

Arminhado—Quando na mancha branca do calçamento aparecem pequenas malhas pretas.

CÔR DOS CASCOS

Quanto á côr da córnea do casco pôde ser *negra*, *branca* e *rajada*, si é formada de listas negras e brancas.

Si os cascos são brancos e a pelagem é escura o cavalo é *cascalvo*.



Ficha de cavallo

porção dos membros a partir da corôa, surgindo daí várias denominações.

Vestígios de calçamento — Ou *calçamento incompleto*, quando a mancha branca não faz a volta do membro.

PÊLOS PRETOS

Os sinais devidos á estes pêlos são:

Gateado — Quando ha na pelagem malhas negras semelhantes ás do gato.

Estas malhas aparecem geralmente nos

MARCAS

Entre as marcas naturais temos:

Golpe de machado — E' uma depressão existente no bordo superior do pescoço no seu ponto de junção ao garrote.

Golpe de lança — E' uma depressão natural dos músculos subcutâneos, de forma arredondada, umbelicada, sem traço algum de cicatriz. Observa-se especialmen-

te na base do pescoço, nos braços, pernas e partes carnudas.

Entre as marcas accidentais temos:

Cicatrizes — São os sinais deixados pelas operações cirúrgicas, acidentes, arreia-mentos, vesicatorios, cauterisação, etc.

Mocho — Designa-se assim o cavalo cuja orelha foi total ou parcialmente cortada.

Feito assim o estudo das pelagens passemos ao exame da

CLASSIFICAÇÃO DO R. S. R.

A' pag. 21 do R. S. R. vê-se uma classificação de pelagens que por se achar inserida num regulamento tem sido adotada nas resenhas militares.

Com a sua adoção muito teem sofrido as resenhas dos animais de tropa, pois a classificação citada não exprime a verdade científica sobre o assunto.

Antes de apontarmos as falhas existentes na citada classificação, necessário se torna uma explicação.

Apontando-as, não pretendemos criticar nem melindrar quem quer que seja mas sim, fazermos sentir que se tudo evolue nesta vida não ha de ser a medicina veterinária que ha de ficar paralizada *per secula, seculorum*, contentando-se com uma classificação que tem sido a causa da confusão reinante no que concerne á identificação dos animais de tropa. (1)

Feita assim a explicação examinemos as falhas, que são as seguintes:

1.^a — Confusão de pelagem com particularidade de pelagem, pois dá como tipos as denominações: *zaino, gateado, pangaré e malacara*, que nada mais são, como vimos, que particularidades da pelagem.

2.^a — Confusão de pelagem conjugada com pelagem composta, pois incluye o tipo *Tobiano* na chave destas ultimas.

3.^a — Confusão de pelagens simples com pelagem composta, pois coloca na chave das pelagens simples o tipo *Baio*.

4.^a — Confusão de variedades com ti-

pos de pelagem, pois usa como tipos as denominações *Picarço, Azulego e Tostado*, que nada mais são que variedades, as duas primeiras do tipo *Tordilho* e a ultima do tipo *Alazão*.

5.^a — Ausência de muitos tipos e variedades; pois não vemos nêlê incluídos os tipos *camurça, castanho e rato* e nem as variedades *branco sujo, branco pombo* e as do tipo *alazão, preto, castanho e rato*.

6.^a — Finalmente, usa de denominações vulgares taes como: *pinhão, barroso, foveiro, vermelho e salino*, que não são encontradas em nenhum tratado sobre o assunto.

Eis, caros leitores, as falhas existentes na classificação do regulamento e que são suficientes para dificultarem a identificação dos animais.

Essa dificuldade se verifica maximé nos corpos que teem animais desferrados em poteiros ou invernadas, pois que os seus números desaparecem completamente ao cabo de 8 meses devido á *avalure* e ao gasto continuo do casco.

Passemos agora a discórrer sobre o

NOVO METODO PARA IDENTIFICAÇÃO DOS ANIMAIS

Este novo metodo consiste em tirar as impressões nasaes pois elas são como as impressões digitais, diferentes de animal para animal, o que se póde avaliar pelas diversas gravuras deste trabalho.

Este novo metodo constitue uma recente descoberta pois data de 12 de Janeiro de 1929 a primeira noticia apparecida nesta capital, ensinando como proceder para tirar as impressões, mas nem siquer citando o nome do descobridor, que no entanto pela leitura do comunicado, parece ser de nacionalidade americana. Nos Estados Unidos da America do Norte já existe uma lei que tem como infalíveis as citadas impressões.

Estas impressões podem ser tiradas

por qualquer pessoa não exigindo a menor experiência.

“Suponha-se, por exemplo, que se trata de uma vacca.

Coloca-se a cabeça do animal no jugo.

Como êle transpira muito pelo nariz, limpe-se bem esta parte antes de aplicar a tinta o que se faz em seguida.

Vendo-se pronto, colocado sobre uma taboinha de superfície lisa para facilitar a impressão um pedaço de papel mimeografico, aplique-se esta taboinha firmemente contra o nariz, começando com o bordo inferior do papel na base do labio superior.

A impressão deve ser tomada imediatamente depois de ter enxugado o nariz, porque do contrário corre-se o perigo de que a tinta se humedeca muito e saia defeituosa a impressão.

Não se deve empregar papel de superfície lisa porque este não absorve bem a tinta.

A tinta preta que ordinariamente se utiliza nas almofadas de carimbo é a melhor.

A tinta de escrever tende a escorrer ao ser aplicada sobre a pele do nariz e a de carimbo de cor azul ou vermelha não é muito eficaz, visto que as impressões não são muito perfeitas.

Emfim, convém que digamos que Mr. Frederick Gandberg, uma das autoridades mais eminentes do mundo no que respeita a impressões digitais, fez interessantissimas demonstrações sobre as possibilidades que este sistema oferece.

Este cientista recomenda insistentemente a sua adoção, pois acha que só com êle é que se poderá estabelecer a identidade perfeita dos animais.

Além disso, está provado que a impressão basta ser tirada uma só vez, quando o animal é ainda novo, pois as experiências praticadas demonstraram que. “Ainda que o nariz se alargue a medida que o animal cresce o desenho permane-

ce inalteravel quanto ás particularidades que o distinguem dos demais. (1)

Afim de que pudéssemos apreciar a veracidade do exposto quanto á este novo metodo tiramos, quando servimos como adjunto do S. V. do 1.º B. E. em 1930, as impressões nasaias de várias dezenas de equinos e asininos e verificámos então a diferença flagrante que existia entre todas elas.

O resultado das nossas observações naquela época foi comunicado á officialidade daquêlê corpo em 30 de Julho daquêlê ano, numa conferência por nós realizada e onde prometemos proceder a mais detalhadas averiguações afim de que no caso de resultado positivo de nossas pesquisas conseguíssemos a introdução dessa impressões que poderemos chamar *nasoscópicas* ou *nasográficas*, como anexas ás resenhas militares.

Não quiz, porém, o destino continuassemos naquela ocasião as nossas observações, pois após a revolução daquêlê ano fomos transferidos para o 1.º B. C., em Petropolis, onde o número exiguo de animais bem como a falta de potros nos impediu de alcançar o fim desejado.

Agora, que nos encontramos novamente onde podemos continuar o nosso estudo a respeito, prometemos reencetar o trabalho começado afim de que por conclusões formais consigamos demonstrar o que já se demonstrou na America do Norte: “As excelências deste processo para a identificação dos animais”.

Finalmente, passemos á ultima parte deste nosso trabalho que é aquela que se intitula:

CONCLUSÕES

De tudo que dissemos conclue-se:

1.º — A identificação de um animal é feita pela resenha.

2.º — Na resenha entra um conjunto de caracteres.

3.º — Entre estes está um de grande importancia, é a *pelagem*.

A Constituinte e a Defesa Nacional

Os noticiarios dos jornais desta Capital referem que os deputados pertencentes aos quadros de officiais do Exército e da Marinha, reuniram-se para concertar uma conduta comum em face dos interesses constitucionais da defesa nacional.

Nada haveria a dizer senão de louvavel sobre tal fato, se certos conceitos e idéas vindas a publico como expendidos nessa reunião, não causassem extranheza ou surpresa aos meios militares, de tal modo se apresentam divorciadas de seus interesses e de sua mentalidade.

Destacaremos, entre outras, duas manifestações de carater mais ou menos grave.

A primeira é *ultra democratica*, mesmo de mentalidade comunista; a segunda denuncia um desconhecimento da organização e dos costumes disciplinares que faz temer sobre o resultados da discussão relativa aos interesses da *defesa na-*

cional. Não parece veridica attribuida a um militar.

A de *feição democratica* é aquella que pretende consultar a todos os *comandantes de batalhão*, mesmo de sub-unidades, sobre a *politica constitucional*, fazendo taboa rassa dos Chefes e rasgando o R. I. S. G. Por pouco que se não pede a organização de *soviétes constitucionistas*...

A outra é a que rejeita a presença de representantes dos Es. Ms. do Exército e da Armada porque tais senhores irão lá defender idéas pessoais!...

Confessemos que é prejudicial mal a lealdade desses representantes, que não se sabe ainda quais sejam, e julgar muito peor a disciplina e... o resto naqueles Es. Ms.

De tal modo se nos afiguram bisarros tais dizeres attribuidos a militares que os temos por apocrifos. Registamo-los apenas como uma prova a mais dos males que a politica causa ás classes armadas...

4.º — Esta deve ser bem classificada, pois do contrário de nada valerá.

5.º — Finalmente, não só a pelagem como outros caracteres que figuram na resenha são susceptíveis de variar.

Logo, para que se consiga estabelecer a identidade de um animal é necessário que:

1.º — Adote-se uma classificação única e perfeita de pelagens devendo para isso ser substituida a do R. S. R.

2.º — Como muitos caracteres são variaveis as resenhas devem sofrer pelo menos anualmente as respectivas alterações.

3.º — Enfim, como o novo método de identificação parece dar resultados positivos, dever-se-ia anexar á resenha as impressões nasais.

E aqui finaliza o nosso trabalho.

Em o terminando, lembramos unicamente que, si fizemos jus a algum merito, foi unicamente o de termos feito valer a verdade sobre o assunto que explanamos e portanto, termos imitado muito mal Epaminondas, de quem disse Cornelio Nepos, illustre prosador latino:

"Adeo veritatis diligens ut ne joco quiden mentiretur".

SECÇÃO
DE
VETERINARIA

Melhoremos o nosso cavalo segundo os preceitos da equinotecnica.

Pelo 1.º Ten. Vet. Armando Rabelo de Oliveira

(Continuação do n.º 232)

A alimentação racional emprestará a esses grupos toda a enorme soma de energias que se lhes exigirá para consecução daqueles trabalhos. O regime de criação será o semi-extensivo para conservação da rusticidade que só o contacto permanente com as condições naturais pôde conferir e exaltar. A época de monta não afastará os garanhões do exercício que nessa quadra será feito com moderação e cuidado. As eguas gestantes também farão exercícios leves até o mez da parturição, quando então ficam em liberdade nos potreiros, para, somente na ultima semana, serem recolhidas ao "paddock". O exercício moderado oferece a vantagem de tornar os genitores mais doces e também mais prolificos.

Assim, conduzida a seleção do cavalo nacional para duas finalidades diversas, em poucos anos teremos conseguido no seio do rebanho indigena duas raças perfeitamente caracterizadas, com aptidões definidas e apreciavel rendimento. Sobre o andamento do método creador paradigma, praticado nas coudelarias militares, deverão ser inteirados todos os colaboradores do plano oficial, em qualquer ponto do paiz onde funcione um *Distrito de Creação*, para constante revigor do impulso inicial e necessaria sinergia dos interesses e esforços. Para isso, a D. G. S. R. fará constar do "*Boletim do Serviço de Remonta do Exercito*", de publicação mensal, a exposição da marcha do programa realizado nas caudelarias, comentada em linguagem simples, e abrangendo considerações sobre o processo empregado no melhoramento das pastagens. Uma secção de consultas, também mantida pelo *Boletim*, prestará aos particulares melhores esclarecimentos sobre as duvidas sugeridas.

Mas a operação está apenas iniciada com a feitura desses dois padrões básicos, constituídos por numerosos agrupamentos consanguineos, repartidos

pelos vastos potreiros das coudelarias e designados por ordem alfabetica para melhor coordenação do trabalho, assim: *Categoria de sela*: grupo A, grupo B, C, etc.

Nos estabelecimentos creadores do M. da Agricultura, nos haras estaduais, nas longinquas paragens dos nossos sertões onde vive o cavalo brasileiro, haverá o imperio das mesmas medidas, a vigencia da lei bemfazeja, que deu sistema a esse ramo de criação, e, como resultado, o aperfeiçoamento gradual, evidente, incontestavel, desse valioso elemento da nossa defesa.

Prosguindo no desdobramento do plano oficial, vamos entrar na segunda fase da operação regenerante, na qual o método se complica ligeiramente, por ter chegado o momento de se recorrer ao nobre sangue árabe, medida a nosso ver indispensavel como já dissemos.

Com a seleção aliada á consaguinidade, consolidaremos no cavalo nacional os dotes de rusticidade, fundo, e resistencia ás doenças; mas no que respeita á correção de formas e, principalmente, á homogeneidade etnica que se traduz pela uniformidade e fixidez dos caracteres transmitidos, só pelo cruzamento com a raça ariana é que poderemos conseguir algo, em tempo relativamente curto.

E' um verdadeiro *refrescamento do sangue* esse cruzamento com o cavalo arabe, por isso que se vão proporcionar doses de sangue novo, regenerador, a uma raça visinha que em grande parte lhe deve a origem. Como consequencia, diminuirão as possibilidades de reversão para o lado da fonte mongolica que sofrerá absorção mais rapida.

Entanto, qual dos métodos de cruzamento o indicado para se proceder á infusão do sangue oriental, sem de modo algum alterar certos dotes que conferem á raça nacional valia inestimavel para o serviço de guerra?

Não só por que atenda essa condi-

ção capital, mas ainda pela enorme economia que traz o seu emprego, o *cruzamento de retempera* será o escolhido para operar aquela reabilitação étnica visada pelo *plano* legal. Mais propriamente chamada *cruzamento intercorrente*, essa modalidade do método que acasala reprodutores de raças diferentes é de aplicação muito fácil e segura. No caso em aprêço, consistirá no emprego do garanhão arabe numa só intervenção dentro de cada família do rebanho selecionado, para em seguida utilizar os garanhões crioulos em 2, 3 ou 4 gerações sucessivas, e novamente intervir com o garanhão oriental, assim procedendo, em intervalos mais ou menos afastados, até se conseguirem os caracteres desejados. Numero relativamente pequeno de garanhões da raça importada será suficiente para prover às necessidades do método e daí o seu aspecto economico.

O grafico abaixo elucidará de pronto sobre o *modus faciendi*:

C (crioulo) ÷ A (arabe)

$$\begin{array}{r}
 2 \\
 \div C \\
 \hline
 2 \\
 \div C \\
 \hline
 2 \\
 \div C \\
 \hline
 2 \\
 \div A \\
 \hline
 2 \\
 \div C \\
 \hline
 2
 \end{array}$$

Agindo assim, discretamente, ao cabo de certo numero de infusões do sangue melhorador, poder-se-ão assinalar no rebanho crioulo os beneficios do sistema.

Ao ser atingida esta fase do plano de melhoramento, isto é, quando se retornar á multiplicação *inter se* dos produtos já retemperados, será instituído nas coudelarias militares o livro inicial do *stud-book* do cavalo brasileiro, onde

se dará inscrição (distinta para as duas *categorias*) aos individuos que apresentarem notavel adeantamento no sentido do "standard" respectivo. Mais tarde, quando se cogitar da fundação do *stud-book* da raça cavalar brasileira, esse *livro inicial*, servirá de objéto para meticoloso estudo da parte do Conselho Superior Tecnico da Diretoria de Remonta e da Comissão a que deve ser confiada depois a fiscalização das inscrições no livro genealogico.

Sob a influencia desse mecanismo sem maiores complicações, progredirão os dois tipos nascidos dos padrões Junqueira e Campolina, rumo de suas finalidades zootecnicas. Porém, o cruzamento para que apelamos, não poderia comprometer por consequencias futuras a raça brasileira? Perfeitamente, basta que encaremos o cruzamento, não mais pelo lado zootecnico, por que geralmente o fazemos, mas na sua essencia biologica, para nos avisarmos dessa sutil particularidade.

Como bem refere o Dr. Taufer (1) do Instituto de Pesquisas Zootecnicas de Brno — o que importa conhecer no cruzamento biologico é se a combinação dos fatores germo-celulares dará bons resultados e até que ponto os dará. Presentemente, ainda não se póde precisar o valor dessas combinações, já por se apresentarem muito complexas, já por que se manifestem demasiadamente tarde. E' o mesmo Dr. Taufer que, estudando *as formas inter-sexuadas no cruzamento*, nos orienta sobre os principais meios de verificação ora empregados, a saber: a verificação das diversas qualidades morfológicas pela biometria; o "contrôle" fisico-quimico da produtividade dos animais domesticos; e a reação dita biologica, que consiste no precipitado resultante do serum inoculado sobre o sérum dos animais aliados pelo sangue. Essa reação é de grande importancia no caso, se bem que a concordancia no quimismo dos sangues não signifique que o quimismo das celulas sexuais tambem seja concorde. Da conformidade ou não conformidade no quimismo dos gametos decorre a oportunidade das combinações entre qualidades diferentes, sobretudo das qualidades de

produtividade, quando se opera com indivíduos de raças ou famílias diferentes.

Infelizmente só se tem podido julgar da natureza do quimismo das células sexuais, por certos fenómenos morfológicos e fisiológicos, manifestados na descendência e evidenciados pelos caracteres de origem hormonal.

O dimorfismo sexual, provindo de causa determinante ainda impenetrável, é tomado praticamente como repartindo-se igualmente na descendência para os dois lados: masculino e feminino. Mas experiências recentes têm demonstrado que esse equilíbrio não é constante, podendo ser deslocado em favor de qualquer dos sexos, e que a sexualidade depende da quantidade e não da qualidade do fator determinante.

Cruzando diferentes variedades de *Limandria Dispar*, Goldschmidt obteve uma série de anomalias sexuais ou formas sexuais intermediárias, a partir da fêmea até o representante típico do macho, e inversamente.

Esse fenómeno chamou-se *intersexualidade*, e as formas intermedias denominaram-se *intersexos*.

Deante de semelhante fato parece lógico que a hereditariedade normal do sexo se dá quando há quimismo normal e harmonico dos gametos, e, quando no caso contrario, há o aparecimento de forma *inter-sexual*.

E' fóra de duvida que nas espécies domesticas o mesmo fenómeno se reproduz, ainda que em escala inferior. Daí a necessidade de se estabelecer um método preciso de análise biológica dos elementos sexuais das diversas raças e linhagens, afim de poder-se julgar com antecedência se certos grupos animais são proprios ou improprios ao cruzamento.

Nas raças domesticas nota-se expressão típica distinta para cada sexo, a que correspondem características morfológicas, e, consequentemente, qualidades de produtividade.

Por outro lado, de um *optimum* de sexualidade deflue um *optimum* de produtividade e reprodução. E nos rebanhos puros, isentos de quaisquer cruzamentos, mais se mostra apurado o dimorfismo sexual.

Esta expressão típica dos dois sexos desaparece ás mais das vezes, desde que sangue estranho venha perturbar a pureza da linhagem.

Então, diferentes grãos de intersexualidade se produzem, os quais, pela intensidade com que se manifestam, podem chegar á condição do castrado ou atingir mesmo a culminancia do hermafroditismo.

Tal fenómeno pôde aparecer mesmo no caso em que raças cruzadas tenham dimorfismo sexual muito bem definido, desde que assinalem discordancia no quimismo dos gametos.

As formas moderadas de intersexualidade são de capital importancia para o zootechnista, que, segundo elas, poderá julgar da conformidade ou discordancia no quimismo dos gametos das raças cruzadas; pela intensidade da sexualidade ou da intersexualidade poderá ele concluir se as duas raças escolhidas para cruzamento são convenientes ou não. Geralmente a intersexualidade se manifesta sob a forma de ligeiras anomalias morfológicas ou de modificações no pigmento. Concomitantemente aparecem alterações fisiológicas que interessam principalmente á utilização dos principios nutritivos e portanto á produtividade. Em síntese, pôde-se dizer que á uma sexualidade enfraquecida corresponde uma diminuição das qualidades uteis.

Algumas verificações praticas darão maiores esclarecimentos sobre o fato. Eguas da primeira geração, providas de cruzamento entre eguas meio sangue inglez aclimadas e garanhões melhorados oldemburguezes, apresentaram intersexualidade surpreendente; porém, os mesmos garanhões oldemburguezes cruzados com eguas de origem oriental nunca geraram intersexos. De outra parte, os produtos de eguas de ascendência ingleza, cobertas por garanhões belgas importados, apresentavam casos de intersexualidade; pelo contrario, a união dos mesmos garanhões com eguas arabes não procriava intersexos. O garanhão puro da raça de corrida ingleza não produz intersexos com a egua pura da mesma raça, mas logo surge o fenómeno quando a cobertura é feita com

egua meio sangue inglês. Normalmente o puro sangue inglês não procria intersexos com a raça arabe pura, e pouquíssimas vêses o garanhão arabe dá formas intersexuais com eguas das raças de filogenia muito diferente. Vemos, portanto, que não andamos errados ao preconizarmos o cruzamento do cavalo nacional com o arabe, sem maiores receios de possível insucesso.

Também não reconhecemos vantagem alguma em adotar-se para o nosso serviço militar a variedade de tipos de sela que empregam os exercitos europeus, segundo a natureza das unidades que remontam.

A França, por exemplo, usa os tipos seguintes, com as respectivas dimensões:

	kilos	Talhe	Perimetro toracico médio
Caçadores	(380	1,m48 á 1,m54	1,m70
Hussardos			
Dragões	425	1,m52 á 1,m57	1,m75
Couraceiros	480	1,m55 á 1,m64	1,m80

O nosso soldado, na generalidade de estatura mediana, pesando de 65 a 68 kilos, atuará com desembaraço e destreza — além de guardar aspecto proporcional — montando um cavalo de 1,m51 de altura, dotado de agilidade, fundo, sobriedade, enfim, um modelo acabado da maquina animal que tanto vale na defesa de um paiz.

Ademais, é conhecido de todos a enorme procura que tiveram na *grande guerra* os cavalos pequenos.

A autorizada palavra do professor Diffloth salientou, pelas colunas de "La Vie Agricole", a "revelação inesperada" que constituiu o largo emprego dos cavalos de talhe reduzido naquela conflagração, e acrescentou: Os zootecnistas demonstraram ha muito que, proporcionalmente ás unidades nutritivas absorvidas, a utilização dos pequenos cavalos é mais vantajosa que a dos grandes. Uma parte da ração ficando reservada á manutenção animal, a quantidade de principios alimenticios tirada do

rendimento pratico é evidentemente maior no caso de um cavalo grande, de grande peso.

Agora, deixemos de parte a categoria de sela e vejamos o que mais se torna preciso para dotarmos o Exercito e a lavoura nacionais com bons tratores animados.

Categoria de tração:

O nosso meio agricola não comporta presentemente, nem comportará ainda por muitos anos, a adaptação das poderosas raças de tiro de criação europeia, que ha cerca de meio século foram introduzidas nos Estados Unidos e mais recentemente na Argentina (1900), onde constituem, hoje, rebanhos numerosos, perfeitamente aclimados.

Mantendo o ponto de vista sustentado no proemio deste trabalho, julgamos que o padrão campolina, com a continuidade do método que ditamos linhas atraz, não tardará em tomar feitio e adquirir forças, que venham a suprir no Exercito, como fóra dele, as necessidades desse genero de exploração motora em nosso paiz. Não nos convém mesmo que aquele padrão atinja a hipermetria que caracteriza os grandes tracionadores ingleses e franceses, porque isso seria comprometer o rendimento pelo acrescimo do trabalho auto-motor, do que resultaria maior dispendio da energia potencial veiculada pela ração.

Bastará que o "standard" da possa raça de tração se aproxime do adotado em França para o cavalo de artilharia de campanha, bem concretizado nos tipos de 500 kilos, cujas proporções guardam as seguintes medidas: Perimetro toracico 1,m84; comprimento scapulo-ischeal 1,m60; talhe 1,m60; indice corporal 87. O rendimento notavel dos tratores assim proporcionados vem comprovar a excelencia da combinação, que nelles se estabelece, entre a força, a resistencia e a velocidade.

Foi uma observação proveitosa que nos ficou da campanha do Paraná: O vigor e a tenacidade do crioulo no serviço de tiro contrastando com a sua dinamia aparente. Cavalinhos enfezados, de aspecto ergastenico e olhar inexpress-

sivo, atrelados, em numero de 5, a grandes "carretas", peçadas de mercadorias (cerca de 2.000 kilos), comiam a minguada ração de milho distribuída em cochinhos pendentes das ilhargas da "carreta". Alinhados para proseguir viagem, ao primeiro estalido de um longo chicote de couro, era de surpreender a violencia do arranco e a tenacidade com que tiravam, serra acima, o pesado veículo, cujas rodas, entravadas pela argila pegajosa, iam vencendo extensos atoleiros, que a cada passo vinham formar ao lado do embaraço causado pela forte actividade do terreno. E não fosse o auxilio providencial da alimária preciosa, quanta vez esta maravilha da industria automobilistica americana — o motor Ford — teria ficado em meio da viagem immobilizado pela força incoersível dos elementos. Em identicas condições de hygiene e de alimentação, dariam os *clydesdales*, *percherons*, *bolonhezes*, etc., o mesmo rendimento nas nossas estradas? A resposta virá certamente corroborar a alegação que fizemos ao iniciar estas considerações sobre tração animal. Futuramente, quando melhoradas as nossas pastagens e mais familiarizados os nossos creadores com os métodos zootecnicos, será então indicado proceder a estudos especiais para crear no país a industria da produção do cavalo agricola. As conclusões, neste particular, emitidas por M. Trouette (1), diretor do Serviço de Veterinaria e Zootecnica da Argelia, parecem-nos, *mutatis mutandis*, applicaveis ao nosso caso, em virtude dos diferentes pontos de contacto existentes entre as nossas condições ambientes e as daquela região africana.

Ao lado da criação do cavalo de tiro, uma industria irmã, não menos preciosa aos serviços do Exercito, deverá constituir parte importantissima na execução do plano oficial; refiro-me á industria muleira. As qualidades de vigor e rusticidade, tão peculiares a esses híbridos, fazem que a sua utilização na guerra seja tão necessaria quanto a do cavalo, ou, talvez, maior que a deste.

No seu livro — O cavalo de guerra — o Dr. José Pollero — veterinario do exercito uruguaio, documenta a enorme

valia da mula como animal de guerra, registando os seus feitos na historia militar de muitos países: "Para os transportes de guerra não ha cavalo que a supere. Foi ela que fez esse serviço, no exercito inglês, na guerra do Transwaal, e quasi o unico empregado pelos japonezes, quando em guerra com a Russia.

Lord Kitchener, ao assumir o comando dos exercitos das Indias, uma das primeiras coisas que ditou foi a de abastecer abundantemente de mulas o seu exercito e com esse objetivo foram adquiridas uma 8.000 na Republica Argentina e 1.500 no Uruguai.

A conquista da Argelia pelos francezes foi realizada mediante a organização de colunas moveis, levando por unico meio de transporte a mula". (1). E adduz, com conhecimento, o Dr. Pollero: "Para a infantaria montada, a titulo provisório ou efetivo, com toda a equipagem ou a metade, a mula parece ser, para o nosso país, a montaria que se deve adotar... podendo transportar, em igualdade de condições ou em peores, mais peso que o cavalo... é animal muito manso, enquanto que o cavalo facilmente se inquieta, se assusta e foge, requerendo para vigia-lo pessoal muito mais numeroso. E' sobria, resistente, agil e mais economica, pelo seu pouco preço e sua alimentação". (2).

São palavras de um tecnico autorizado, que bem mostra ter encarado o problema empós contactar-se com os reais embaraços que entravam a eficacia dos exercitos em campanha.

Na penultima guerra dos Balkans, a artilharia dos bulgaros, tracionada por mulas, superou sempre a dos turcos, que utilizavam cavalos de tração pesada. E na grande conflagração européa a importancia dos serviços prestados por esses híbridos foi inestimavel. Quem nolo diz é ainda o professor Diffloth, em artigo intitulado "As mulas na guerra moderna". Assim refere: "Uma das mais vivas surpresas deste gigantesco conflito é, com efeito, o numero inesperado, enorme de mulas de guerra. Calculo haver na frente tantas ou talvez mais mulas que cavalos... Os infantes não marcham mais, são combatentes que se transportam para a luta na mór parte

ATOS OFICIAIS

No intuito de atender a solicitação de varios assinantes do interior a "A Defesa Nacional" iniciará no proximo mês de Janeiro a publicação dos atos officiaes que possam interessar de perto os officiaes que se acham distantes do Rio de Janeiro.

Essa publicação não constará porém da transcrição de todas as leis e avisos que sejam publicados, pois o espaço consumido seria demasiado grande. Comtudo "A Defesa Nacional" publicará uma sumula desses avisos e transcreverá os mais importantes.

Embora anunciado para Janeiro o inicio dessa publicação regular, transcrevemos abaixo o aviso n.º 724 de 20-XI-933, por interessar a todos os officiaes.

REAJUSTAMENTO DE TENENTES E CAPITÃES

O Snr. Ministro declara que, para o reajustamento dos tenentes e capitães prontos na tropa, deverá ser adotada, a partir de 1.º de Janeiro de 1934, a seguinte norma:

I — Nas unidades da 1.ª Região Militar, do 1.º Distrito de Artilharia de Costa e das sedes da Circunscrição Militar e das outras Regiões e

bem assim nas Unidades-Escolas deve-se manter o estado completo (efetivo orçamentario) com os 1.ºs tenentes prontos e 2.ºs tenentes prontos (de curso, comissionados ou aspirantes). Nas referidas unidades 2/3 dos capitães devem também estar prontos.

II — Nas demais unidades do Exercito deve-se manter o estado completo (efetivo orçamentario) com, pelo menos, 2/3 de 1.ºs tenentes prontos, 2/3 de 2.ºs tenentes prontos de curso, comissionados ou aspirantes, e metade dos capitães prontos.

III — Nas unidades e sub-unidades sem efetivo são mantidos somente os officiaes, em comissão, que excederem, do Quadro Suplementar.

IV — Os 1.ºs tenentes prontos não ocupam as vagas de 2.ºs tenentes, enquanto houver vaga daquele posto, nos corpos de tropa. (Aviso n.º 724, de 20-XI-933).

das vezes em automovel. O material de combate é transportado pelos carrinhos de mulas. Além desse serviço de infantaria as mulas têm sido utilizadas na tração pesada. As unidades de transporte militar, as seções de parque compreendem numerosas mulas, solidas, fortes, atreladas sós ou com cavalos...

A ofensiva do *Somme* exigiu dos animais de tração um esforço consideravel, e o caminho da vitoria ficou juncado de cadaveres de cavalos, que marcharam até o fim e cahiram esgotados, aniquilados.. Ora, eu jamais vi, por assim dizer, cadaveres de mulas abandonados para traz dos acampamentos.

Encontram-se na frente, segundo as utilizações, dois tipos ordinarios: mula pesada e mula leve... O emprego inten-

sivo da mula reduziu a nada as criticas que se faziam a seu caracter... póde, pois, reivindicar um altivo passado militar mas seus admiradores, os mais fanaticos, não poderiam predizer uma tal generalização de seus serviços" (1).

Então, para o nosso serviço de guerra o emprego da mula é mais que precioso. As enormes extensões do nosso territorio sertanejo só poderão ser vencidas pelos infantes com o auxilio da mula por montaria; sem o que as reservas de energia e a fortaleza do animo, que constituem a alma dos combates, serão de todo consumidas pelo esforço desperdiçado nas grandes caminhadas. Na campanha do Paraná (1925), a eficiencia dos corpos provisorios da policia rio-grandense residiu principalmente na forma-

**SECÇÃO
DE
VETERINARIA**

Alguns apontamentos sobre tração animal

*Pelo Ten. Cavalcante Proença
Da E. A. S. V. E.*

(Continuação do n.º 232)

VIATURAS

Uma viatura qualquer oferece á tração um grande numero de resistencias que não são, de modo nenhum, desprezíveis na pratica como pretendemos demonstrar claramente, neste capitulo. O rolar de uma viatura, sobre uma superficie, depende forçosamente da mesma superficie, estando pois este fáto em intima conexão com a estrutura e natureza do terreno. Por maior solidez que possua o sólo de uma estrada, sempre terão que contrapor ao peso do carro; daí a resistencia que oferece o mesmo ás rodas que são levadas a sulcar ou a comprimir a face anterior da depressão, ocasionando um atrito que, dependente do peso que suportam as rodas, depende ainda do sulco por elas produzido, superficial ou profundo, conforme a natureza do terreno. Isto posto, é de logica evidencia a proporcionalidade diréta existente entre o atrito do rolamento e a profundidade do sulco cavado pelas ro-

das. Para se atenuar esse atrito — que é exagerado quando o sulco se aprofunda muito, pois que, é acrescido do atrito lateral das paredes do sulco sobre as faces das coróas — recorreu-se ao aumento de largura das chapas de trilho, baseado na maior distribuição das pressões por cm². A maior largura das chapas de trilho reduz a certos limites o aprofundamento das rodas quando o terreno é móle.

Segundo os calculos de P. Marchart, na areia, a resistencia varia de 9,5 % á 6 %, isto é, de 3 a 2, quando a largura da chapa de trilho varia de 4,5 cm. a 22 cm., ou seja, de 1 a 5. Tambem o comprimento do raio das rodas influe consideravelmente para modificar o atrito de rolamento, sendo inversamente proporcional a este e se refletindo com vantagem sobre a resistencia oferecida pelo atrito do eixo e das rodas pois que, este, é directamente proporcional á velocidade de rotação e, o que é obvio, inversamente ao comprimento

ção de colunas ligeiras que, poupando os soldados ao rigor da marcha pedestre, lhes favoreciam a presteza dos movimentos.

Os trens regimentais e as secções de metailhadoras, requerendo contingentes numerosos de mulas, constituem "uma das características da infantaria moderna". Temos assim exalçado os méritos da mula e o seu crescente emprego na guerra, não só como animal de sela, mas ainda como trator vigoroso, sobrio, rustico a mais não puder e de docilidade que muito facilita o manejo.

As nossas coudelarias militares deverão crear os dois tipos já referidos. mula pesada e mula leve. Para formar

a mula pesada dever-se-á apelar para o jumento caçalão (hespanhol), em padreadão com eguas nacionais seleccionadas. Da excelencia dos produtos oriundos dessa hibridação, quanto á resistencia, o porte, as proporções e o rendimento motor, já tem obtido o M. da Agricultura provas inconcussas. Que o diga melhor o Dr. Paulino Cavalcante.

A produção do tipo leve, proveniente do emprego do jumento nacional como padreador, será intensificada pelas coudelarias, obedecendo naturalmente á tecnica indispensavel, que lhe vá imprimindo melhoramento progressivo.

dos raios. O atrito do eixo das rodas, apesar de não ser desprezível o seu valor, para o caso particular da artilharia, não pôde entrar em linha de cogitação, pois que os artificios para a sua diminuição — como sejam as bilhas que o reduzem quasi a 0 — ferem profundamente a resistencia que é condição primordial a exigir-se do material de artilharia. Já não acontece assim com a lubrificação e ajustamento dos eixos, que quanto melhor feitos mais somam á resistencia, como subtráem ao atrito.

O SOLO

O sólo pela sua disposição é um factor de capital importante na tração, pois si a tração é função do peso total e do coeficiente de tração, este varia estreitamente com as condições do sólo e o diametro das rodas. A seguir, para facilidade do calculo, daremos a tabela organizada por Morin e citada por todos os autores que versaram o assunto, e que nos dá o valor dos coeficientes de tração nos diversos terrenos.

TABÉLA DE MORIN

<i>Terreno plano</i>	<i>Coeficiente de tração</i>
Estrada em bom estado	0,020
" com sulcos e alguma lama	0,035
" em mau estado	0,054
" em mau estado, sulcos profundos e lama espessa	0,051
Terreno comum gredoso	0,080
" solido recoberto por camada de 5 a 6 cms. de saibro	0,086
Sólo em terra firme coberto de 10 a 15 cms. de saibro ou estrada nova	0,092
Areia fina e seca	0,095
Chão mole, argiloso, não batido	0,120
Caminho em terreno firme, grossa camada de areia e saibro	0,098

1) Nos casos em que o terreno apresente inclinações, entrar-se-á na formula com o valor de w ou o angulo formado pela rampa com a horisontal e teremos a formula:
 $TS = Mos. wkl - Mlsen.w.$

Como porém $cos.w$ é visinho da unidade, $sen w$ é igual ao numero de centimetros de elevação por segundo ou seja a andadura ao passo mais ou menos a inclinação por metro i .

Sendo l igual á distancia por segundo, teremos então a formula mais usada:

$$Ts - Ml (k-i) = Ts-Mli.$$

O ESFORÇO INICIAL

Denomina-se esforço inicial de arranco ou francezmente "demarrage" o esforço produzido por um animal, necessario para pôr em movimento uma viatura primitivamente em repouso. Esse esforço tem a vencer, além das resistencias opostas pelos atritos de rolamento, eixos, etc., a resistencia oposta pela inercia da viatura.

Tomando pois o classico exemplo de Poncelet, vejamos como as coisas se passam. Suponhamos uma viatura de 10,000 kgs. puchada por 8 cavalos capazes de produzir cada um 70 kgms. de esforço, na unidade de tempo.

Abandonando as outras resistencias entraremos com a formula geral,

$$\frac{1}{2} MV^2 = \frac{1}{2} \times \frac{P}{g} V^2 \text{ sendo } g \text{ a gravidade ou igual a } 9,81.$$

Si a força motriz é constante a velocidade em um segundo será:

$F = MV^1$. Ora, 8 cavalos a 70 kgms. dão um esforço conjunto, no segundo, de 560 kgms. e como sabemos $M = \frac{P}{g}$

substituamos e virá:

$$F = \frac{10.000}{9,81} V^1 \text{ ou } V^1 = \frac{F}{9,81} \text{ po-}$$

rem $F = 560$

$$V^1 = \frac{560.9.81}{10.000} \text{ ou sejam}$$

0m,549.

Logo 0,549 é a velocidade ao fim do segundo e o caminho percorrido

$$0,275 \text{ e o trabalho produzido } T = \frac{1}{0,549} = 1,8.$$

Para que se pudesse obter uma velocidade de 1m por segundo ter-se-ia que pedir aos cavalos um esforço $F = MV^1$ sendo $V^1 = 1$ ou seja um esforço aproximado de 1,020 kgms. que daria para os 8 cavalos mais ou menos o esforço, de 102 kgs. por tonelada ou 1/10 do peso da viatura.

Acrescentando as resistencias R deixadas de lado ter-se-á:

Esforço por tonelada 102 — R^1

Caminho percorrido 0,50

Trabalho do motor por tonelada 0,50 (102-R).

E assim o duplo, triplo, etc., conforme a velocidade aumente de 2m, 3m, por segundo. A resistencia ao rolamento diminue com o aumento da velocidade, e o trabalho para vencer a inercia vimos que cresce com o quadrado da velocidade.

Si o motor dá a velocidade num tempo mais longo ele só tem de juntar a esta velocidade adquirida a aceleração.

Exemplo:

Si o animal só atinge á velocidade de 1m, 2m, 3m, ao fim de 1", 2", 3" teremos no

1.º segundo $F^1 = MV^1$.

2.º " $F^2 = M(V^2 - V^1)$

3.º " $F^3 = M(V^3 - V^2)$

Como sabemos, porém, que

$V^1 = 1$

$V^2 = 2$

$V^3 = 3$ teremos

que $F^1, F^2, F^3 = 102$ kgms. por tonelada e daí:

Esforço por tonelada:

No 1.º segundo 102-R Esp. percr. 0,50 T. do motor: 0,50 (102).

No 2.º segundo 102-R Esp. percr. 1 T. do motor: 1 (102-R).

No 3.º segundo 102-R Esp. percr. 1,50 T. do motor: 1,50 (102-R).

CONCLUSÕES

Depois de vistos estes pontos, é preciso convir que na instrução dos nossos condutores, além da equitação é necessário que lhes seja indicada insistentemente de um modo accessivel o mecanismo dos movimentos do cavalo, para que se evitem os que colhem as redeas

do animal no momento de arrancar a viatura, pois que esse acto produz a elevação da cabeça o que prejudica bastante, como vimos, o esforço de tração, e que, com algum tempo da repetição desse modo de agir, o animal adquire o habito vicioso de assim proceder, o que acarreta enormes dificuldades, quando as viaturas se enterram em terreno mole, pois os animaes assim habituados não são capazes de produzir os grandes esforços que nesses momentos se fazem precisos. A objecção virá immediata sob a alegação de que assim procedem os condutores, para evitar que os animais, logo de arrancada, partam na andadura do tróte.

E' que, se assim se conduzem quando em trabalho os animais tratores, não foram devidamente preparados para o serviço da artilharia. A calma requerida deve ser imposta pelo adestramento dos animais submetidos ao trabalho diario, que além de higienico tem por fim enruste-ce-los no mistér, fortalece-los nos encontros, evitando as escoriações da molhelha, e conseguindo neles a calma que não é lerdreira e sim adaptação perfeita ao trabalho de tração.

E' espetaculo testemunhado por todos nas formaturas da artilharia, nos dias de parada, é de desagradavel effeito, vêr-se cavalos conduzidos num chouto irritante, mormente a parelha guia, constituida de animais mais ageis que os dos troncos, desperdiçando em movimentos parasitos sua energia potencial, a semelhança das montadas irrequietas das patrulhas policiaes, exhibição que, para o civil poderá parecer um bello espetaculo mas que, do ponto de vista tecnico, revela uma imperfeita adaptação para o serviço de campanha onde as forças devem ser poupadas para os momentos criticos, que pódem surgir a cada passo. Expostos além disso, os cavalos, a se embaraçarem nos tirantes com consequencias não raro muito graves, como sejam as encabresturas do jarrete ocasionadas pelas cordas, terminando em muitos casos pela inutilisação dos animais para todo serviço do exercito. Outro ponto a ser cuidado é o da classificação dos animais. Até hoje, a não ser o criterio ocular, nenhum en-

tre nós delimita ou indica si um cavalo deve ser empregado como mōntaria ou como trator. Todavia são conhecidos de todos os indices de Sanson que

C^2

expressos pela relação —, ou seja, o

H

quadrado do perimetro toracico pela altura, nos dá para os resultados maiores de 2,1125 o tipo força e os menores o de velocidade. O indice corporal obtido pela distancia escapulo isquial (do encontro a ponta da nadega do mesmo lado), tambem chamada comprimento Cp., sobre o perimetro toraxico C.

Cp/C 0,m90 para os tipos longilineos.

Cp/C 0,86 a 0,m88 para os medio-lineos.

Cp/C 0,85 nos brevilineos.

Ha ainda os indices de compacidade que se exprimem pela relação entre o peso P e os centimetros excedentes do talhe.

Esses indices quanto mais elevados melhormente satisfazem as condições da tração. Além de fornecerem dados mais racionais e precisos para a classificação dos animais, ainda a medida do perimetro toracico deve sempre ser conhecida pois são unanimes os hipologos em afirmar que um indice toracico pouco elevado, indicando um cofre pouco desenvolvido, autoriza refugar o animal para todo serviço.

A questão do arreiamento já foi tratada aqui entre nós numa conferencia feita pelo Cel. Tobias Coelho (1915), a respeito de um sistema de tração, do então Cap. Rafael Teles Pires, sistema aliás que, de acordo com as opiniões do juri que presidio ás experiencias do mesmo, foi coroado com ótimos resultados.

Outro trabalho (1912), é o de autoria dos então 1.ºs Tenentes Gencérico de

Vasconcelos e Duarte Pinto sobre os intermediarios elasticos na tração animal, idéas fundadas nos trabalhos de Marey em que os autores além da modificação que propõem, a introduzir-se no arreiamento, abordam o fenomeno da tração com um brilhantismo digno de nota, patenteando uma cultura muito grande e muito solida.

Não abordaremos pois este ponto, por isso que para nós veterinarios o que importa mais é o bem estar do animal, de modo que talvez um arreiamento muito bom para o nosso ideal, fosse faltho do ponto de vista do artilheiro.

E', pois, do esforço comum, das multiplas concessões que se farão entre os higienistas e os tecnicos da arma, que sairá finalmente um bom arreiamento para a artilharia.

BIBLIORAPHIA

Lesbre — Précis d'exterieur du cheval, etc.

Vallon — Cours d'Hipologie.

Richardon — Materiel d'artillerie.

P. Marchat — Chevaux et voitures d'artillerie. (2.ª edição).

G. Vasconcelos e Souza Pinto — Intermediarios elasticos na tração.

P. Dechambre — Zootecnie General.

Gouin — Alimentation rationel des animaux.

Benefont — Dressage e elevage du cheval.

Armando Lemos — O cavalo.

Laulanié — Physiologie.

Tobias Coelho — Sistemas de arreiamento de tração para Artilharia de Campanha (conferencias).

**SECÇÃO
DE
INFANTARIA**

O problema da instrução na Companhia de Infantaria

Notas fornecidas aos alunos da E. M. P.

Pelo Cap. J. B. de Mattos

(Continuação do n. 232)

O PROGRAMA DE INSTRUÇÃO PARA O 1.º PERÍODO

O Capitão para estabelecer o programa de instrução para o 1.º Período emprega no seu raciocínio os dados seguintes:

Duração do 1.º período (recrutas) — 6 meses.

Fim de instrução do período — aprendizagem da instrução individual e o trabalho em conjunto nos G. C. e no Pelotão.

Meios: — Os constantes do programa do Btl. os regulamentos e publicações que tratam da parte referente á instrução individual e o trabalho em conjunto nos G. C. e Pelotão.

Método e Processos: — cujas linhas gerais também devem constar do programa do Btl.

Jogando-se com os elementos acima descritos foi organizado o programa abaixo, em que são consignados os elementos invariáveis da Instrução do período de recrutas.

Sendo o programa para longo tempo e tendo o Capitão a obrigação regulamentar de organizar quadro de trabalhos mensais, semanais e diários, é claro que nestes últimos figurarão os detalhes de divisão do trabalho, repartição do tempo, locais dos exercícios e material de toda a espécie.

O programma compreende as seguintes divisões:

1.ª Divisão de Instrução: — nos terrenos determinados pelo R. E. C. I., pois embora para um fim comum, dada a complexidade do material manejado pelo homem e pelo G. C. e Pelotão e ainda das missões que pôde receber a finalidade do período é a soma de inúmeras finalidades particulares, a atingir em cada uma das divisões regulamentares da instrução. E' o mesmo que sucede quando se tem por objectivo construir uma casa e se emprega inúmeros materiais com fins particulares.

2.ª) Repartição pelos meses: — isto porque o regulamento determina o gráo de

progressão, que deve ser atingido de quando em quando.

3.ª) Objectivo a atingir: — o que se quer obter no fim do período em cada ramo da instrução.

4.ª) Método de ensino: — só as linhas gerais.

5.ª) Meios: — os regulamentos e publicações:

OS QUADROS DE TRABALHO MENSAL, SEMANAL E DIÁRIO

Nas notas anteriores, ressaltamos que os quadros de trabalhos mensais, semanais e diários, são complementares do programma geral para o período considerado, e assim os detalhes de tempo, local, meios, métodos e processos augmentar de modo inverso ao valor do tempo de duração do quadro considerado.

...Quadro de trabalho mensal: — O quadro a ser feito pelo Capitão, será calculado no distribuido pelo Cmt. do Btl., como consequencia da necessidade de haver homogeneidade dentro do Btl.: — unidade tática.

No programa para o período o Cmt. do Btl. estabeleceu diretrizes gerais ácerca do fim a atingir em cada ramo da instrução em determinado tempo, do método a seguir, dos documentos a compulsar e dos meios disponiveis.

No quadro mensal ele determina o progresso a ser atingido em cada mez corporificando a — *unidade de direcção* — que se traduz por uma série de prescrições tendentes a fazer com que as sub-unidades do Btl. disponham igualmente dos mesmos meios, e tempo, de modo a terem no fim de cada mez o mesmo gráo de eficiencia e concretiza certas prescrições regulamentares.

Para o quadro mensal — 1.º mez de instrução do 1.º Período — apresentam-se as particularidades seguintes:

— determinação dos dias e horas das duas primeiras semanas que as Cias. dispõem de elementos para execução dos exames fisiológicos;

— regulação das condições de treinamento de marchas, si por meio de afastamento progressivo do terreno de instrução ou por sessões especiais (quinzenalmente), graduando progressivamente o peso do equipamento (R. E. C. I. pg. 83).

O Cmt. da Cia. organiza o seu quadro detalhando a instrução por semanas, indicando o fim a atingir no fim do mez, os processos, método e locais, não convindo fazer indicação dos instrutores e monitores, que poderão variar.

O quadro que apresentamos mais adiante — 1. *mez de instrução* — baseado no programa para o 1.º periodo, servirá de exemplo á confecção dum quadro mensal do Capitão.

Quadro de trabalho semanal: — Este quadro de autoria exclusiva do Capitão, destina-se a prevêr a distribuição da instrução a ministrar durante a semana, pelos instrutores e monitores e dias; marcar o tempo destinado a cada sessão; permitir á autoridade superior finalizar a qualquer hora o trabalho da Cia. e o estrito cumprimento da missão.

Na organização do quadro de trabalho semanal o Capitão deve se lembrar que:

1) cada jornada de instrução deve comportar:

- a) uma sessão de educação física;
- b) um exercicio principal que póde abranger diversas materias de ensino;
- c) exercicios anexos;
- d) uma formatura diaria da Cia., em particular pela leitura do Boletim diario;

2) o tempo disponivel compreende 3 horas e 30 minutos pela manhã e 2 horas á tarde, sucedendo, ás vezes, o inverso em regiões cujo clima a isso o obrigar.

2) o tempo disponivel compreende 3 amarrado no tempo disponivel maior.

4) que a educação física é feita com uniforme especial e normalmente no estadio do corpo, exigindo após o seu termino tempo para banho e mudança de roupa, em consequencia não póde proceder exercicios que tenham de ser feitos em local distante do estadio, tornando-se impossivel ser diaria.

5) durante a semana o menor tempo

póde obrigar alterações na execução do trabalho, convindo prevêr.

Como exemplo apresentamos um quadro semanal, para a 1.ª semana.

Quadro de trabalho diario: — E' organizado pelo Capitão com 48 horas de antecedencia, consignando a relação detalhada dos assuntos a ministrar na jornada, o tempo reservado para cada parte, o uniforme, equipamento, local e outro qualquer elemento que possa permitir a melhor ordem possivel na apresenação dos instrumentos e apresentação do tempo.

Apresentamos, como exemplo, um quadro feito para o 1.º dia da 1.ª semana de instrução.

Nos quadros semanais e diarios apparecem duas novidades — *Instrução* para os sargentos e *Aula* para os analfabetos, sem que tenha sido feita qualquer referencia ás mesmas.

O R. I. S. G. trata da aula dos analfabetos a cargo de professores civis designados pela municipalidade, entretanto é normal ficar tal aula a cargo das Cias. e então só ha um meio: é intercalal-a na jornada e no espaço entre as 1.ª e 2.ª partes.

O R. E. C. I cogita da instrução dos quadros — a dos officiais fica a cargo do Btl. e R. I., mas a dos sargentos fica a cargo da Cia., e como em cada ano de instrução e repassada toda a instrução individual e a das escolas até a de Cia., é perfeitamente dispensavel um programa de instrução especial e sendo bastante produtivo a preparação em sessões especiais da instrução a ministrar na jornada seguinte.

O Capitão deve ainda pensar na instrução dos soldados antigos e fixar os exercicios a que devem comparecer os que frequentam o curso de candidatos á cabo. Quanto aos ultimos consta uma observação no quadro semanal, mas quanto aos primeiros, que devem executar exercicios de demonstração e serem aperfeiçoados, será ainda por muito tempo um problema a resolver.

s necessidades do serviço de guarnição, interno e externo, e as inumeras funções que necessitam de empregados externos e internos, absorvem todas as praças antigas e delas a Cia. só poderá exigir um exercicio — o de receber vencimentos.

(Continúa no próximo numero)

DIV. DA INSTRUÇÃO		PRIMEIRO MEZ	SEGUNDO MEZ	TERCEIRO MEZ	QUARTO MEZ	QUINTO MEZ	SEXTO MEZ	OBJETIVO A ATINGIR	MÉTODO DE ENSINO	MEIOS
INSTRUÇÃO TÉCNICA	Educação moral	Patria-Bandeira — Deveres de todos para com a Patria e deveres especiais dos soldados.	Patriotismo e exemplos de atos de patriotismo em nossa historia.	Virtudes militares. — Exemplos de virtudes militares e episodios de nossa historia.	Qualidades necessarias ao infante. — O sentimento do dever militar. — Exemplos.	O valor dos fatores morais no combate. Exemplos.	A energia necessaria ao infante, em relação ás outras armas e exemplos.	Robustecer o carater do homem. Ambienta-lo no meio militar e na noção verdadeira da Patria. Criar a ligação moral entre chefes e subordinados.	Palestras curtas á tarde e em todas as ocasiões oportunas. Preferir sempre os exemplos.	Public. correntes na caserna sobre fatos, historias militares, particularmente sobre a guerra do Paraguay e Retirada da Laguna. R. E. C. I. paginas 111 á 117.
	Instrução geral	Necessidade de disciplina — Procedimento individual em variadas situações. Hier. militar.	Serviço militar. Distinctivos usados no Exercito. Nome dos officiais do corpo e resid. dos da Cia. Canções.	Deveres gerais dos soldados. Continencia. Sinais de respeito. Transgressão discipl. e crimes. Nome do Chefe da Nação. Canções.	Nome das altas autoridades militares — Organização minuciosa do R. I. — Toques e sinais — Vencimentos. — Principios relativos ao uniforme — Canções.	Tabela de fardamento. Procedimento em casos especiais. Plantão, patrulha. Licença. — Canções.	Procedimento perante as autoridades civis. Historia do corpo. Pedidos, requerimentos e partes. Canções.	Dar ao homem as noções necessarias sobre a organização militar do Paiz e habito de ordem, obediencia e correção.	Palestras curtas á tarde e em todas as ocasiões oportunas. Preferir sempre os exemplos.	R. I. Q. T. (pags. 135 e 136. R. Cont. — Dist. de Fard. tabela de vencimentos. R. E. C. I — 1.ª parte, 17 a 29.
	Educação fisica	Exames fisiologicos, — Grupamento em normais e poupado. Sessões de estudo e jogos.	Sessões de estudos e de educação fisica e jogos para normais e poupados.	Como no mez anterior	Como no mez anterior.	Poupados — Exame fisiologico e provas fisicas. Agrupamento em normais, poupados e seleccionados.	Poupados — como no 2.º mez. Normais — sessões de estudo — Liç. de ed. fis. de apl. mil. e jog. Sel. lic. de ed. fis. de apl. milit. e jogos.	Fortalecimento fisico do homem, visando adapta-lo ás especialidades militares.	Em sessões progressivas no estadio.	Vêr regulamento francez de educação fisica e para o método de ensino a 1.ª parte do regulamento citado.
	Ordem unida	Escola do soldado. Instrução sem arma.	Escola do soldado. Instrução com arma. (Fuzil, mosq. e F. M.)	Escola do G. C.	Escola do Pelotão.	Como no 4.º mez.	Como no 4.º mez.	Obter disc. e coesão da coletividade, bem como impr. proc. e energ. de modo a perm. boa apresent. exterior.	No quartel e no final de cada sessão principal da jornada.	1.ª parte — R. E. C. I., paginas 121 a 152 — 158 a 182 e 209 a 221.
	Armamento	Apresentação do armamento de Infantaria. F. O. e mosq. (Nomenclatura sumaria, mont. e desmont.). Munição.	F. M. (Nomenclatura sumaria — funcionamento — mont. e desmontagem. Munição.	F. M. incidentes de tiro	Pistola — Nomenclatura sumaria, funcionamento, montagem e desmontagem — Munição.	Granada — Nomenclatura e funcionamento.	Revisão do assunto dado nos mezes anteriores e apresentação d'uma metralhadora.	Fazer com que todos conheçam o armamento utilizado no G. C.	Estudo individual e exclusivamente pratico. O material será manuseado por todos.	Desc. nomenclatura do Fuzil Mauser. Inst. provisórias do F. M. e Manual de autoria do Cap. Ruy Santiago.
	Tiro	Instrução do atirador de F. O. e mosquetão. R. T. A. P. 1.ª parte.	Como no mez anterior	Instrução do atirador de F. M. (R. T. A. P. 2.ª parte).	Como no mez anterior.	Como no mez anterior.	Instrução do granadeiro e do atirador de pistola.	Desenvolver a precisão e rapidez do homem, no emprego do tiro do armamento do G.C.	Inicialmente no estadio e após no stand e no terreno simultaneamente.	R. T. A. P. — 1.ª e 2.ª partes e anexos. R. E. C. I., pag. 152 a 156 — 1.ª parte.
	Organização de terreno	Nomes das principais ferramentas de sapa, portateis e de parque e dos trabalhos em que se empregam.	Organização do abrigo individual.	Treinamento para participar dos trabalhos coletivos.	Execução de trincheira e sapa e medidas por meio da ferramenta.	Como no mez anterior.	Execução de rédes de arame e de obras de fachina.	Demonstrar como se póde tirar proveito do terreno e como se deve utilizar a ferramenta em todas as situações.	Sempre em exercicios de aplicação no terreno.	R. O. T. e R. E. C. I. — pag. 158 a 168.
	Maneabilidade	_____	_____	Escola do G. C.	Como no mez anterior.	Escola do Pelotão.	Como no mez anterior.	Ensinar ás unidades conts. a técnica dos movimentos flexiveis e rapidos que terão de empregar no combate.	Sempre em exercicios de aplicação no terreno, sem hipoteses.	R. E. C. I. pag. 161-182 a 208-221 a 233.

.....R. I.
.....Btl.
.....Cia.

QUADRO DE TRABALHO

.....O DIA D. (1.º dia)

1933
Instrução dos Recrutas
1.º Período

a) PRIMEIRA PARTE DA JORNADA

INSTRUÇÃO A MINISTRAR	TEMPO CONSIGNADO	LOCAL	COMPANHIA	UNIFORME E EQUIPAMENTO	OBSERVAÇÃO
Em forma partida até o estádio.	6 h. às 6 h. 15	Estádio.	Comp.	Calção e camisa de I. Física.	
Seção de educação física — Estudo para poupados. 35 minutos.	6 h. 15 às 7 horas.	Estádio.	Comp.	Idem.	
R. E. C. I. escola do soldado. 1h.30 min.	7 h. às 8 h.15	Pateo do . . .	Toda Companhia em forma de G. I.	Uniforme de serviço desarmado.	
Nom. F. O. Apresentando nomenclatura. 18 horas.	8 h.30 às 9 h.30	Pateo do . . .	Idem.	Idem.	
Aos Sargentos 1 hora.	10 h. às 11 horas.	Alojamento.	Todos os Sargentos e cabos.	Idem.	
Aula dos analfabetos, 2 horas.	12 h. às 14 horas.	Alojamento.	Uma arma.	Idem.	

b) SEGUNDA PARTE DA JORNADA

R. T. A. P. Exercício de pontaria.	14 hs. às 16 horas.	Alojamento.	Toda Companhia em forma de G. I.	Idem.	
------------------------------------	---------------------	-------------	----------------------------------	-------	--

QUARTEL DA VILA MILITAR, 1 DE AGOSTO DE 1933

Caso o Cmt. da Cia. empregue o processo das oficinas impõe-se a abertura de O quadro consequina 2 horas para os exercícios de pontaria — caso essa zona e outra para acionamento do gatilho — os 120 minutos são divididos por 3 b instrução total.

mpo consignado e que constará a rotação das escolas — Exemplo:
icinas — uma para o asentamento da arma, outra para aprendizagem devi-
o modo que cada turma passe 40 minutos em cada oficina e todos recebam a

DIV. DA INSTRUÇÃO		1.ª SEMANA	2.ª SEMANA	3.ª SEMANA	4.ª SEMANA	5.ª SEMANA	OBJETIVO A ATINGIR	MÉTODO DE ENSINO	
Educação moral		Patria	Bandeira e deveres de todos para com a Patria.	Deveres de todos para com a Patria.	Deveres especiais dos soldados para com a Patria.	O mesmo da quarta semana.	Fazer o soldado compreender a finalidade do serviço militar	Palestras á tarde e em todas as ocasiões oportunas.	
Instrução geral		Necessidade de disciplina.	Procedimento individual no quartel e na rua.	Procedimento individual nos trens, nos edificios Publicos. cafés. etc.	Hierarquia militar no Exercito.	Hierarquia militar no Exercito.	Preparar o soldado para saber se conduzir isolado.	Palestras á tarde e em dias chuvosos.	
Educação fisica		Exames fisiologicos e grupamento em normais, poupados. — Sessões de estudos.	Idem á 1.ª semana — Sessões de estudos.	Sessões de estudos e jogos.	Sessões de estudo e de jogos.	Sessões de estudo e de jogos.	Apreciar o valor fisico do soldado.	No estadio do R. I. pela manhã.	
I. TECHNICA	Ordem Unida	Escola do soldado sem arma.	Escola do soldado sem arma.	Escola do soldado com arma.	Escola do soldado com arma.	Escola do soldado com arma.	Obter do soldado precisão e energia individual	No final de cada sessão princ. da jornada e no quartel.	
	Armamento	F. O. Nomenclatura — funcionamento — montagem e desmontagem.	Mosquetão - Nomenclatura — funcionamento — mont. e desmontagem	Munição.	Apresentação do armamento da Infantaria.	Recordação do assunto das semanas anteriores.	Fazer com que o soldado conheça o armamento individual.	No quartel á tarde.	
	R. T .A. P.	Exercicios de pontaria.	Exercicios de pontaria.	Exercicios de pontaria. — O que é trajectoria?	Exercicios de pontaria. O que é impacto?	Exercicios de pontaria. Influencia do tempo no tiro.	Fazer com que o soldado possa iniciar o tiro de instrução.	No quartel á tarde e nos dias de chuva.	
	R. O. T.	Apresentação da ferramenta portatil.	Nomenclatura da ferramenta portatil.	Apresentação da ferramenta grossa.	Nomenclatura da ferramenta grossa.	Utilidade da organização do terreno.	Fazer com que os soldados conheçam a ferramenta com que trabalham e o fim do trabalho.	No terreno de manhã e no quartel nos dias de chuva.	
	Maneabilidade	Marchar no campo distanciado um dos outros.	Apressar e retardar o passo — Desaparecer no terreno — Mediante sinais.	Os exercicios da 1.ª e 2.ª semanas, os soldados agrupados ou esquadra.	Os exercicios da 1.ª, 2.ª e 3.ª semanas os homens agrupados em G. C.	Os exercicios da semana anterior.	Obter dos soldados liberdades de movimentos no terreno de toda a especie.	No terreno de manhã.	
I. TÁTICA	I. INDIVIDUAL	Combate.	Distinção entre o valor das diferentes alturas e seus nomes.	Principais nomes dos elementos das alturas.	Principais nomes das partes baixas do terreno.	Que é um observatorio?	Observação duma faixa do terreno.	Dar aos soldados conhecimentos da denominação militar dos elementos do solo.	No terreno de manhã e á tarde.
		R. S. C.	_____	_____	Para que se marcha e estaciona?	Fim do combate e o que é combate?	Deveres dos soldados na marcha de dia.	Despertar nos homens conhecimentos da finalidade dos diferentes ramos da instrução.	De tarde e de manhã nos dias de chuva.
Marchas de treinamento.			2 kms.		4 kms.		Desenvolver a resistencia fisica da tropa.	Itinerario a fixar semanalmente.	

OBSERVAÇÃO

Tendo em vista a uniformidade da instrução da Companhia os instrutores organizarão fichas para cada assunto, asquais serão explicadas e distribuidas aos monitores com 24 horas de antecedencia.

Quartel na Villa Militar

BATALHÃO

1.º Regimento de Infantaria
PROGRAMA DE INSTRUÇÃO

COMPANHIA

1.º PERÍODO

1.ª SEMANA

DIA	HORA	LOCAL	REGULAMENTO	ASUNTOS	INSTRUTOR	OBSERVAÇÕES
Segunda-feira	6,h. às 9,m.30	Posto medico.		Posto medico.	Ten. A.	Uma turma Em caso de chuva são ministrados — Exercícios de pontaria e nomenclatura do F. O.
	6,h. às 7,h.40	Estadio dois.	Regulamento de Educação Física.	Curso de Estudos para Soldados.	Ten. ...	
	7,50 às 8,h.30	Pateo do	R. E. C. I. 1.ª	Curso do soldado - Posição de sentido e deslocamento — Voltas a pé	Ten.	
	8,h. às 9.30	Pateo	Nomenclatura do	Exercícios de pontaria do F. O.	Ten.	
	12,h. às 14,h. 14,h. às 16,h.	Alojamento Alojamento	Aula para análise R. T. A. P.	Exercícios de pontaria.	Sargentos e monitores.	
Terça-feira						
Quarta-feira						
Quinta-feira	Para os demais dias, basta dividir a instrução prevista para a semana no quadro do trabalho mensal.					
Sexta-feira						

SARGENTOS E CABOS

Para instrução diariamente das 10 às 11 horas, confecção das fichas dos assuntos a serem ensinadas no dia imediato.

DIVISÃO DE INSTRUÇÃO		PRIMEIRO MEZ	SEGUNDO MEZ	OBJETIVO A ATINGIR	MÉTODO DE ENSINO	MEIOS
Educação moral.		Aperfeiçoamento e desenvolvimento da instrução ministrada no 1.º Período.	Idem ao 1.º mez.	Idem ao 1.º período.	Idem ao 1.º período.	Idem ao 1.º período.
Instrução geral.		Idem	Idem	Idem	Idem	Idem
Educação física		Lições de educação física e de aplicações militares, sessões de treinamento e de desportos individuais e coletivos para normais e selecionados.	Idem quanto ao 1.º mez.	Fortalecimento físico do homem para auxiliar sua adaptação às diferentes necessidades do combate.	O da 2.ª parte do Regulamento francez.	Regulamento francez.
INSTRUÇÃO TÉCNICA	Ordem Unida	Escola da Companhia e aperfeiçoamento da Escola do Pelotão.	Escola da Companhia. — Aperfeiçoamento da Escola do Pel.	Manter o espirito de coesão da tropa, após cada sessão de trabalho em campo, torná-lo apto a se apresentar em publico.	No terreno de exercicio e em sessões especiais.	R. E. C. I. — 1.ª parte, artigos 238 a 257.
	Armamento	Aperfeiçoamento e desenvolvimento da instrução ministrada no 1.º Período.	Idem ao 1.º mez.	Idem ao 1.º período.	Idem ao 1.º período.	Idem ao 1.º período.
	Tiro	Tiro de F. O., Mosquetão e F. M. no Stand.	Idem ao 1.º mez.	Idem	Idem	Idem
	Organisação do terreno	Confeção de defezas accessorias e organisação dum P. O. e dum P. C.	Idem ao 1.º mez.	Tornar a Companhia capaz de bastar-se a si mesma.	De preferencia com o aproveitamento dos meios locais.	
	Maneabilidade	Escola da Companhia e aperfeiçoamento da Escola do Pelotão.	Escola da Companhia e Aperfeiçoamento da Escola do Pelotão.	Permitir que o Pelotão se habitue a se adaptar a qualquer terreno dentro da Cia.	Exercicios em terreno variado.	R. E. C. I. — 1.ª parte, artigos 258 a 267.
INSTRUÇÃO DE COMBATE	Combate	Revisão da instrução do Pelotão — A Companhia na marcha de aproximação em 2.º escalão (coberta). — A Companhia na marcha de aproximação em 1.º escalão Vg. do Btl. — A Companhia na tomada de contato.	A Cia. no ataque a um objetivo limitado. A Cia. no assalto. A Cia. na manobra dum nucleo de resistencia. A Cia. num ponto de apoio na posição e resistencia. A Cia. no escalão de resistencia nos P. A.	Tornar a Companhia apta a cumprir qualquer missão de combate.	Exercicios em terreno variado.	R. E. C. I. — 2.ª parte, paginas 218 a 237.
	Serviço em campanha	A Companhia na marcha de estrada. A Companhia no acampamento.	A Companhia no bivaque. A Cia. no acantonamento.	Tornar a Companhia apta de repousar nas melhores condições em qualquer especie de estacionamento.	Exercicios em terreno variado.	R. S. C. — Pags. 185 a 200.

BIBLIOGRAFIA

Recebemos e agradecemos:

Brasil

"Revista de Medicina Militar" (Janeiro a Junho de 1933)

Argumentando — Aspirações. Artigos originais: Clínica Cirúrgica — Pneumonia dupla e síndrome abdominal agudo — Spina ventosa — Considerações em torno de alguns casos de Cirurgia de Guerra — A propósito da técnica das tiroidectomias extra-capsulares. — Clínica Oftalmológica: Mais um caso de oftalmopatia de indiscutível origem dentária. Medicina Legal: Os raios X desvendando idades. Pediatria: Sobre um caso de distrofia grave com diarreia. — Biologia — Físico-Química — Microbiologia: Um caso de embrioma do canal inguinal. Assuntos médicos-militares: Condições especiais de incapacidade para a arma de Aviação — A transfusão nos Exercitos — Medidas de profilaxia da malária aconselháveis na defesa das tropas do Exercito em regiões da Amazonia — As especialidades no Corpo de Saúde do Exercito — O valor da pomada de calomelanos na profilaxia anti-venerea — A Aviação Sanitária na nova Convenção de Genebra — Profilaxia da tuberculose na Força Publica de São Paulo — serviço cirúrgico. Notas Clínicas: Tolerancia perfeita de um corpo estranho de grande tamanho e rara localização — Basedowismo frusto? — A glicose hipertônica por via endoflébica como tratamento de escolha da pneumonia lobar. — Análises. Química e farmácia: Dosagem de alcaloides — Métodos de depuração da água em campanha — Formulário Médico farmacêutico do Exercito. Reunião dos Clínicos do H. C. E. — Bibliographia. — Sumário das Revistas. — Noticiário.

HILÉIA — Órgão oficial da Sociedade Civica e Literaria do Collegio Militar de Porto Alegre — n. 3 do anno XI — 1933.

INFORMAÇÃO GOIANA — Julho e agosto de 1933. Numero relativo ao XVII ano. — Parabens ao confrade do Brasil Central.

AZAS — Órgão officioso da Aviação de Terra e Mar — ns. 35 a 39, de 1 e 16 de Junho, 1 de Agosto, 1 e 16 de Setembro de 1933.

EUROPA

FRANÇA

LA REVUE D'ARTILLERIE — Julho 1933, contendo:

Application au tir par coups fusants hauts de l'assimilation de la trajectoire á une hyperbole. Le tir contre aéronefs pendant les premières années de la guerre. Evolution des méthodes de tir du règlement de 1910 au règle-

ment de decembre 1915. Le Generalissime malgré lui. Le blocus de Vincennes en 1815, Determination d'un point par relèvement á l'aide du calcul. Necrologie: Le Général de division Augé, Renseignements divers. Bibliographie. Partie officielle.

— Agosto de 1933 — contendo:

En marge des réglemens. Plan d'installation du groupe. Caracteristiques essentielles du canon divisionnaire. Un tir de guerre par observation unilatérale. Aux jeunes artilleurs. La guerre au XIV siecle avec Du Guesclin. Du Fougeray á Cocherel. Renseignements divers. Bibliographie et Partie Officielle.

REVUE MILITAIRE FRANÇAISE — Julho 1933, contendo:

La manœuvre defensive. Essai sur le renseignement á la guerre. De la bataille de la Marne á la Galicie en 1916. Reunions et cercles d'officiers. Nouvelles militaires de l'Etranger. Livres et Revues.

— Agosto de 1933 — contendo:

Essai sur le renseignement á la guerre. L'offensive sur Colmar en 1914. La campagne de Hoche dans les Vosges en 1793. La bataille de Galicie en 1916. Reunions et cercles d'officiers. Nouvelles militaires de l'Etranger. Livres et Revues.

REVUE DE CAVALERIE — Julho e Agosto de 1933, contendo:

La defense de la brèche Kluck-Bulow par les corps de cavalerie Marwitz et Richthofen. Le Problème de la vision dans les antomitrailleuses et les chars. L'élevage en Pologne. Un groupe de reconnaissance en couverture et dans une marche offensive. Chronique sportive: I — concours hippique international militaire de Nice en 1933; II — Le concours international de Rome en 1933; III — Les épreuves régionales du cheval d'armes; IV — Les épreuves de dressage en 1933 e V — Le record du saut en hauteur. Bibliographie et Partie Officielle.

ESPAÑA

MEMORIAL DE INFANTARIA — Setembro de 1933, contendo:

Arte Militar: El enlace de la Infanteria y la Artilleria. — El servicio de información. Tactica y Tiro: Sobre variaciones en la profundidad de los agrupamientos. Miscelania: Cómo se prepara un tirador de concurso? — Cronica Militar: Esquema de las teorías militares del general von Seeckt. — La formación y el perfeccionamiento de los oficiales de reserva en el Ejército soviético. — Qual será el carácter de la guerra futura. — Aviación y mecanización. — Noticias militares: Torneo de oficiales de Infanteria (Italia). — Las condiciones de incorporación a la Reichswehr (Alemania) — Comisión permanente de movilización de la nación (Bélgica). — Consejo Superior del Ejército — (Checoslovaquia) — Motorización de la Infan-

teria (Estados Unidos). — Efectivos presupuestos (Francia). — Los ascensos en el Ejército británico (Inglaterra). — Revista de Revistas: Sumarios — Extractos: Las exigencias de la guerra de material: Bibliotheca: 3ª entrega del "Libro de Oro de la Infantería" (3ª parte, 3ª entrega de Clases y Soldados muertos). — Escolilla mensual del arma.

REVISTA DE ESTUDIOS MILITARES — Julho de 1933, contendo:

Las grandes maniobras del Ejército Italiano en 1932. En el Appennino Umbro-Marchigiano — Motorización — Cuestiones actuales: Alrededor de las ideas del Coronel Gertsch. — Encuesta — Cronica: Méjico — El segundo año de estudios de la Escuela Superior de Guerra. De todas partes: España — Instrucción defensiva para todos los ciudadanos. Alemania — Sección montada en el regimiento de Infantería. Francia — Protección contra los gases: Modificaciones en el Consejo Superior de la guerra. Inglaterra — La Caballería y las fuerzas mecanizadas. Italia — Ejército de tiro. Defensa antiaérea. Palomas mensajeras. Japón — El conflicto chino-japonés y la campaña de Jehol. Russia — Empleo del cinematógrafo en la instrucción de Oficiales y clases del ejército rojo. — Libros — Sumario de publicaciones — Temas tácticos — Con la 48ª promoción de la Escuela de Guerra de París, por el Teniente coronel Uguet.

A M E R I C A

URUGUAI

Anales de la Escuela Militar — 1933. —

REVISTA MILITAR Y NAVAL — Julho e Agosto de 1933, contendo:

Division Militar: De la dirección — El sentimiento de la Patria en la Escuela Publica — Empleo y rendimiento de los medios de información — El combate — El banco de pruebas de eibar — El combate — Metodo de enseñanza practiva — La cartografia del Instituto Geografico — Valor de la tradicion — El Ejército del aire — Los ingenieros militares en nuestro pasado. Informaciones Militares: La maniobra estrategica por automoveis — Cañones Berta — Las maniobras del Oder. Alemania — La aviacon Militar — Infirmaciones diversas — Decretos y resoluciones de interes general en Julio — Homenaje a los camaradas que se van — Libros a disposicion de los sres. oficiales en la Biblioteca del Ministerio de Guerra y Marina. Pagina amena: Muerto sobre el campo. Division Naval: Aspecto aerodinamico de un ensayo de construccion aeronautica — Determinación automatica continua de los elementos de posicion y de movimiento de una nave — El primer sumergible — Tactica naval — Notas de la Escuadra Japonesa — Recuerdos maritimos. — Pagina amena: Como fue el hundimiento del "Lusitana" — La bandera sobre las ruinas. Biblioteca del Ministerio de Guerra y Marina: Sumario de revistas de canje.

V E N E Z U E L A

REVISTA DEL EJÉRCITO, MARINA Y AERONAUTICA — Maio de 1933, contendo:

San Martin — Los grandes capitanes, nes, San Martin — Visita de la Fragata "Presidente Sarmiento" — Corriendo un temporal con la "Sarmiento" — Carros de Combate o Tanks, traduccion y arreglo — Métodos de Instrucción — Las balas luminosas el reglaje del tiro de las ametralladoras — Las Lecciones Militares de la Guerra — Origenes del Militarismo Heroico en Venezuela — Por qué no me alzo — Un episodio de la guerra naval — Apuntes sobre el servicio de guarnición — A la Fragata "Presidente Sarmiento" — Tradiciones Populares de Venezuela — La Tradición Guerrera de la Raza — El mariscal Foch y los Cadetes Navales — Ascensos.

— Numero 26 — Junho de 1933, contendo:

Resolución del Ministerio de Guerra y Marina — Don Quijote Bolivar — Bolivar, discurso — Bolivar — La América y el Libertador — El Cenit del Héroe — Los caballos de Bolivar — Simón Bolivar — La Aurora de la Libertad — Quiénes ganaron en Niquitao? — El más grato servicio — El libertador en Santiago de Chile — El Natalicio del Libertador — Bolivar, el Héroe y el Genio de la América — El Libertador — Nuestro Aniversario — Relación Histórica del General Pedro Briceño Mendez.

Grabados: Alcoba donde nació el Libertador, el 24 de Julio de 1783. — Urna que guarda las cenizas del Libertador en el Panteón Nacional — Benemérito General Juan Vicente Gómez, Presidente de la República — Monumentos y Estatuas del Libertador: en Caracas, New York, Bogotá, Panamá, Lima, La Paz, Maqueta del Monumento que se erigirá en Quito; Estatuas del Libertador en: Maracay, San Pedro Alexandrino, Maracaibo, Medellin, Ciudad Bolivar, Cartagena (Colombia), Valencia (Venezuela), Barranquilla, Barquisimeto, Mérida (Venezuela), San Cristóbal y Calabozo. — Bolivar, óleo de Arturo Michelena. — Estatua del Libertador en Santiago de Chile.

— Numero 27 — Julho de 1933, contendo:

Mi Delirio sobre el Chimborazo — La Evolucion de los Ejércitos Modernos — El Vuelo Transatlántico de Balbo. — Las Fuerzas Morales para la Guerra — Cartas a um Oficial, por el General Bernard — La Guerra Moderna — OOrigenes del Militarismo Heroico en Venezuela — Lección inaugural de la Cátedra de Quimica en la Escuela Militar y Naval — La Acción eroica — El 24 de Julio en Puerto Cabello. — El Dia de la Paz — Ascensos — Ley Orgánica del Ejército y de la Armada. Grabados: Homenaje a Jorge Washington en el aniversario de la Independencia de los Estados Unidos de Norteamérica, 4 de julio de 1933. — General Italo Balbo. — Varias ilustraciones del trabajo Origenes del Militarismo Heroico en Venezuela. — El 24 de Julio en Maracay: el Benemérito General J. V. Gómez, Presidente de la República, en la recepción del Ministro de México, Excmo. Señor Ministro de México. — El Benemérito General Presidente de la República en la inauguración de la escuadrilla de aviones para el Servicio Aeropostal. — Vista de los aviones. Dormitorio del Cuartel de Caballería "Páez" en Macay — Nuevo Modelo de cama de hierro para la tropa — Tres vistas referentes a la inaugura-

ción de un Busto del Libertador en el jardín del Astillero Nacional de Puerto Cabello, el 24 de julio — Dos grabados de la celebración del 24 de julio en Maracaibo — Vista parcial de Ciudad Bolívar — El Capitán Don Mariano Barbe-
ran y Tros de Ilarduya — El Teniente Don Joa-
quin Collar Serra — El avión "Cuatro Vientos".

S ã O S A L V A D O R

CIRCULO MILITAR — Maio e Junho de 1933, contendo:

Paginas editoriales: Aunemos Nuestros Es-
fuerzos — La Obra Educativa del Ejército —
Ante el Problema Social del Proletariado — Por
Qué Siempre Inspiraron Desconfianza los Pa-
ctos de Washington. Sección profesional mili-
tar: Nociones Sobre la Conducción de la Guer-
ra — La Nueva Ordenanza del Ejército — La
Humanización de la Guerra — Leyendo un Li-
bro — Tiro Aéreo — Comentarios a un Proye-
cto de Ley — La Caballería — Traducción del
R. O. T. C. Norte Americano — Origen de Al-
gunas Costumbres Militares. Divulgaciones va-
rias: Hidrógeno — Cálamo Corrente — El "Li-
cenciado" del 6° — La Ciencia de la Numerolo-
gia — Prosas Breves — Alas — Mirando Jugar
un niño — Un Mozo Vivo — Información Na-
cional — Información Extranjera — Por el Cir-
culo Militar.

A R G E N T I N A

REVISTA MILITAR — Março de 1933, contendo:

La acción del jefe de regimiento en la ins-
trucción de su unidad — Tiro de artillería —
Conferencia mundial del desarme — Desde mi
puesto de observación en París: El servicio de
protección de fronteras (XX) — Justicia mili-
tar — Cuestiones de infantería (V) — Pólvo-
ras — Reflexiones referentes a la instrucción a

caballo (IV) — Material telefónico (VI) —
Schlieffen — La defensa de la brecha Kluck-
Bulow por los cuerpos de caballería Marwitz y
Richthofen (III) — Influencia y límites fisio-
lógicos de la velocidad y de sus derivados —
Trayectorias acotadas — Crónica militar — Bi-
bliografía.

P E R U

REVISTA DE LA ESCUELA MILITAR
— Junho e Julho de 1933, contendo:

La Instrucción General en el Ejército —
Apuntes sobre el Ejército Incaico — La Escue-
la Superior de Guerra de París — Conferencias
sobre el tiro de Artillería — Piedra natural de
construcción — El Cincuentenario de la Bata-
lla de Huamachuco — Algo sobre Transmisio-
nes — Crónica. — Folletín: La Enseñanza del
Combate en el Grupo y la Sección — Proyecto
de Reglamento de Instrucción General del Ejér-
cito.

M E X I C O

REVISTA DEL EJERCITO Y DE LA MA-
RINA — El Señor General Quiroga, designado
Secretario de Guerra y Marina — Importante
movimiento de funcionarios en la Secretaría de
Guerra y Marina — La transformación del
Ejército — México y España — División Terri-
torial Militar de México y Organización del
Ejército en Grandes Unidades — Observaciones
y sugerencias para el Servicio de Intendencia
General del Ejército — Consideraciones sobre
las Revistas de Inspección — La Palacría —
Graig Ralston (Traducción del licenciado Ra-
món Beteta) — Quién fué el verdadero respon-
sable de la muerte del General Vicente Guerre-
ro? — México y la Independencia de Cuba —
La participación de los Estados Unidos en la
Grande Guerra — Acotaciones sobre Colombo-
filia — Información General — Notas Biblio-
gráficas — Periódicos recibidos.

ERRATA

No artigo "SERVIÇOS DE FUNDOS E DE
INTENDENCIA", de autoria do 1.º Tenente
José Salles, publicado no numero de Setem-
bro findo, devem ser feitas as seguintes cor-
rigendas em alguns enganos tipográficos que
escaparam á revisão:

Pagina 457 — linha 33, da primeira co-
luna: Onde se lê — *satisfaça* deve-se lêr —
satisfaz;

Pagina 457 — linha 27, da segunda co-
luna: Onde se lê — *unção* — deve-se lêr —
função;

Pagina 457 — linha 24, da segunda colu-
na: Onde se lê — *autonomas* — deve-se lêr —
autonomos;

Pagina 457 — linha 43, da segunda colu-
na: O final do periodo, aí, é: "...mas a exá-
ta aplicação dos termos sempre impressiona
bem, merecendo, portanto, ser cuidadosamen-
te observada, afim de se evitar tanto quanto

possivel as criticas malévolas". E não como
está publicado.

Pagina 458 — linha 41, da primeira co-
luna: Onde se lê — *primordia* — deve-se lêr —
primordial;

Pagina 458 — linha 33, da segunda co-
luna: Onde se lê — *raciona* — deve-se lêr —
racional;

Pagina 459 — linha 48, da primeira co-
luna: Onde se lê — *iferença* — deve-se lêr —
diferença.

PLANO DE AREIA EM RELEVO

ERRATA DO N.º 232

Pag.	Linha	Onde diz	Lêr
517	21	trilha	colher de pedreiro
518	25	pinhão anão	pinheiro novo
522	15	colher	colher de pedreiro
528	25	de...	quando fôr o caso

Folha impressa para organização das lições de educação física

Pelo 1.º Ten. Léo Borges Fortes

O interesse demonstrado por alguns camaradas na utilização de nosso impresso destinado a organização das lições de educação física e assemelhadas, levaram-nos a dar-lhe maior divulgação, a par da competente remessa á nossa Escola de Educação Física do Exército, a titulo de sugestão.

E' ella o fruto de, observações colhidas entre lições organisadas por varios companheiros, e de sucessivos aperfeiçoamentos, tendo sido a que publicamos no cliché, mandada imprimir e por nós empregada e ainda hoje adotada numa de nossas unidades de artilharia de costa.

São suas qualidades principais:

1.º — simplicidade — quer facilitando o trabalho de organização da lição (qualquer que ella seja) de parte do instrutor, quer auxiliando a apreensão pelos monitores;

2. — claresa e concisão — pois que completada pelo croquis, permite uma noção precisa do material fixo a utilizar e determinação dos diversos itinerarios a percorrer durante a execução da lição;

3.º — economia de material e tempo — a par de facilidade de maior distribuição entre monitores e interessados;

4.º — estética — pois a folha impressa é mais agradável á vista e permite a reunião em um volume homogeneo do conjunto das lições dos diversos periodos, tal como fizemos no Forte do Imbuí.

A folha modelo deve ter as dimensões de 30x20 com pequena margem de modo a ser enquadrada dentro das dimensões do papel de datilografia podendo assim ser anexada aos programas semanais de instrução dos corpos de tropa, si necessario.

Consta a folha de 5 partes essenciais:

No réto:

1.º — TITULO E INFORMAÇÕES UTEIS — permitindo a determinação de todas as indicações necessarias, tais como sejam, semana de instrução, especie de trabalho, regimen, local, etc., facilitando a apreensão pelos monitores e controle pelas autoridades superiores.

2.º — CROQUIS — O croquis do material fixo permite a indicação dos aparelhos utilizados na lição e dos percursos e seriação dos exercicios, facilitando-lhes a execução. Para tal deve a figura representar a perspectiva real do aparelhamento existente. No Forte do Imbuí onde applicamo-la, tivemos antes do inicio do periodo de instrução, o trabalho inicial da instalação de aparelhagem rustica, de que trataremos posteriormente em outro artigo.

3.º — QUADRO DA SESSÃO PREPARATORIA — servindo para qualquer especie de trabalho, não necessita explicações detalhadas.

No verso:

4.º — QUADRO DA LIÇÃO PROPRIAMENTE DITA — Tambem não necessita explicações detalhadas; o grande espaço existente entre cada familia, permite enunciar um ou mais elementos de acôrdo com o regimen e frisar quais os que devem ser executados nas diversas sessões de estudo. A inutilisação das colunas extremas permite o emprego do espaço central na organização da lição propriamente dita das sessões de jogos e esportes individuais e coletivos.

5.º — QUADRO DA VOLTA A CALMA — servindo para qualquer especie de trabalho tambem não necessita maiores explicações.

1.º D. A. C.
Setôr de Leste

1.º G. A. C.
2.ª BATERIA

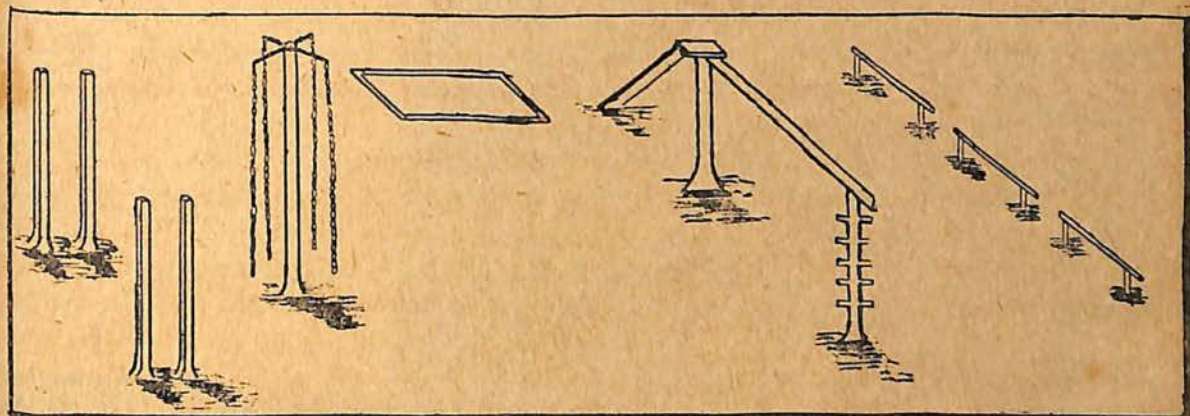
FORTE DO IMBUI

PROGRAMA SEMANAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho Hora
Regimem Duração
Local Uniforme
Material movel necessario

CROQUIS

MATERIAL FIXO



SESSÃO PREPARATORIA

DURAÇÃO APROXIMADA

ELEMENTOS	N.º	Posição Inicial	ENUNCIADO	Ritmo	Repetição
A Evoluções					
a) dos braços					
b) das pernas					
c) do tronco					
d) combinados					
e) disimetricos					
f) da caixa toraxica					

B FLEXIONAMENTOS

LIÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Duração Aproximada.....

FAMÍLIA	Categoria	N.º	Enunciado	Repetição
1) Marchar				
2) Trepas				
3) Saltar				
4) Suspender				
Carregar				
5) Correr				
6) Lançar				
7) Atacar				
Defender-se				
	Jogos			

VOLTA À CALMA

Duração Aproximada.....

Quartel no Forte do Imbuí, em de de 193.....

.....
1.º Ten. Enc. da Ed. Física